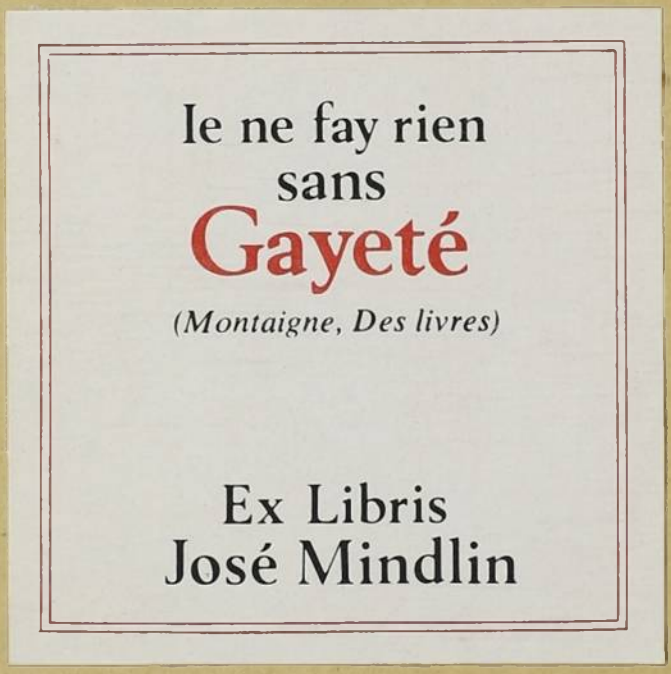
VALDOMIRO SILVEIRA

OS CABOCLOS



Monteiro LOBATO & C.ª Editores S. Paulo


Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

OS CABOCLOS

VALDOMIRO SILVEIRA

OS CABOCLOS



1920

EDIÇÃO DA "REVISTA DO BRASIL,,
MONTEIRO LOBATO & C. - S. PAULO

Typ. Soc. Editora Olegario Ribeiro - R. Abranches, 43 - São Paulo

Santos, 23 de Julho 1920.

Meu caro Monteiro Lobato:

Falar de Valdomiro Silveira e da sua obra, que patrioticamente começas a imprimir, é para mim tarefa muitissimo agradavel, como bem podes imaginar. Promptifico-me, pois, a fornecer os esclarecimentos que em carta me pedes, e que te parecem indispensaveis aos leitores d' "Os Caboclos".

Antes de tudo, é bom ir-te dizendo que Valdomiro foi o creador da literatura regional no Brasil. Quero fazer-lhe esta justiça, que outros demoram tanto em praticar, correndo-lhes, mais que a mim mesmo, o desempenho de tão leve obrigação. De facto, até 1891, data em que apparece no "Diario Popular", de S. Paulo, o seu primeiro conto intitulado "Rabicho", não me consta que nenhum escriptor brasileiro manifestasse qualquer pendor para o

regionalismo, que desde então se tornou a nota mais viva das suas producções, estampadas no "Diario da Tarde", n' "O Paiz", na "Gazeta de Noticias", n' "A Bruxa" e na "Revista Azul". Trazia Valdomiro a publico scenas ineditas da roça, typos, costumes, paisagens e aspectos inteiramente novos do sertão, servindo-se para isso de um estylo proprio e inconfundivel, e de uma arte superior, cuja simplicidade impressionava. A escola por elle fundada, prestigiou-a desde logo a penna illustre de Affonso Arinos; honrou-a com seus trabalhos o immortal patricio Coelho Netto, e nella se inscreveram muitos e muitos outros nomes, inclusive o do fulgurante auctor dos "Urupês".

Todos os contos que fazem parte d' "Os Caboclos", Valdomiro os escreveu entre 1897 e 1906, menos "Desespero de amor", que encerra o volume, feito especialmente em 1915 para a "Revista do Brasil", onde foi publicado; os outros, com excepção de "Os curiangos" (que a meu pedido o auctor conservou inedito

até hoje), representam 30 % da sua collaboração effectiva, por alguns annos, n' "O Estado de São Paulo".

A linguagem em que "Os Caboclos" são escriptos não contém nenhum aggravo ao idioma de Camões, de Bernardes e Vieira, que Valdomiro sempre cultivou com carinho inegualavel; entretanto, nos dialogos, a sua prosa resente-se de um forte pico dialectal, — o que não pode ser por menos, attendendo-se ao escrupulo do escriptor em reproduzir o mais fielmente possivel os vicios e modismos que affectaram a lingua-mãe numa zona cuja extensão abrangerá passante de 200.000 kilometros quadrados (metade de S. Paulo, sul de Minas, trechos do Paraná e parte do Rio de Janeiro). Para os pouco versados nos segredos do dialecto, organizou o auctor — e vai no fim do volume — um breve elucidario contendo centenas de vocabulos e expressões regionaes com a sua exacta significação.

Amores da familia e obrigações do fôro

tiraram a Valdomiro, ultimamente, quasi todo o vagar para se dedicar com o antigo ardor ás letras de sua predilecção; todavia, o que elle realizou em cerca de 30 annos de trabalho está condensado em 7 volumes, que successivamente irão saindo á luz da publicidade. É tudo isto:

Os Caboclos . . . . . contos
Mucufos . . . . . contos
Mixuangos . . . . . contos
Nas serras e nas furnas . . contos
Caçadores . . . . . contos
Leréias, narrativas escriptas em dialecto.
A sina da Nhára, novella sertaneja.

Nestes sete volumes recolheu Valdomiro o melhor da tradição sertaneja, ameaçada de morte pela inevitavel enchente da civilização.

Escreveu mais, em português sem mescla:
Chronicas (collaboração em jornaes).
Simplicidade (livro de assumptos varios).

Monteiro Ramalho, no *Dom Tarouco*, alimentava a modesta pretensão de ensinar um

pouco de Portugal aos portugueses do seu tempo; Valdomiro Silveira, com a só publicação d' "Os Caboclos", vai ensinar muita cousa do Brasil aos brasileiros de agora.

Aqui fica ao teu dispôr, para novas informações, sendo necessarias, o

amigo e velho admirador

AGENOR SILVEIRA.

SCENA DE AMOR

Não foi á toa que lhe disseram, num dia de muita queixa e desanimo:

— Dê tempo ao tempo, filho de Deus! Isso de você pensar que não acha quem lhe queira, só p'r amor de uma desgraça que acontece p'ra Fulano e p'ra Beltrano, ou uma infallencia nas feições, que assuccede p'ra Pedro e p'ra Paulo, é bobage da marca maior!

O Chico Luis, a principio, combateu a consolação como quem trazia comsigo argumentos com fartura; teve por certo que aquillo eram palavras de gente de coração brando, nada mais: e chegou a rever, entre si, de repente, o proprio rosto, moreno pela testa e no queixo, alvo nas faces até as orelhas, sarapintado e horrivel, ao fundo do qual os olhos brilhavam, taes quaes os de um gato mourisco em sanha. E, como si estivesse sózinho, e banzando, falou através de um riso amargo:

— O pobre do malacara!

Mas o compadre e a comadre levaram de porfia soce-

gal-o e dar-lhe coragem. Entraram a dizer-lhe que, lá por isso, não: que o feio era matar, e roubar, e diffamar a familia dos outros. Olhasse para a Candóca, por exemplo: estava perto, podia ser vista a qualquer hora, e não andava, como elle, fazendo lamuria e prantaria a vida inteira. Entretanto, a Candóca era chimbéva e cambeta...

Quasi que elle sorriu, naquelle instante. Não é que a filha do Quim Gracía, com ser ûa moça de boa presença e de boas maneiras, manqueteava como quê e tinha o nariz chato e grosso que nem o dum perdigueiro legitimo? E era a filha do Quim Gracía: creatura que de seu possuia apenas as mãos para o trabalho e um peito sacudido para a ciranda ou para o desafio. De boniteza, nada; de herança ou dote, a mesma coisa —, e vivia alegre a mais não poder, brincando e cantando, recebendo a noite, e o dia como elles vinham sem raiva nem murmuração.

Esteve quieto algum tempo, rufando a mão direita no couro fino da patrona, passando-lhe os dedos abertos nos cabellos compridos, assobiando agora, depois suspirando. Entreabriu mais de uma vez a bocca, mas continuou calado. Levantou-se, foi até a porta do terreiro, voltou e sentou-se.

— Lá isso é mesmo, comadre. Mas comtanto que a Candóca é bem engraçadinha, pois não é?

Pois era isso mesmo, desde que elle pensava isso: moça, chita e fita, não ha feia nem bonita. Tudo vai de

quem olha, e da hora. Do mesmo geito que, para elle, a capenga não tinha grande feiura, para alguma china do bairro elle podia ser um encanto, de belleza. Tudo vai de quem olha, e da hora.

Mas, de então por deante, como quem traz canseira antiga e pára á beira do caminho, não cuida em mais nada, assenta-se para adormecer e logo sonha lindas coisas, o Chico Luis não tirou o sentido dalli: estava bem nos casos de ser querido da filha do Quim Gracía, uma pobrezinha, uma coitadinha, tão pobre e tão coitada, que levava dias áfios a lidar no corrego, e até que horas da noite a cirzir e remendar junto á candeia de azeite.

Pegou a rodear-lhe a casa, de longe e acauteladamente. Primeiro, chegava á cerca do piquete, escondia-se, entre as moitas altas de massambará, sustinha a respiração, como si ella ou alguem caminhasse por perto, e ficava horas e horas á espera que saisse para a fonte, ou que fosse malhar o feijão á frente da casa, ou que fosse tratar da criação. Quando ella apparecia, elle apagava-se mais na sombra das touceiras, unia-se bem ao escuro e desapparecia duma vez.

Depois, querendo observal-a melhor e mais regaladamente, deu em trepar a uma urucurana cheia de barbas-de-velho: assapava-se no galho mais grosso da arvore, abraçando-se aos ramos interiores, e olhava para a casa do Quim Gracía com profunda e suavissima ternura, ansiado si não vai a Candóca, todo tremulo si a via.

Pensou em mandar notar-lhe uma carta: o proprio irmão do compadre, que chegára de pouco, muito estudado e sabido, era cuéra na penna. Estava certo que havia de sahir lindeza louca pela carta afóra. A moça havia de ver uma arengada tão rica e tão dolorida, que até pareceria verso. Mas a carta ficou em pensamento: lembrou-se que o notador, ao menos emquanto escrevesse, diria amores e doçuras á filha do Quim Gracía —, e teve rebates de ciume...

Ora, um bello dia, não podendo mais comsigo, apontou no corrego de sopetão, e foi rasgando logo o pinho:

— Como vai, nha Candóca? O seu povo 'tá bom?

Não esperou resposta nem palavra:

— Eu ando agora feito uma sombra sua, p'ra baixo e p'ra riba, sondando as suas saídas e as suas chegadas, campeando um pequeno geito de lhe falar certas falas.

A moça, admirada, olhava-o meio de banda. Mas foi sem doce nem amargo que lhe disse:

— Agora topou o geito, não topou? Fale agora.

— E' que eu 'tava querendo...

— Querendo o que?

— Perguntar si um home, que não tem muito de seu, mas porêm que não 'tá olhando p'r' a lua, quizesse casar com vancê, nha Candóca, vancê queria casar co' elle?

Ella não disse tique nem taque.

— ... E si esse home, que tem sustancia e talento nos braços, que sabe como é que se trabuca a vida, que estima

vancê como gente, que é de tuda a verdade..., si esse home fosse um desinfeliz de cara manchadinha, o que é que vancê respondia, nha Candóca?

Ella avermelhou-se toda, ficou toda enleiada e confusa.

— ... Nha Candóca, si esse home fosse eu?

Compondo um pouco a trança, desarranjada no bater da roupa, ella ergueu a cabeça e olhou-o nos olhos, com segurança e firmeza:

— Eu casava co' esse home, seo Chico Luis.

Elle tremia que nem crissiúma em dia de léste:

— De véra, de devéra?

— De véra.

Correram-lhe grossas lagrimas pelo rosto desbotado:

— Não arrepare nisto, viu, nha Candóca? Eu tenho padecido tanto, que 'tou agora quasi sem força p'ra tanta felicidade. E eu lhe quero tanto bem!

— Pois si quer, e já teve lado de dizer o que percisava, 'tá tudo feito. A vida não é coisa que mereça choro e tristeza da gente...

Uma correição de taçuíras começára a passar pelo trilho onde elles conversavam. O Chico Luis teve que afastar-se. Mas ahi, como se afastasse, roçou-lhe uma das mãos a trança da Candóca. Tomou a trança nas mãos, beijou-a deliciadamente. E foi então que a tarde se fez côr de fogo no poente, muito azul para o alto do céu, e as nhansanans cantaram de rijo no meio das tabôas agitadas.

POR MEXERICOS

O Fernando, enlevado no trabalho, não viu quando lhe chegou á porta o Chico Ferro: corria o formão por um tóro de peroba e, rasgando fitas e fitas côr de rosa, punha gosto em ver que se enrolavam como uma trança desfeita, pendiam para uma banda e caiam no chão, entre os sarrafos e a serragem. Muito tempo alli esteve o outro, sem dizer agua vai, com um cargueiro de furia e de recriminações: e foi bem que parasse muito tempo, quieto assim e frigindo, porque teve um pouco de mão em si, mediu as palavras que havia de dizer, pesou as consequencias, equilibrou tudo a ouro e fio.

Como o Fernando se voltasse e afinal désse com elle, salvaram-se; entrou, poz a um canto a munheca de cutia e o chapéu de couro:

— Eu vim apôs de vacê, nho Fernando, a troco de uns diz-ques destes dias: tenho visto dizer (e isso anda quente p'ro bairro), que no dia da Resurreição nh'Antonia fez zombaria da minha dona, junto c'umas cariocas do Em-

baú, e botou a tesoura dereito naquella pobre, que não tava pisando no rabo do cachorro de ninguem.

O Fernando franziu a testa, mas o Chico Ferro foi adeante:

— Vacê bem sabe, no fim das contas, que negocio de mulher é mulher que deslinda: da parte da rua p'ra fóra é que começa a discutição dos homes. Mas a dona 'tá meia mofina, e como tem o sangue meio quente, ficou em termos de garrar ûa malinconia preta: por isso é que eu 'tou aqui preguntando pr'a vacê o que não havéra de preguntar p'r'a sua companheira.

O Fernando abriu a bocca, ia dizer qualquer coisa. Mas o Chico Ferro foi adeante:

— O caso foi este. A dona é ûa mulher simpre, sem prosa nem uma, cuidadeira de seu que fazer, maneira de trato, sussegada de genio; quando põe o pé p'ra cá da soleira, é p'ra ir no arraial assistir ûa missa, ou p'ra fazer companhia num terço, ou p'r'ajudar ûa camarada em qualquer dia de desgosto macota: p'r'um passeio, propriamente, a minha costella não mexe de casa. Vacê não acha mesmo ruim a mulher da gente viver corre-correndo p'ro mundo, ver um bicho desinquieto, que não tem parada nem descanso?

O Fernando fez menção de responder. Mas o Chico Ferro foi adeante:

— Eu, pr'a mim, assento que é muito verdade o que soletra aquelle verso velho:

A mulher e a gallinha
nunca deve, passear:
a gallinha bicho come,
a mulher dá que falar.

Por essa rezão é que 'tou bem alegre c'a sina que Deus me deu, dês que casei com quem casei: inté hoje não me arrependi nem isto (aqui o Chico Ferro mostrava a unha de um dedo da mão); gyro a minha vida sem peso nem um no coiração, campeio minhas argencias na lei do sussego, não bulo c'os outros, e tambem não hai filho de Deus que bula comigo.

Foi então que o Fernando não pôde mais conter-se:

— Mas a resto, seo Chico, mecê desembucha ou não o seu queixume? Diz que veio aqui p'r amór de uns falatorios...

O Chico Ferro entre-sorriu:

— É certo, nho Fernando, eu vim. Agora, quando tem certas miudezas que me esquenta 'a cabeça, eu garro a querer dizer isto e sai aquillo, vou falar periquito falo papagaio, é o dianho! Mas comtanto que já lhe ponho por miudo a historiada inteira.

Passou a mão nas barbas do queixo:

— Vacê conhece o que é a moda, pois não? De premeiro, o que era mais consoante p'r' uma senhora bem arranjada, era a saia-balão, com tudo aquelle volume e aquella rodona; despois foi não sei o que, despois não sei o que mais; tudo muda; agora, nestes derradeiros tempos, o que

voga mais é a anquinha, com perdão da palavra; mulher que não quer passar por matuta, quando se apincha p'r'o povoado, tem que grudar aquelle murundum nas costas: é da moda, e a moda é que nem o tocador, que toca lá o que lhe dá na veneta, p'r'a gente dançar pelo toque. Vacê tambem não tem o mesmo pensar?

A aberta, que fez para o Fernando, fechou-se logo:

— Ora me falaram, nho Fernando, que lá no arraial, veirando a egreja, e quando a minha dona passava, a sua dona, que 'tava no meio do dito terno das cariocas, fez esta galhofa, que eu, p'ra mim, jurgo que é muita injuria: "Uiai! a Quina do Chico Ferro [com tamanho tundá nas cadeiras, feito um irapuá na forquilha duma arve!" As outras diz que levantaram gargalhada de todo o porte, e a coitada da minha Quina é que passou por essa vergonha.

O Fernando franziu a testa novamente:

— E antão?

— Antão (voltou o Chico Ferro), eu queria saber si aquella prosa é mesmo prosa, si foi enredo que me fizeram, ou si foi verdade; porque eu, nho Fernando, sou legitimo marido da minha mulher!

— E é um hominho corê-corê duma vez!

— Não me diga isso, nho Fernando!

— Um sojeito pararaca!

— Nho Fernando, eu não tenho sangue de peixe: vacê tempere essa lingua!

— Um trem á toa!

O Chico Ferro ficou todo vermelho; tremeu os labios, um instante, como aquelle que vai, com ditos grandes, botar o mundo abaixo; lançou rapidas faiscas dos olhos quasi em sangue; olhou para um lado e para outro...

Mas passou de vagar a mão pelas barbas do queixo: pegou no chapéu de couro e na munheca de cutia, fez uma leve mesura, e poz o pé fora da casa:

— Home, isto é negocio das mulher, não é p'r'os home' brigar!

HORA QUIETA

Andal-a pombeando por dias e dias, aqui e algures, para ter um momento sossegado de lhe dizer amores; ficar, desde pelo abrir da manhan até o sol quente, amoitado nas marianeiras, para ter, quando nada, o gostinho de vel-a; não dizer esta bocca é minha, no meio das conversações, para poder estar mais livre e mais livre escutal-a: era tudo tarefa do Bellarmino, dês que pegou a querer-lhe ás direitas.

Ai! si ella tambem lhe queria! Não tinha, por assim dizer, um minuto de seu: o coração andava occupado com elle, as olhos enxergavam-no por toda a parte, ouviam-no os ouvidos onde quer que ella fosse, tanto e de tal geito, que as camaradas chegavam a recommendar-lhe:

— Juruty, você não ponha muita fiuza em amor ansim de primo, que ás vez' traz mais engano que o que vem de lá de trás da serra!

A' Juruty, porêm, não se lhe dava daquelles medos. Crescêra a par do Bellarmino, com elle brincára o suru-

pango e o que-pau-é-este, perseguíra os ninhos de tico-tico pelo piquete de grama-seda, trepára aos arvoredos, montára nos poldros e nos garrotes, armára juquiás de taquara-póca, em cujos filhos muita rolinha e muita pomba-cascavel entrou para nunca mais sair, repontára o gadinho para o mangueiro, curára o gôgo das chumbungas, queimára a caroçama dos frangos indios: tinha-lhe tanta confiança, mal comparando, como a que tinha em Deus...

Mas, depois de creados, mudaram as coisas: elle foi aprender officio ao collegio (era o que dizia o Paulo Telheiro, aquelle negro velho, naquelles tempos!), e ella teve que encompridar os vestidos. Não houve mais as corridas barulhentas pelo vassoural, nem a apanha dos içás, nem a gritaria aos judas, em sabbados de alleluia; cada qual de seu lado principiou a vêr de perto a vida, com todas as trabalheiras e afflicções: a Juruty cansou-se, horas e horas, em lidar junto á cestinha trançada, fazendo costuras e costuras, e o Bellarmino aturou meses e meses a carta de nomes e a taboada, ao depois a artinha e a grammatica, ao depois um mundão de livros exquisitos e somnolentos.

Agora já elle estava bem estudado e botára corpo: voltára para o bairro, porque era vizinho da prima, e passeava, muito senhor de si, nas cercanias da casa della, emquanto duravam os tres dias de hospedagem e não tinha de feitorar os empregados, na roça: e fulano e sicrano diziam, quando elle apparecia com seu chapéu de palha batido:

— Não é que o Bellarmino granou dereito e enfeitou ? Olhe que' tá um mocetão, co' aquella esperança de bigode e o porte desempenado ! De mais a mais, o chapéu de palha, quebrado no cangóte, orna pr'a elle á conta inteira !

O sentido da Juruty não saiu mais da estrada. E como a estrada fazia uma volta e se encobria atrás de um morrinho e de umas batalhas, a Juruty deu de procurar o fundo do pomar, para o lado de alêm do ribeirão, donde podia vêr até bem longe. A mãe, a principio, ainda perguntava, seu tanto ou quanto desconfiada do novo costume :

— Adonde é que você vai, criatura, co' este solão que' ta fervendo !

A Juruty não custava a explicar :

— Apôs daquelle salta-caroço que ' tá madurando : destes tempos p'ra cá eu ando numa esganação p'r amór de fruita, seja o que for !

— Mas arrepare bem no persegueiro, não fique soronga, não : que nesta quadra apparece, dumas taturanas perigosas, que, passando no corpo da gente, já sabe, é queimadura certa e vergão roxo. Aquilo é uma dor em desmasia, Juruty !

A moça reparava bem...

Ora aconteceu, uma vez, que o Bellarmino a descobriu, logo dos altos da estrada, e veiu vindo, de atalho em atalho, até o ribeirão. Para quem trazia saudade velha, não

havia hora melhor : tudo em roda estava quieto, o sol ardia, e a sombra dos arvoredos era boa e serena como um perdão. Falou-lhe disto e daquillo, que ella ouvia entre alegre e ansiada, sentindo a macieza das palavras e o peso do receio de que mais alguem apparecesse. Porque embora houvessem de casar (e logo, pois não era ? Elle respondeu logo que logo !), não ficava bem aquella parada tão longe de casa, no meio das fructas e dos passarinhos !

A Juruty nem viu como e quando as suas mãos foram parar entre as delle. Mal escutava as mesmas coisas que elle ia dizendo, porque ha um instante, depois de ouvirem os melhores palavriados de amor, em que ellas ficam surdas ao mais e principiam a sonhar, muito enlevadas e felizes...

Soltou-se-lhe, entretanto, das caricias e das phrases : é que a mãe gritava por ella, com toda a insistencia :

— Arre lá, Juruty ! Isso tambem ansim não serve ! E só persego e mais persego ! Venha cuidar destas bages p'r'a janta !

Ia correr, e elle deteve-a ainda, tomou-lhe rapidamente a mão, beijou-a forte na face direita. E, si não deu segundo beijo, foi porque ella desatou de uma vez a correr ; assistiu á carreira, percebeu a chegada, sorrindo a sós comsigo, cheio de encanto :

— O que é isso agóra, que você vem co'essa cara tão encarnada ? O que é isso, criatura ?

— Taturana, mãe.

Nada mais lhe foi perguntado. E ella entendeu necessario accrescentar, pouco depois:

— Mas porêm das mansas!

NA TAPERA DE NHO TIDO

— Ôta! solama bruta! — ia dizendo o Chico Pica-pau, sózinho, pela estrada vermelha, ao pino do dia. O suor caía-lhe em grossas gotas pela testa e rosto abaixo, banhando-lhe a camisa de algodão e um bentinho de baeta azul que vestia a oração livradeira das cobras e dos outros bichos de peçonha. Derrubou mais o chapéu na testa, poz a mão esquerda sobre os olhos, attentou no céu demoradamente:

— Pois já devêra de 'tar mais friinho um pouco: arre, dianho! Neste tempo que o sol já aponta branco, a fresca vem cedo. Isto é chuva que 'tá aprojectando, não hai como não seja!

E, de facto, para os lados do Ourinho havia nuvens acastelladas sobre os morros, vagamente ameaçadoras na sua côr plumbea e triste. Uma tapena começou a circular ao cimo da mata, com preguiça, dois tucanos principiaram de uma banda a outra da estrada um dialogo em voz rachada e enfadonha, e o sol teve sombras intermittentes a cobrirem-lhe a face esfogueada.

Ao passar do ribeirão dos Cardosos, porêm, o Chico Pica-pau sentiu-se por demais fatigado. Sentou-se a uma raiz de guapeva, saccou do isqueiro, tirou o cigarro de trás da orelha, bateu o fuzil, ateou-o. Com pouco lançou-o á aguada, meio enfurecido, resmungando :

— Quando um home 'tà mesmo um tanto venenoso, ahi é que o diabo do cigarro fica fumegado ! Pois vá-se embora, coisa á tôa, corra a sorte rio abaixo !

Deitára o butucum ao pé da raizama da arvore, tomou-o e abriu-o. Trouxe do fundo uma colher, encheu-a de passóca de jabá, descascou uma banana nanica ,e foi comendo uma e outra coisa, revesadamente, mas com ares de fastio. Foi a tempo que um pavô berrou perto, numa forquilha de sete-casacas, irrequieto, fazendo brilhar á claridade o largo vermelhão do peito. O Pica-pau sacudiu a cabeça, com gesto de amuado :

— Injureia, traste, póde injuriar o quanto quizer ! Carga que eu soquei na boccuda, chumbo que eu trago na pururguinha, pórva que eu tenho na guampa não é hoje p'ra você : ganhe seu rumo ! Eu hei de ter uma caçada mais melhor !

Levantou-se. Apanhou o butucum na mão esquerda, pol-o ao hombro, e a espingarda de grosso calibre, que foi levando a tiracollo. Ia vingar-se. Um anno antes, o Aristides Fartura, a que todos chamavam nho Tido, e tinha umas terras na testada do seu sitio, apparecêra por

alli a derrubar dois alqueires de mato e fazer o chão para cinco mil pés de café. Derrubára o mato, queimára, plantára milho, desencoivarára a roça: alinhou o café, foi-se embora, deixando o mais ao fazer de um empreiteiro. Mas nesse meio tempo é que houve mironga velha entre o Pica-páu e nho Tido.

Nho Tido tinha as terras em ser, entre cultivados e criações de toda gente, porque a fazenda era aberta de muitos annos. Não fez a mais pequena cerca, um vallinho que fosse, e a roça ficou á disposição de quanto capado solto havia, de quanto boi alongado. Certo dia, estando a passear no milho, que por signal ficára uma lindeza, viu um poldro moirão chamando algumas folhas, regosijadamente. Não esperou mais nada, não quiz saber quem era o dono do cavallo, atirou-lhe a chumbo mostarda, para o alto do lombo. O chumbo apenas chamuscou o poldro pela pá, mas o rumor da disparada foi grande entre as plantas e o massambará, que tambem crescêra, a todo poder, na terra fresca e fofa.

Mandou-lhe o Pica-pau dizer que tivesse paciencia com a propriedade alheia, não judiasse por aquella maneira com os animaes que não tinham consciencia do que aprompta-vam e, não achando fechos, haviam de varar por força; que, abrindo elle nho Tido uma roça entre vizinhos arranchados de tempos antigos, estava por isso mesmo obrigado a resguardar seu milho por meio de cercas, e os vizinhos,

pelo contrario, não haviam de fechar porteiras e invernadas em respeito a um cultivado novo. Mas nho Tido não attendeu a nada, ameaçou que mataria quanta criação topasse por alli, fosse lá de quem fosse.

O Pica-pau, neste entretanto, teve que levar uma carregação de sal para Mato-Grosso, onde ia fazer negocios de todo o porte, barganhas, tramas, compras, vendas. Lá se demorou uns seis meses.

De volta, soube que nho Tido lhe passára o couro num filho pequeno, quando este ia reclamar alguma coisa sobre a morte de um boizinho arroz-doce, carreiro, o que havia em mansidão, feita por nho Tido na roça de milho. O Chico passou a noite em claro, mastigando em secco e falando de trecho a trecho:

— Morreu! O cachorro que lavou a mão no meu filho, quando meu filho tem pae vivo p'ra lhe dar a ensinação percisa, 'tá morto! E ainda mais p'r amór de que? p'r amór de um garróte que andou por onde podia andar, dês que não teve intrenca nem uma por deante dos peitos. Não hai remedio: 'tá morto!

Soube que nho Tido assistia no ribeirão dos Pires, tomou as confrontações do logar, por varios diz-ques, e, como os animaes que trouxera estavam muito sovados, uns sentidos e outros desmerecidos em demasia, resolveu caminhar a pé as tres leguas que se mediam da Cachoeira ao Pires.

E botou-se a caminho.

Avizinhava-se da morada, naquelle momento. A mata virgem desapparecêra, dando logar a um capoeirão já frondoso e rico. Não aspirava mais o Pica-pau o cheiro estonteante do alheiro, não via mais os troncos alentados da figueira branca, nem os claros e lisos guaritás de immensa altura, mas batia ainda terra boa, de casqueiro grudento, onde se agrupavam os sapuvuçús e os cambarás-de-lixa, e onde, de espaço a espaço, a larga e espinhosa folha da ortiga caía para a estrada, e os ramos da unha-de-gato, entremeiadas de flores côr de enxofre, bamboleavam no ar.

Tambem o capoeirão deu logar a uma vegetação menos forte; romperam do chão secco o assa-peixe, os juás damninhos e a jurubeba; alguma samambaia chegou a esparzir suas ramas amplas e duras sobre as crissiumas mal contentes daquelle terreno ingrato. E o ribeirão dos Pires já se mostrou de longe ao Pica-pau, cheio de guapés e de agriões, sombreado aqui e alêm por arvores de cerrado. A casa de nho Tido via-se do caminho, quasi encoberta numa baixadinha, entre cuvitingas e caiúias.

O Pica-pau entre-parou antes de seguir o trilho que ia ter áquella casa; sopesou a espingarda, verificou si as escorvas estavam bem justas com os ouvidos; poz a vareta em ambos os canos, mediu tres dedos no sobejo de cada um: e deu de cantar na toada da morena, em voz abafada, satisfeito por ver que a companheira andava firme e fiel.

Fronteou, emfim, a morada, que era feita de pau a pique e tinha o tecto trançado de coqueiro e sapé. Havia, dentro, silencio completo. Fóra, não se via signal de gente, nem o mais leve rasto na areia arroxeada da porta; e a porta, de parafuso, cerrava-se toda, ao parecer, de muito tempo. O Chico Pica-pau cessou da morena e gritou rijo:

— O' de casa!

Não houve o minimo bulicio no interior da habitação. E o éco do chamado vibrou por instantes ainda, até que o Pica-pau resmoneou num soliloquio:

— Uiai, gente! quer ver que o home pitou!

E' que vira, em todo o arredor da casa, mostras de desamparo: a guainxuma viçára por toda a parte, o gervão floria abundante, o mamoninho-de-carneiro apontára e abrolhára como uma praga, tudo chorava por uma enxada, quando não por uma foice. O cipó-corrêa de alguns amarrilhos partíra-se; havia rachões de cambuatá que quasi vinham ao chão, despegados das travessas e bambos. Em cima, na cumiada, uma cabaceira alastrára vencedora e alegremente, e as cabaças vingaram.

Começaram a cair enormes gotas d'agua. O Pica-pau afastou dois paus da porta, esgueirou-se para dentro. Deu logo com os olhos numa grande folha de caratinga, que tambem fizera o mesmo, dias antes, na porta da cozinha, e agora quietava, verde-negra com pintas quasi roxas, mui-

to senhora de si naquelle sossego. E raciocinou então que o Tido na certeza já não parava alli de meses, pois o mato ia tomando conta de tudo, enveredava pela varanda, e iria até as linhas em pouco. E rosnava zangado:

— A minha vingação ficará em branco? O home terá mesmo dado a lonca? Ou andará p'r'o mundo? Qual! eu hei de tirar a minha vingação; ora si hei de!

Caiu uma pancada de chuva, o céu ficou logo limpo, os ares refrescaram-se, foi descendo a tarde. E, com o acabar da chuva e o entardecer, o Pica-pau ouviu, para os lados do espigão-mestre da paragem, uma barulhenta cantoria de angolinhas:

— Ué! pois então o malvado atóra e larga as criações miudas ao Deus-dará? Já se viu que desmazelo, que pouca vergonha? E é tão certo como sem duvida que essas gallinhas-de-Angola 'tão cantando a par c'as ninhadas de ovos. E eu que vou ver si tópo c'as ninhadas! Despois da chuva é muito facil.

Saiu. A gritaria das angolinhas partia de uma pedreira, ribeirão acima, onde o capim melado formára em tufos corpulentos. Subiu. As moitas eram espessas, não podia divisar nem uma ave. Marinhou pelo tronco de um ceboleiro, poz-se a cavallo num dos galhos, olhou com todo o vagar.

Sinão quando, num bromado de catingueiro-roxo que descaía sobre uma pedra preta, divulgou mal e mal um

vulto carijó que se movia. O vulto da angolinha estava de costas para elle, deu de encontros, abriu as asas, fechou-as, foi crescendo: em poucos minutos ganhára as proporções de um perú, cresceu ainda; as pennas tinham agora as malhas carijós mais rasgadas, o vulto augmentava sempre, firmado num dos pés; desceu o outro pé; ainda encorpou mais, abriu e fechou as azas outra vez; a crista, muito rubra, estava bem arqueada sobre o bico alvacento, e similhava um chifre virado, um volumoso chifre ensopado de sangue; as barbellas tremiam, por egual rubras, imitando a pesada papeira de um boi golpeado; virou-se para o Pica-pau, com toda a pachorra, já do tamanho de uma anta, e gritou quatro vezes, intervalladamente: 'tou fraca, 'tou fraca, 'tou fraca, 'tou fraca...

O Chico Pica-pau deixou-se cair pelo tronco, aterrorizado, largou a correr, chegou á estrada sem butucum nem espingarda, e fez-se de volta, exclamando com a lingua meio perra:

— Não é capaz, isso não é! Credo! Deus me acuda! Não é capaz que eu tire vingação de nho Tido. Não tiro, nem por nada, não quero mesmo tirar. Aquillo é feito delle, credo em cruz! Já 'tá no outro mundo, agora me quiz apparecer no corpo daquella angola, e appareceu. Não tiro mais a vingação, nem que elle 'teje vivo! Não quero!

O poente já descorára, nada mais se lhe via que uma barra cinzenta, bem tapada, e os ultimos phantasmas das

nuvens fundiam-se todas naquella barra escura. O Picapau ia quasi a correr ainda, num desatino, resando e quasi chorando :

— Padre nosso, que estaes no céu... Eu não tiro mesmo a minha vingação, não quero mais tirar, até perdôo o que o Tido me fez, perdôo mesmo!

E abriram-se as estrellas, côr de prata nova, na grande curva azul-ferrete do céu.

PIJUCA

A Maria Espada saíra do pagode, sózinha como sempre, e como sempre sem que ninguem a visse, montára no pingo saino, que era um relampago, e atravessava agora um campo nativo, de barba-de-bode e lanceta, aonde chegava ainda, trazido pelo vento fresco da mata, o cheiro manso das coiranas em flor. Porque ia um pouco tocada, com a cabeça a pesar e os olhos ardentes, aquella frescura e aquelle cheiro fizeram-lhe muito bem. A folgazona enthusiasmada deu um chascão no freio, e falou vagarosamente, como si o cavallo, de subito parado, estivesse a ouvil-a e a entendel-a:

— Arre, diabo! que eu a mo' que 'tou mesmo vestida de anjo! O sumo da canna é traiçoeiro, não hai quem não saiba: e o marvado do Anastacio inda enche a gente daquella fervida temperada com bage de bonilha! Despois, si a gente fica na tiaporanga e faz uma estripulia qualquer, ahi ninguem não quer saber si foi a pinga que trepou e buliu no sentido, ou si não foi!

Ainda ouvia o choro fino das duas violas e a voz nasalada e triste do Gabriel, núa moda mineira. Commoveu-se:

— Força no peito, cabôco desabotinado! Cante mais um verso, mas porêm com toda a sustancia, como no tempo que você me queria, tal e qual hoje, e que eu te queria como não quero mais e nunca mais hei de querer! Um verso de alecrim: bamo' ver!

As violas, entretanto, calaram-se. Houve um grande barulho no terreiro: e de longe a Espada bem percebeu que tinham dado por sua falta, que estavam damnados com o sumiço, e que alguem, no meio dos mais, andaria macambusio, fechado comsigo, attentando o ouvido ao rumor das aragens das folhas, para saber si tinha feito chão aquella que lhe pisava na alma como quem pisa num trapo...

E falou sossegadamente, a geito de quem se explica:

— Eu, quando me dá esta malinconia, não sou mais senhora de mim: tenho que romper p'r as estradas, ver uma bruxa ou um lobishome, inté que o fernesim me passe! Cada qual cumpre seu fado: isto foi sorte que Deus me poz! Já mandei em mim como as outras: agora não mando em ninguem. Vou vivendo a minha vida, feito um barrote pesado, que desce p'r o rio abaixo, na força das aguas, sem nada que lhe segure...

Pegou nas caimbas do freio, vergastou de rijo as duas ancas do saino. E o zaino abalou a galope, na estrada e-

scura e secca, agitando a cabeça carregada de fitas e de flores. Na treva da noite, apenas alegrada por algum longinquo brilho de estrella, era quasi apavorante aquelle cavallo a galope, vistoso em côres e montado por uma esguia mundana toda vestida de branco.

Chegou a uma porteira, abriu-a ás escancaras, passou para alêm, num salto do cavallo. E muito tempo ainda, rangendo rudemente ao darem de encontro aos moirões de aroeira, as taboas de peroba pareceram acompanhar a cadencia fugitiva do tropear do saino.

O caminho fazia uma forquilha, ao entrar na capoeira. A Espada ficou indecisa, passando os olhos cansados de um trilho a outro:

— Ora 'ta aqui uma coisa que me deixa meia otusa. Alta hora da noite, suzinha deste feitio, quem é que ha de saber agora o carreiro certo de casa? O meu matungo é que não vejo: bamo' duma vereda, Caiapó?

Bambeou as redeas na taboa do pescoço do saino: e elle pegou logo numa andadura rasgada e muito rendosa, a fazer pelo ermo um rumor cheio. A'quelle compasso, distraida, a Espada principiou a cantar a moda mais nova que sabia, com voz grossa e linda, apezar de molhada:

"A moda de namorar
eu ensino p'ra vancê:
vancê ponha bem sentido,
p'r amór de vancê aprender.

Si 'tiver perto de gente,
p'ra ninguem não perceber,
vancê não olhe p'ra mim,
que eu não ólho p'ra vancê.

Qando nós 'tiver suzinho,
me abrace e abraço vancê:
damo' abraços e buquinhas,
querendo póde morder."

Interrompeu-se, imaginou um instante:

— Pinhões! Como é que suspende esta moda, gente?

E, lembrando-se, alteou a voz para baixal-a enternecidamente, na repetição dos dois primeiros versos:

«Ribeirão das aguas turvas,
nem garça póde beber;
um amor de tantos donos
dalgum tem que se esquecer.»

Soltou uma gargalhada:

— Que prosa á toa, já se viu? Pois eu tambem tenho tido tantos amor', e não me esqueço de nem um! Não me esqueço nem me alembro: isso é que ê vantaja!

A uma banda da estrada, porêm, luzia extranhamente qualquer coisa, com claridade quasi côr de enxofre acceso. A Espada nem deu fé: repetiu a moda, cantando outra quadra de encabeçar, e ia já fronteando aquella apparição exquisita, quando o saino entendeu de trocar as orelhas e qufar, endureceu o lombo e deu um passarinhão feio.

Ella quiz zangar-se :

— Ué, seu traste ! Você quer agóra que eu veja o chão de perto, sem mais isto nem aquillo ? E' baixo ! Eu não vou ansim tão facil !

Teve, entretanto, de ver o chão de perto : oca vallo espantou-se, tomou o freio entre os dentes, pulou de um lado e de outro, atirou com silhão e cavalleira ao ar. Erguendo-se, com os ouvidos numa zunideira, a Espada acabou de zangar-se duma vez :

— Que pavor tão fóra de tempo, coisa-rúim ! Nunca viu orelha-de-páu que dá fogo ? Nunca viu pijuca ? P'ra que é que você véve antão no mundo, si uma luz do mato, innocente como esta, faz tamanha batedeira em você ?

Approximou-se da madeira podre, onde os cogumelos se agrupavam como uma dezena de orelhas fitas, deu-lhe com o cabo de relho :

— Olhe aqui, seo diabo : 'tá vendo ? Isto não vale nada : só o que é mesmo é uma boniteza !

Sentou-se junto da luz amarello-azulada. E como a lingua já se lhe fosse pegando mais ao céu da bocca, resmungou os ultimos versos da moda :

"Um amor de tantos donos
dalgum tem que se esquecer."

Continuou então a conversar entre si :

— Agora, de quem eu nunca não pude esquecer foi

do Lainho, tão fermoso e tão bom, que morreu por meu respeito, naquelles centros de serra, sabendo que a minha gente me jogou fóra e que elle não tinha geito de vir apôs de mim! Aquillo é que foi um home de coiração!

Resvalou para uma laceira de cipó-cruz. Adormeceu mansamente. E era-lhe tão meigo o sonho do passado, que, sob a claridade phantastica, o seu rosto escaveirado de demonio foi ganhando, pouco a pouco, uma serena expressão de rosto de anjo...

VALENTIA

O Imbuava não tinha parada: amanhecia num logar e anoitecia noutro, segundo o geral dizer... Arrastava seu surrão por toda a parte, com voz meio rouca: e muita vez, como elle surgisse a uma volta de caminho, avermelhando-o com as longas barbas arrepiadas pelo vento (era o que diziam todos), o marido falava á mulher, cuidadosamente:

— Você não 'tá ficando arenosa, Fulana? Vá-s'embora p'ra dentro, que o sol 'tà fervendo e perigoso!

A mulher encafuava-se no interior da casa, o marido cerrava portas e janellas, chamava os cachorros, fazia silencio—, e desta maneira o Chico Antonio, conhecido por Imbuava, a troco de ser neto de um português das ilhas, podia passar a seu salvo, sem aborrecimentos e sem rumor.

Mas ai! si as coisas não andassem assim! Ladrasse-lhe um guapéca, e elle era capaz de estoural-o de repente a bala, na carreira do matungo: o dono, como é de estylo, pediria contas da morte; as contas não seriam dadas; pa-

lavra puxava por palavra, levantava-se um barulho, e quem saía perdendo, afinal, era o patrão da morada. Porque, si o patrão não entregava a rapadura com palha e tudo, escorava; mas o outro tinha grande destreza, fazia um serviço limpo e ganhava o geito do chão; e si era meio perrengue, bambeava logo as pernas, numa fugição vergonhosa, e depois servia de divertimento aos mais. A melhor politica sempre foi, por isso, evitar o valentão.

Quando se sabia que elle deixou rasto em Queluz, já na Cachoeira não havia muito sossego:

— Home', vi dizer que o Imbuava 'tá fazendo suas tramas aqui nestes meios.

— Qual nada! Já sube que elle bateu os tócos p'r'o Picú, trás-ante-honte'.

— Correu noticia que elle tinha largado um poldrinho libuno, mais um burro pinhão de mandar chegar, e um lombilho abastado, por um bezerro piquitito, producto daquelle correntino: será certo ou não será?

— Cuido que não: pois o dono do touro antão não saberá que ter negocio co' aquelle demonio é percurar sarna p'ra se coçar? É baixo!

Até que a semana morresse, e os dias caissem por sobre os dias, e o esquecimento chegasse, era um terror.

Foi, por esse motivo, alto zum-zum na venda da Anna Triste, sabbado de alleluia: de todos os ganchos da encruzilhada chegava povo, matava o bicho e seguia para o ar-

raial, com a nova inquietadora de que o Imbuava tinha pousado, aquella noite de sexta-feira santa, num rancho vizinho.

Recresceram logo boatos: que elle obrigára um tropeiro a engulir um martello de canninha com polvora; que armára um angú de caroço na casa da Maria Mamminhuda, por via de as senhoras damas não qrererem dansar o miudinho com elle, tendo-as chamado, na roda, a poder de estalinhos de dedos e até pelos nomes; que montára num cabra secco e lhe riscára as chilenas pelo corpo, a todo o gosto, só porque o cabra passou por uma porteira e lh'a não conservou aberta, isso dois dias antes, e muito perto dalli: e que havia espaventado, a poder de ponta de ferro, uma caipirada que tinha formado rolo, no carnaval de Lorena, por amor de certa critica ao ministerio liberal.

A Anna Triste, com seu pixaim repuxado para as orelhas, á força de pente, remexido em caracoes e todo besuntado de banha com essencia de rosa, encostára-se ao balcão, junto ao decimo da branca, e pitava. Depois de escutar muito tempo, descansada e pachorrenta, a mentirada daquella miuçalha, zombou de um dos novidadeiros:

— Pois, sim, seu Serafim: este mundo é mesmo ansim: porca magra não tem rim!

O Serafim buzinou:

— Ué, nh'Anna! Só isso que mecê trouxe na mala?

— Não, tem mais coisa ainda: tem que inté dá pena

ver um sojeito barbudão, que nem vancê, dar parte de tão perrengue!

— Eu molle não sou, nh'Anna: mas tenho mulher e filhos p'ra cuidar! Si não, lhe afianço que home' nem um não era capaz de berrar mais grosso do que eu!

— Lá por isso, petas! Que um home', só porque tem a companheira e umas par de familias, não deve de apanhar na estrada e levar sussegadinho a pancadaria p'r'os pagos!

Interviera, porêm, uma velha coróca, em busca de brevidades:

— A como é que vancê vende a quitanda?

— A quitanda é de gente, não é minha: custa um corenta, cada.

Não tinham ido as brevidades da bandeja da venda para o lenço daquella lacrecanha, quando a venda ficou vasia em tres tempos. A Anna Triste olhou para a estrada, que ardia ao sol, e, como não visse nada, assumptou para os lados. Só então, meio sumida pelo susto, uma voz de menino taludo lhe veiu entre rumores de tropel fugitivo:

— Nossa Senhora! Ei' vem o Imbuava!

A Anna Triste, com todo a vagar, passou a mão num compartimento da gaveta. E o Chico Antonio esbarrou o cavallo em frente da porteira, amarrou-lhe o cabo a uma argola do moirão, tocou-o para a sombra:

— Bom dia, nh'Anna!

— Bom dia! Bamo' chegar!

Elle fez um ronquido, limpou a goéla, bateu o rabo-de-tatú no balcão:

— Me dê já meio martello de pinga: sinão, sinão...

A Anna Triste, ahi, tirou a mão da gaveta, com os dois gatilhos de uma Laporte arreganhados, e apontou-lh'a á bocca do estomago:

— Sinão o que, seo poaia?

— Sinão não bebo, uai!

MAMÃE

Logo ao rasgar da manhan, cheio de enthusiasmo e de palavradas, o Manoelzinho encambulhou tudo quanto era crila pelos arredores: e o sol fresco de maio, surgindo a custo das nuvens, pôde vêr o bando dos pequenos saqueadores que se dirigia ao pinhal, grazinando barulhentamente. Varejava-os o vento acre, chegava a molhal-os a garôa, o frio dava-lhes ás faces tons vivos de saborosa que acaba de abrir, caindo: mas nada os fazia parar.

De caminho, como gente a quem tudo serve e presta, empoleiraram-se nas arvores de turuman, que estavam de carga farta: e a colheita foi grande. Os chapéus e carapuças ficaram atopetados; alguns calça-foices de mais industria, rebuscando as moitas de taquara-póca e os embastidos de cipó-cambira, logo prepararam cestinhos e jacás de varia fórma, onde as fructas foram tomando logar, arredondadas e vivamente negras, como os olhos de certas morenas.

Nova subida ás arvores, no pinhal, cuja escuridão já an-

dava alegrada, a essa hora, pelos peitos côr de enxofre e costas de côr azul-ferrete das gralhas. Ellas, menos trefegas talvez que a meninada selvagem, fugiam gritando muito, entre curiosas e atemorizadas, e voltavam de prompto, acuando á maneira de cachorrinhos que qualquer coisa espaventa.

Com pouco as pinhas quebradas começaram a estralejar no chão secco. Os que haviam ficado em baixo, previdentes, amontoavam em diversos pontos os pinhões esparsos, e, em seguida, a partilha se fez mansa e pacificamente, sem um protesto, sem uma recriminação.

Cavaram-se biras, e o jogo principiou, renhidamente, junto á raízada dos pinheiros. O Manoelzinho, maioral da investida e do saque, opinou por que se adoptasse a barrela, e as primeiras mãos assim foram. Jogaram de malhão, jogaram de buliu, jogaram aos uns e aos dois e iam ferrados naquella folgança, quando se armou um perequê entre o Vinguinho e o Tito:

— Você não embirocou aquelle graúdo; você ponhou a mão nelle e empurrou.

— Não empurrei!

— Empurrou!

— E você, antão, que me pegou aquelle minguta, agorinha ha pouco, feito quem toma conta do que é muito seu?

— Não me atente, cabocrinho barato, que eu garro uma vara de cabiúna e lhe sacudo a poeria da cacunda!

— É baixo! Experimente, p'ra ver quem é que tem garrafa vasia! Bamo' ver!

Mas tudo serenou de pressa. Ninguem bateu nem apanhou. E ia a pandega por deante, num completo esquecimento da hora do almoço, interrompido apenas pela observação, que alguem fez no grupo, de que o filho da Maria do Rancho se avizinhava dos samburás de taruman, com os olhos carregados de cubiça:

— Olhe o Zé Tantan como 'tá aceirando as fruitas que a gente derrubou com tanto trabalho!

Realmente, o José da Maria do Rancho, ouvindo a vozeria daquelles cafumangos, tinha acorrido ao pinhal. Os seus vinte annos de quasi idiota compraziam-se na companhia, aliás quasi sempre repellida, da meninada em acção. Alto e meio corcunda, com o hombro esquerdo derreado, de olhos immensos e vagos, postára-se encostado a um tronco de gabirova e contemplava, com ares de gula, as fructas pretas de taruman. Á observação do grupo, sómente respondêra como poderia responder, com regougos de uma aspereza que doia e impressionava.

Houve um instante em que, vendo os outros afanados na contenda do jogo, levou a mão a um jacázinho, com a pressa e o instinctivo temor do serelepe na limeira, e tomou um punhado de fructas. Ia levando-as ao bolso, e armava a carreira da abalada. Mas foi presentido: o Tito gritou aos companheiros:

— O Tantan 'tá roubando!

O guaiú foi extraordinario:

— Juga um terrão nelle!

— Apincha um cacete nesse quarta-feira!

— Quebra uma sapuva e despenna no lombo desse diabo!

Não tardou que na testa branca do José desabrochasse como flor de mandacarú, que era uma ferida em sangue. Passou as costas da mão direita na testa, não disse palavra, olhou para o grupo, esperando outra aggressão. A companhia. porêm, quedára assustada. O Vinguinho chegou a dizer:

— Ê! rapaziada! O soronga 'tá de brecha! E agora, si elle esvai de repente, ver um carneiro faqueado no sangrador, o que é que a gente faz?

A pergunta era séria. O Manoelzinho, mais pratico da vida, resolveu corromper o soffrimento do offendido com a facil peita de um balaio cheio de fructas e uma algibeirada de pinhões. Mas nada poude conseguir: o José, vendo-o chegar, tomou-se de medo panico e disparou a correr, ás tontas, com as apparencias de um urubú de asa quebrada, que abre a carreira para ensaiar o vôo, fecha os encontros das asas, levanta a cabeça, e não póde alar.

Como a casa da Maria do Rancho era perto, não houve caça-fecho que se aventurasse a mais teimoso acompanhamento. Deixaram de seguil-o no lançante da estrada, onde

as batalhas unidas eram mais ricas de sombra. E dahi a momentos foram de novo amedrontados, — coisa que passou como um sonho! — pela Maria em pessoa, que apparecêra á porta da casa, puzera ambas as mãos na cabeça do filho, olhára para os malfeitores, e fizera, mal distincto embora, um aceno de maldição áquelle filhos fortes de mães felizes.

O José não dera um gemido. A mãe conduziu-o para dentro do rancho, em braços, amimando-o como a uma criança de berço. Pegou numa toalha, deitou-o ao collo e poz-se a lavar-lhe a ferida. Ia toda feita naquelle trabalho e naquella afflicção, quando dos olhos lhe cairam duas grossas lagrimas á face do José. Mas então, convulsionado, todo tremulo, com os olhos a arderem de subito, o José começou a chorar e a soluçar, desesperadamente, urrando...

AS FRUITAS

O rancho de moças passou, pela casa do Ignacio, grazinando e fazendo viva bulha. Podiam ser umas oito, cada qual mais geitosa: levava a palma a todas, porêm, a nha Vina, dona duns olhos que já andavam nas modas de catêrêtê. O engraçado é que todas eram mais ou menos sobrinhas do Ignacio, umas daqui outras dalli. Ora, como os velhos quasi não têm pressa para nada, elle ainda passeiava lá por dentro, bem no sossego, quando convidára aquelle povinho de saia para irem depois da missa ás fruitas, que estavam maduras a conta inteira, na Barra Nova.

Houve queixas:

— Arre! tio Ignacio! Vassuncê mandou que nós viesse ás dez horas, nós aqui estemo', e vassuncê nem se mexe!

— Tio Ignacio, nunca pensei que mecê inda não tivesse acordado!

Elle desculpava-se. Bem sabiam que um homem de certa edade não é tão despachado como as moças fortes e

bonitas assim. Tivessem um boccado de paciencia: elle ia buscar a peroba e chamar a tia Zefa, que estava lidando com o gergelim e com os repolhos, e sairiam num átimo. Com effeito! que tambem o mundo não se fez num dia! e quem fez o mundo podia tudo: que dirá agóra um pobre mortal, como elle? Fossem caminhando de vagar, que elle e a tia Zefa, mais o José, com pouco as alcançariam.

As moças fizeram um guaiú dos diabos, porque aquillo era faltar á promessa. Dizendo as moças, a gente pensará que foram todas... Pois não foram todas: houve uma que ficou até mais descansada, a bem dizer mais alegre, e foi nha Vina. Se o José lá ia! Bastava só isso para ella mudar de tom na mesma hora! Porque ninguem desconhecia que os dois viviam num sumbaré bravo, e o sumbaré de dois primos bem se diz que é proprio uma loucura: amor de parente é mais quente...

Desceram depressa a rua, que é muito lançante, subiram o morro que leva ao cemiterio, e assim que iam fronteando uma chacrinha da banda esquerda da estrada, entrepararam, voltaram-se, e viram então que os dois velhos já iam indo. Sentaram-se nas gramas, á beira de um caminho fundo, e esperaram. Nunca houve peior maçada que esperar Fulano ou Beltrano que ahi vem subindo o morro: parece que o morro não acaba mais, e aquelle Beltrano ou Fulano vai desanimar no meio da subida! Nha Vina, essa

pegou logo a sentir uns tremores no coração, coisa que nem se póde contar...

Já iam perto do rancho os tres, quando uma das taes gritou de longe :

— Mas, tio Ignacio, que diando de home' então é vossemecê, que faz este bandão de polistas madrugar, feito comitiva que segue p' r' o Paranam, e a resto se apincha na estrada, bem dizer quando a noite já 'tá chega-não-chega ?

O Ignacio largou uma gargalhada :

— 'tá com réiva ? Gósto bem ! Sabe o que mais ?

«Quem eu sou, quem eu não sou,
quem quizer saiba de mim:
eu sou tudo e não sou nada,
gósto bem de ser ansim!»

E formou-se um grupo só, e o grupo fez chão. O sino da matriz deu meio-dia. Os pobres dos velhos, bota-que-bota, iam penando rijo, p' ra poderem acompanhar aquelle povinho.

Por volta de uma hora chegaram á Barra Nova. O mato, alli, é limpo de verdade : percebe-se até o ciscado dos nambús e dos macucos no meio das folhas seccas, que, por signal, são vasqueiras. As arvores como que estão sen-

pre verdes, por aquellas bandas, ou então é o vento que varre de mais as serapilheiras, não deixando grande coisa, quando passa: vento garôa, para zunir é o vento da Barra Nova! Só mesmo ouvindo-o!

As jaboticabeiras não são muito offerecidas: só uma á beira da estrada, e essa — dava pena! — sem nem uma fruita. Entraram todos pelo mato, a rumo dum coqueiro donde avoaram duas maitacas, andaram seu pedaço, viraram e reviraram, e, por fim, acharam as demais: carregadas, carregadas, que eram um brinco!

Houve quem duvidasse que as fruitas estivessem bem maduras, e foi a Gertrude, piricica e mexedeira — que nem serelepe. Logo que ella duvidou, já o Ignacio lhe deu resposta:

— Mais maduras do que ellas 'tão, inté é asneira! Vocês vão ver! Aposto!

Por onde principiar é que era o negocio: as fruitas pretejavam em cima, só em cima, provocando a gente e caçoando da gente. O José cortou uma braçada de cipó, enrodilhou muitas voltas no tronco duma fruiteira, separadas de tres em tres palmos e seguras numas varas de canella-de-cutia; preparava-se para trepar, quando o Ignacio o agarrou pelo braço, dizendo que ao mais antigo da roda na certeza é que competia comer as primeiras fruitas. O José encalistrou, e o Ignacio foi logo trepando na arvore: quando se achou em cima, deu de derriçar os galhos, tal qual um

bugio, não comparando. E a moçada, em baixo, ria, apanhando as jaboticabas.

Neste meio tempo, nha Vina, que estava seu tanto retirada das companheiras, por debaixo dum macuqueiro de certo guamirim donde se dependurava uma laceira de guaiapás amarellos duma vez, toda tremeu de susto, por ouvir muito perto de si bate-bate de ramos. Voltou o rosto, e ficou mais em calma, que era o José.

Mas a calma fugiu logo : o José começou a falar-lhe um diluvio de coisas, com a voz abafada como a dos urús na gróta do ninho, e sempre se lhe ia chegando mais para perto, a ponto de ser preciso que ella ás vezes recuasse para um lado e outro. A voz do José tinha o som dum enxame de mirins fumegando á porta do mel : e o que a voz dizia, naquelle pouco som, tinha a mesma doçura, que o mel dos mirins.

Zangar-se, que se diga, nha Vina não se zangava, mas amostrava uns geitos assim de parirú que vae ariscando. O José, que é quatro-paus nestas prosas com as mulheres, e que quer bem á nha Vina ás direitas, não dava ou fazia que não dava fé que ella ia sonegando a bocca e as mãos. Pois sonegava-as devéras, dês que percebeu que elle por força queria pegar-lhe nas mãos e dar-lhe um beijo na bocca : mas não era com grandes fugidas, pelo contrario ! — fazia que nem a rolinha, quando o companheiro vem chegando, a qual estende uma asa a modo de leque, e as-

susta o companheiro, e, apesar dos pesares, fica, afinal, bem junto delle.

Tudo acaba neste mundo. O luxo de nha Vina teve a sorte de tudo : acabou. Foi no instante em que elle se lamentava de ella não ter nem isto de amor por elle (e mostrava uma unha), ao passo que o infeliz coitado só pensava na sua tyranna querida ! Ahi, porque ella não deu mais nem um afasto, e como o ramo dos guaiapás descia até o chão, encobrindo os dois, uma bocca procurou a outra bocca — nem se sabe qual foi a primeira ! — e uma buquinha grossa fez rumor nos ares.

Nessa horinha gritou o Ignacio lá do alto da fruiteira:

— Antão ? Eu não falei que 'tavam bem maduras ? Pois si eu entendo disto como da palma das minhas mãos ! Quando ellas não 'tão bem no ponto, não estralam com tamanho barulho. E olhem que melhores, só no céu !

VELHA DOR

A umas duzentas braças da Estiva, já a mula douradilha do Bernardão falseou das munhecas e principiou a ficar differente, com o passo abaloso (ella que era tão macia e tão maneira na estrada!), e a bufar seu tanto ou quanto. No corrego, depois que passou a pontinha, o Bernardão apeou-se, levou uma temporada a olhal-a e a bater com um ramo de alecrim nas botas:

— Pior, pior! O que eu 'tou vendo é que temo arejamento em casa!

A douradilha, parada, pareceu nada mais estar soffrendo: apenas, de quando em quando. firmava os olhos espantados em qualquer sombra movediça, amollecia as orelhas e abanava a cabeça. E o seu grande vulto, no areião, á luz já fraca do sol, maior ficava ainda, e assustador, cada vez que a tomava aquelle repentino arrepio.

Mas um bando de pombas-verdadeiras, que vinha de longe, muito alto, esquipou o vôo, recortando-o de subito, e procurou o socego da mata. O que fez que o Bernardão montasse de novo a cavallo:

— Nada ! Já 'tamo' na boquinha da noite, as pombas venham vindo p'r'a cama, eu tambem perciso de campear a minha !

As esporas retiniram, cravando-se agóra e logo nas ancas da mula: e a mula, entretanto, não deu a arrancada do costume :

— Ora já se viu só que trapeira ! Pois não é que a pobre da besta, que é ardorosa de chegar, ficou patife e molleirona ?

Desceu-lhe a guasca, de rijo, e comtudo a mula não mostrou mais pressa ou medo :

— Não me vá deixar a pé nesta campanha, viu ? Crie um pouco de talento, um pouco só, daqui no Rio Verdinho, que eu te ponho boa de repente, c'um remedio inté gostoso !

Sentia, ao ir vencendo a estrada, que a douradilha não ia certa dos quartos de traz: uma vez, quando fronteava a mangabeira que fazia uma curva para o areião, percebeu claramente que alguem lhe pegava na cólla do animal e o repuxava com força, impedindo-lhe a marcha. Meio temeroso. chegou a persignar-se :

— Creio em Deus Padre todo poderoso, creador do céu e da terra ...

E entrou a rezar, afflitamente, por aquella alma do outro mundo que alli estava a divertir-se com elle e com a mula. Caindo, porém, em sí, voltou-se e falou grosso e confiado:

— E não é que a gente ás vez' fica bobo a troco de nada?

Passou a mão pela taboa do pescoço da montaria:

— Ah! minha dourada de enthusiasmo, si tu não tivesse' 'panhado esse ramo de arêjo, nós já 'tava' dobrando aquelle cacurutinho p'ra cá dos Dutras! Era um tirão á toa p'ra chegar na venda, e eu te derrubava duas garrafas de cerveja preta p'r a guéla a baixo, que tu havéra' de ver que porrete!

Achou-se triste, de uma hora para outra, e pegou a cantar, com o sentido alheiado, a moda antiga de um cantador do sertão:

«No alto da serra
namorei uma cabôca:
não era baixa nem alta,
e eu por ella fiquei louco,
ai!»

A moda saía certa:

— Foi mesmo p'r aquellas cordas de morros que eu vi a diaba da peste! Bonita e judiadeira, entendeu de me tratar de resto, com pouco causo, nem que eu fosse a planchinha de caróba do seu tamanco! Eu bem que fazia os impossiveis p'ra lhe agradar, levando-lhe presentes de arromba, sendo fiel feito um cachorro, tendo um coiração de açucre e uma alma de pennas brancas!

«Quando lhe deu na veneta de escuitar as prosas do

mestição de Nioac, inda eu fui bom p'ra ella, inda lhe dei bons conselhos, inda off'reci a garupa do meu tubiano e o girau do meu rancho: mas tudo tempo perdido! Quiz, porque quiz, andar pelas poaiages do mulato esparolado, e largou de mim á toa, do pé p'r'a mão, como quem pincha um traste velho no cisco...

«Largou de mim a dois arrancos, derreteu um bello dia, e eu nunca mais não vi nem não quiz ver falar naquelle nome maldiçoado. Só, sim, p'ra ponhar um pouco de doce no fel da minha tristeza, pedi p'r'um home de cabeça que 'tava naquelles centros, naquella quadra, que me apromptasse úa moda mineira, bem delorida, p'r'eu cantar na viola quando a sodade me apertasse, porque isso p'ra mim sempre me serviu de allivio.

«E a moda que o home me fez foi ver a fôrma p'r'um pé:

«Patativo do gordura,
não cante alegrinho ansim,
que você, cantando alegre,
sirre de mim,
ai! ai!»

A douradilha, toda arquejante, empinava a cabeça atormentada. E o Bernardão nada via:

«Meu coiração 'tá tremendo
como a folha do rubim,
ai! ai!

Já não tenho mais allivio
p'r'este meu penar sem fim:
patativo, 'ocê dobrando,
zomba de mim,
ai! ai!»

E então, rouca e demente, a mula atirou-se ao areião da estrada. Mal o Bernardão teve tempo de sair por trás do soccado, com um rasgo de destreza; contemplou-a fóra de si, vendo-lhe as ansias quasi sem as comprehender, com a lembrança posta na ingrata cabocla da serra.

Alguma coisa, porêm, pareceu estralar alli perto. Abaixou-se para a douradilha. E a douradilha acabára de morrer:

— Não aguentou o repuxo, hein? Pois olhe: eu ia te curar pela certa. Mas tu não quiz'...

Só então é que teve remorsos:

— Agora o que é verdade é que eu não devêra de 'tar pensando na morena sem tenencia, porque a dourada me queria bem, nunca não me deixou mal no mundo, 'o passo que ella...

Sentou-se encostado na mula, e começou a alisar-lhe a crina, como num carinho:

— 'ocê 'tá queixosa de mim, 'tá admirada? E' porque 'ocê não conhece o coiração dum home da minha casta! Quando um home da minha casta resolveu de verdade querer uma dona, seja ella quem for, não hai nada

que possa co'elle; elle é fraco p'ra ella, mas porêm é forte de mais contra os outros, contra tudo. Agora 'ocê fica 'maginando que o meu coiração é duro e 'tá fechado: que 'tá fechado, 'tá mesmo, e a chave inda não saiu da mão daquella tyranna; mas comtanto que, si a chave apparecesse, e 'ocê visse por dentro o meu coiração, minha dourada, 'ocê havéra de ver que o amor é que faz a gente rúim, sem mais nem mais, p'r a vida inteira!

«O meu coiração não é duro e não é rúim: 'tá fechado, que inda é mais pior: e ansim tem que ficar inté a hora melhor da minha vida, que só ha de ser a melhor por ser a derradeira...».

MISSA DA PASCHOA

Muito azafamada, a falar alto, entre risonha e aborrecida, a Maria Claudina começára, afinal, a vestir-se. A mãe estava na tórra da farinha, que escasseou de repente, na vespera do dia santificado, o pae saíra a cavallo pelo bairro, e só a negra velha, a Romana, andava mexendo pela casa.

Os sapatos de couro de bezerro, que se tinham mettido ao fundo de uma caixa, reseccaram de mais, e agora brilhavam ao sol, besuntados de enxundia de gallinha; o lenço azul-claro, de ramagens vistosas, caía do cabide, passado de fresco; as duas saias brancas, amarradas pelo cós, enfunavam-se, duras de gomma, ao lado do lenço: e o vestido de riscadinho vermelho, novo em folha, já se extendêra em cima da cama, descansadamente e sem rugas, como quem não quer saber de nada.

Mas a moça macucou de repente, sentou-se, falou firme e aspero:

— Ah! Rumana dos meus peccados! Você bem sabe

que eu não gosto de camisa sury, e é logo essa que eu tenho de ponhar no meu corpo?

A negra custou a mover-se da cozinha, onde arrematava o tempero de uma trapucaia com abobrinhas da ultima semana:

— Pois o remedio é facil, nha Clódina: é só levantar a tampa da caixa, que tem camisa com fartura, sury ou de manga, lisa ou de cabeção rendado, 'o seu gosto!

Como a Maria Claudina resmungasse ainda, ella mesma abriu a caixa (o quarto rescendeu logo a raiz de junco), e apresentou á moça uma peça de roupa, muito alva, dobrada em fórma de carta:

— Veja si serve essa: foi a que a sua madrinha deu.

No rosto da Maria Claudina espalhou-se logo uma doce satisfacção:

— Esta sim, que me enche as medidas!

O sino da capella vibrou; era o primeiro toque da missa da Paschoa:

— Ê! Rumana: 'tou vendo que a missa me escapa! O pobre do Grande é que havéra de ficar bem xavy, si não me visse agora. Logo mesmo agora...

O Antonio Grande, que bebia os ares por ella, desde o milho verde do anno atrasado, esperava só acabar o empreito de formação duma invernada de morro a morro, para pedil-a em casamento. O empreito havia de ser entregue por aquelles dias, e no dia da festa elle queria sair

com ella da egreja (ûa maneira de dizer), rasgar a guaiuvira para o Lucas das Posses, e tratar dos papeis o mais de pressa possivel.

Ella riu-se com todos os dentes:

— Elle falou, Rumana! Falou que nas vesprinhas da Paschoa fechava o serviço do retiro e me pedia: mas porêm quer por força que eu 'teja na missa de hoje: diz que é p'ra trazer felicidade. E eu quero tanto bem elle!

Endireitou as saias, puxando por aqui e por alli, fazendo-as ranger sob os dedos:

— E 'ocê, Rumana? 'ocê não acha o Grande muito bom de coiração e de cabeça?

A negra velha sacudiu as papadas, numa alegria quasi convulsiva:

— Lá isso é! Tambem o demo de certo não é rúim!

Porque foi a Romana caçoar com ella, em tal momento? A Maria Claudina avermelhou-se toda, bateu os saltos no chão:

— Não faça galhofa de gente daquella qualidade, criatura, que inté provoca o castigo do céu! Eu arrenego duma coisa ansim: o sangue me trepa de repente p'r'os olhos, e a mo' que me cega de vereda!

A Romana, calma e serena, tratou de accommodal-a:

— Ora deixemo' agora de libuzia! P'ra que tanta reiva agora?

E poz-lhe medo, por ver que ella já não cuidava de apromptar-se:

— Pegue a pinicar na sombra, p'ra ver como a missa vai-se embora, e 'ocê não ascança mais!

Foi agua na fervura: a Maria Claudina passou em tres tempos a saia de riscado até a cintura, vestiu ás carreiras a blusa, que appareceu muito alegre no corpo, com os botõezinhos brancos. Remirou-se a um caco de espelho: e como a Romana lhe perguntasse que tal, si estava bonita ou não estava, respondeu frouxamente:

— 'tou ansim, ansim... Não sei o que é que 'tá-me faltando, mas porêm 'tá-me faltando argûa coisa!

O sino gritou finamente, dando o segundo toque:

— Acuda, Rumana, que o segundo signal já foi! Veja o que é que percisa ainda, que eu não posso me alembrar

Compoz o lenço no pescoço e nos hombros:

— A mo' que 'tou tão sem graça, tão sem sal!

Em frente ao resto de espelho, virou-se de todos os lados:

— Inté 'tou-me achando meia jarurú!

De repente, porêm, cuidou lembrar-se do que lhe faltava:

— Me 'ranja agora um collar de maravilha de tudas as côr', que é um enfeite que o Grande apreceia muito!! É isso mesmo! Mas porêm de carreira, já e já, Rumana!

Vieram as maravilhas, brancas, azues, vermelhas e côr de rosa: poz umas noutras e todas no coque de cabello, presas por grampos:

— Ficou o collar bem fermoso e bem pregado? Ficou?

A Romana chegou a admirar-se:

— Nem fale, nha Clódina! 'ocê tá um brinco, de linda! E vá-se embora, passe por deante, que eu vou-me arrastando mais de vagarzinho, como Deus me ajudar.

A' porta, a Maria Claudina ainda segredou á negra velha:

— Ansim anda tudo muito bem, pois não é? Eu vou numa puba damnada, de vestido novo e flor no cabello! Despois da missa 'tou sendo pedida e o Grande 'tá sendo acceito: o mais não me esmorece, que elle me quer de devéra e é um home de conta e peso!

Passou-lhe um chabó, chilreando, junto ao ouvido, subiu pela claridade fóra, até um monte de nuvens, e a moça esteve sempre olhando-o, cheia de alegria e de esperança. E ia caminhar para a capella, peneirando-se de enthusiasmo singelo no seu vestido de listras, quando a Romana, que estivera de conversa um instante com outra mulher, chegou a passo e passo, depois de acenar-lhe, e encaminhou-se para casa outra vez:

— Não bamo' mais, nha Clódina: diz que um dourado picou o Antonho Grande, esta minhanzinha, e que elle ja' tá sem vista e sem fala: nós semo' do mundo, e o mundo é de Deus...

FAISCADOR DE CARUMBÉ

A xintan, mal amparada do sol por qualquer moitinha de carrapicho, na braveza dos sahivás e das tigoéras velhas, toda se encoleriza e arrufa quando alguem se lhe achega do ninho, onde não treme ainda a pennugem escura dos filhotes que hão de nascer: é pequenina e fraca, sabe de certeza que qualquer golpe de açoiteira ou uma varada leve a deixará sem vida, mais a ninhada que nem chegou a viver, e, comtudo, corre deante do perigo, gritando enrouquecida e sem receios. Diziam da Chiquinha Sabiá, desde muito nova tomada de amores pelo Zé Saúva, que ella, quando falavam delle, era tal qual a xintan no sossego do ninho, ao ver chegar extranhos — irada e destemerosa.

E era. Não acreditava as murmurações que andavam quentes, desde certo tempo, na freguezia: que o Zé Saúva, preso á Chiquinha por uma promessa antiga de casamento, mal se lembrava do compromisso, pois vivia pagodeando de mau geito com quanta mulher do fado via, ás escancaras, como quem do futuro não se lhe dá. Ainda na ul-

tima funcção havida por aquelles fundos, um casamento que deu sorte, é voz corrente que elle fez quanto poude por desencaminhar uma roxa bem casada, moça de qualidade, bonita, sim, mas de todo o respeito: um cachaceiro que assistia ás dansas chegou a dizer, em certa hora, que o Zé Saúva rasgou ûa mesura muito grande á tal moça:

— Faz um arrastado de asa de longe, damnado!

A casada teve juizo. Juizo e tambem seu medo duma canella de veado que o marido trazia sempre de vista, no alpendre da casa: não, que um homem de sangue nos olhos, como dito marido, não é para brincadeiras! Mas o Zé Saúva, que bateu áquella porta e não teve resposta, campeou outras: e affirmou á caiçarada, essa noite, como contador de grandezas que era:

— Ûa me engeita, não é? Pois ando agora tropicando em dez e doze, que agôam p'r amór de mim!

Era pura mariquinha, esse dizer enthusiasmado: tirante a gentinha da vida, que tanto é deste como daquelle, por dever de officio, ninguem lhe queria, a não ser a Sabiá: aquella era um rochedo de tapiocanga, no solaes das vertentes: quebrar, podia quebrar, mas não vergava nem um dedo...

Um velho pretendente, por signal que rapaz de boa nota e bem apessoado, o Carmo, fazia-lhe discursos puxados á sustancia, com cerrada argumentação e não poucos exemplos:

— Você não vê, sa Chiquinha, que o Zé Saúva é um faiscador de carumbé, sojeito sabereta e prosa, que não conhece o preço do trabalho e 'tá disfrutando herança que teve por vias travéssas? E, demais, rúim á conta inteira: pois, a respeito de amor, bamos e venhamos que elle descubre uma barrinha de ouro, e apincha p'r'os ares; topa uma folheta, e juga fóra: e faz um cabedal desmasiado na areia bruta que chacoalha no vasilhame, ver uma coisa de muita valia... Você, não comparando, 'tá muitos furos acima da Carócha, que elle traz nas palmas das mãos, como não hai quem não saiba.

A Sabiá, porêm, não tirava o sentido daquillo: o povo é mau de natureza, bota a tyranna nos mais, haja ou não haja razão, e o Carmo, sempre maguado por uma paixão sem correspondencia, de certo o que fazia era plantar verde para colher maduro! A historia da Carócha, valha a verdade, já era corriqueira na freguezia e não se estremava das outras: tratava-se de uma pinhan bonitona, siririca e desmiolada, que pelos bellos olhos do Saúva abandonára a casa paterna, escondida num sitio de selamim, quasi na extrema do mundo. Para a Sabiá, todavia, aquella era do mesmo padrão das que tentavam sorte com o Saúva — — egual á que tinha, nos tempos já sombrios do passado, envolvido os pés de Nosso Senhor Jesus Christo nas suas tranças grossas e cheirosas...

O Carmo que se queimasse! Não ha de uma criatura de

assento, só porque sabe que o dono do seu coração está gosando a mocidade numa folia sem consequencias, armar um perequê de Deus-nos-acuda, e ficar com o nome chumbeado que nem porteira de estrada-mestra nas vizinhanças da povoação. O que tem de ser traz muita força: si ella havia de casar com o Saúva, como tinha por sem duvida, não sería uma leviandade dessas, um folguedo á toa, que lhe servisse de estorvo. E apesar de haverem já derivado seis annos sobre o trato, e o Saúva já pouca mostra estar dando de si, não tinha desconfianças, estava sonhando serenamente um lindo sonho de amor.

As noticias, entretanto, peioraram. O Zé Saúva pegára, segundo a voz geral, num rabicho de sola crua. Como foi rondador de casas alheias e fazedor de grongas para as moças que por bem o não queriam, era canelludo em excesso: e tão violentas se lhe apresentavam as crises de ciume, que o pobre do sub-delegado, um homem de voz descansada e quasi implorativa nos momentos graves, teve que ameaçal-o, um dia, de lhe arrumar ás costas com o Anno do Nascimento.

Violeiro, que passasse alta noite pelas cercanias da morada do Saúva a pontear algum toque dolorido, soffria desfeita pela certeza; serenata que passasse por alli assim, fóra de horas, havia de sair em accelerado: e aos proprios cavalleiros, que apeavam á porta de uma venda proxima, olhava de banda, gungunando de zanga. Tamanhas tro-

pelias pouco a pouco fizeram que o pessoal capaz se arredasse delle, a ponto de similhante moço viver dias e dias sem ouvir uma palavra christan que não fosse da Carócha.

A Chiquinha ia ficando apprehensiva. Uma vez (era dia santo) foi á missa e, ao passar por certo becco, viu que o Saúva caminhava a par de ûa morena, e ia de conversa tapada com ella: mal que elle reparou na Chiquinha, subverteu-se, e a morena entrou na egreja sózinha, enviezando, ás vezes, maus olhares no rumo da Sabiá. Mais tarde lhe contaram que a tal dona era os peccados do Saúva — a Carócha em pessoa, cheia de partes e muito arrebitada. Si Deus quizesse ouvir, aquelle dia, os gemidos de um coração que soffre por demais, na certeza havia de responder alguma coisa que fosse consolo e esforço ao triste coração da Chiquinha Sabiá: e respondeu, que ella, acabada a missa, já nem olhou para o lado da outra, e saiu alegre, como quem entra, dos calores do sol, na frescura de um capoeirão todo perfumado de baunilha.

O que ella pensava, então, é que o Saúva, de envergonhado e arrependido, se descartára da Carócha logo no meio da rua, e que a lembrança do caso o afastaria para sempre daquelle precipicio. Si tivesse olhado, entre as resas que resava, para a sacristia, ter-se-iam os seus olhos encontrado com outros, muito ardentes, que se fitavam na Carócha, e desta só fugiam, por um instante, quando os

meigos olhos da Chiquinha passeiavam distraidamente por aquelles recantos. Confiança e distracção de quem vive em loucura de amor!

Entretanto, pouco lhe durou tão doce fé. Andavam muito animadas as novenas da padroeira da freguezia: comquanto fosse a capella bem longe do povoado, no cimo do morro, entre guarirovas já formadas, a christandade do logar galgava as asperezas do morro, todas as tardes, com forte alvoroço, embora a volta quasi sempre se fizesse através de uma neblina carregada e intensamente fria. Como o Saúva era atreito a superstições e abusões, não deixava de levar a Carócha a quanta resa havia, esperançado de colher, por esse meio menos difficil, a misericordia do céu, contra o qual vivia em continua guerra. E a Sabiá foi sabedora de que o Saúva e a Carócha não davam ponto naquellas novenas: começou tambem a ir lá fazer as suas orações...

Houve um dia, no leilão, repentinamente, uma duvida. Apparecêra uma prenda — almofadinha simples, de guardar alfinetes, — e os lanços esquentaram com pouco, feitos pelos dois namorados da que mandára a almofada. O que tinha mais opinião e menos posses, vendo que não podia ir avante, poz-se a desfazer no rival, por palavras e gestos, emquanto a prenda era entregue solennemente ao outro, no meio de applausos da rapaziada e musica e foguetes. Encrespou-se tanto o mais pobre, que, por pisar no dono da almofada, falou a bom som qualquer indirecta, como

quem conversava com a Carócha, que estava perto. Armou-se, ahi, o distranque feio, não entre os dois namorados, mas entre o dizedor da indirecta e o Saúva, que achou muito desaforo na prosa e fez cantar a piuva com toda a furia e toda a vontade.

A Carócha intervinha, assustada e protectora, a chamar e a puxar pelo Saúva: e com tanto afan o fazia, que a Sabiá, de ûa meia-sombra, sentia o peito a arfar, numa agitação tremenda. Boa occasião para o Carmo, que andava sempre sondando aquelle peito e querendo um pouso naquelle coração! Vendo tamanha pouca-vergonha, era impossivel que a ingrata não visse que o Saúva não queria ninguem mais que aquelle anhanga de sala — a Carócha...

Chegou-se á Chiquinha Sabiá, falou-lhe com alto compungimento:

— E agora, sa Chiquinha?

— Agora (ella gaguejou um tempinho), agora (e pozse a tremer os labios), agora (e desatou a chorar), agora só morrendo!

CAMUNHENGUE

Um bello dia, sem mais esta nem aquella, pegaram a apparecer pelo rosto do Zeca Estevo umas grossuras, uma vermelhidão, uma pressama que ninguem sabia como explicar. Engrossavam-se-lhe as asas do nariz, iam-se-lhe sumindo os olhos sob a carne tumefeita, que os vencia por todos os lados, recrescente, e as pestanas principiaram a fazer-se-lhe ralas, esfiapadas, ao mesmo tempo que a cabeça se despovoava de cabellos e uma quasi continua fraqueza lhe bambeava as pernas, para baixo dos joelhos.

A's primeiras mensagens daquella doença incomprehendida, que, aliás, passava por nada na opinião de todos da casa, não se alvoroçou nem se fez differente o Zeca Estevo, acostumado como estava a tudo quanto é bom e quanto é ruim na terra. Mas, depois, quando se accentuaram os symptomas; quando deram os vizinhos de dizer que «aquella empige vinha braba»; quando notou que os extranhos já o olhavam com desusadas mostras de reparo e quasi de asco: foi então que entendeu de cuidar de

sí, rebuscar «ûa mezinha com qualquer curandeiro ou çurjão dos arredores».

Lá pelas covancas do Guaçú, numa tapera escangalhada e cheia de mato, assistia o Cabelludo, um pratico de fama, que era a ultima palavra nestas molestias desconhecidas. O Zeca Estevo preparou-se com todo o cuidado, mandou arrear a melhor besta de sella que tinha, escolheu o melhor rapaz do sitio para camarada na viagem (porque tinha com quê, o Zeca Estevo), e riscou chão ûa madrugada, nem bem o gallo pipuíra, que lhe morava em frente da janella, acabou de bater as asas e cantar pela terceira vez.

. Não se podia ler ainda uma carta, e alêm de tudo caía uma neblina muito fria, embora fosse tempo de milho verde. Mas em riba dos espigões, que mal se divisavam através daquella cortina opaca, um grande vulto côr de cinza clara se movia já do chão para o céu, ligeiramente, e era a manhan que rompia.

O Zeca Estevo despediu-se da mulher com duas palavras apenas, porque a demora sería pouca e a saudade que levava era muita. O filho mais novo, de cinco annos, que era a menina dos seus olhos, como dizia, ainda teve geito de lhe pedir um piquira lazão de crina branca. bonito e manso como o do Candinho, o irmão mais velho, que andava pelos oito annos e era pouco menos que um adomador. Elle ouviu o pedido, respondeu que sim, que o piquira havia de vir, — como não havia? — e passeou a

ferramenta pelo vasio da mula, que se descanhotou logo, estrada a fóra, violenta e macia no trote de cão.

Lá se foi o Zeca Estevo, alegre e confiado. Houve outros que partiram tambem confiados e alegres á procura do Cabelludo, mal lembrados do horror que levavam dentro de si, no peito ou no coração, e que não puderam voltar, entretanto, e acharam melhor, de certo, deixarem-se ficar esquecidos e descansados, nalgum recanto de cemiterio, em logarejo sem nome ou sem fama...

Mas o Zeca Estevo não concordava com esse abandono da vida longe dos seus: ou tudo ou nada, falava ainda na vespera da viagem. Ou sararia, e a volta havia de ser uma festa; ou teria então o desengano, e ainda assim tornaria ao sitio, morto e já desmanchado que fosse!

Não era coisa a que se pudesse chamar bonita, aquella tapera onde assistia o Cabelludo. Ao fundo dum angola praguejado, em que a unha-de-gato, o cipó-caboclo e a japecanga se entrançavam, caindo dos maricás ou dos ceboleiros, escurentada e escondida por um maracujázeiro de arvore, apparentava o geito de um gato mourisco assanhado, que se encolheu e vai saltar de subito á cacunda tremente do xintan. Toda a gente sabia, comtudo, que um mundão de romeiros cheios de fé vingava diariamente aquelle rincão, em busca do milagroso expriente que distribuia a vida

e a saúde a troco de uns saccos de mantimento ou de umas poucas cabeças de gallinhas ou leitões...

O Zeca Estevo escolheu a occasião boa: chegou á tapera ao fechar da tarde, quando já ninguem de fóra lá estava e os urús gargarejavam seu canto profundo e selvagem nos esgalhos das pindahybas e dos cedros, alli perto. Salvou logo do terreiro: e como visse que o Cabelludo não se apressava a recebel-o, entretido a tostar sobre as brasas uma cobra engraxada de manteiga, fez chorar no sacco da garupa os dois marrõezinhos mais gordos que criava no chiqueiro e lhe trouxera como presente especial, antes da cura. O Cabelludo, nesse acto, virou-se para elle, vagaroso e solenne.

Medo, terror, foram tolices que nada conseguiram do Zeca Estevo, nunca na vida. Mas agora, áquella hora duvidosa do lusco-fusco, naquelle ermo, um irreprimivel pavor se lhe foi apoderando pouco a pouco do espirito, á medida que o morador da tapera lhe respondia á salvação e lhe perguntava pela saúde, com voz pausada e um tanto rouca, em que havia muito de tempestade longinqua e tambem de rugir contido e ferocissimo de tigre. Sentiu curvarem-se-lhe os joelhos, uma corrente de agua gelada passar-lhe pela medulla, pôrem-se-lhe a pino todos os fios de cabello do corpo, e juntamente uma ansia tão forte, de tal modo suffocadora, que lhe constringia a garganta e lhe fazia correr um suor frio nas palmas das mãos e entre os vãos dos dedos.

Entrou na tapera, apesar de tudo. Contou sua vida ao outro, largamente, e acalmava-se á maneira que a narração lhe ia fugindo dos labios para os ouvidos do curandeiro attento. Fóra, sob o maracujázeiro, o camarada assobiava enternecido uma tyranna das derradeiras funcções. E aquella tyranna, casada agora ao chiado monotono de uma cigarra já invisivel, foi fazendo que o Zeca Estevo de todo volvesse em si, ganhando outra vez a paz de espirito de sempre, a calma que em todos os casos lhe servíra de maxima fortuna.

O Cabelludo, porêm, tirára com a mão esquerda o lampeão de azeite, de um mancebo ao meio da casa, e com a direita lhe examinava suavemente as faces, que se arrepanhavam grossas por sobre os zygomas, donde pareciam debruçar-se para as maxillas como bambinellas rubras e extravagantes. Indagou-lhe dos paes e dos avós: si nunca tinham tido mal de gallico, si nem uma mulher na familia quebrára resguardo de parto, por onde lhe tivesse vindo a doença triste que faz a mão ficar de vacca e perder as unhas. E o Zeca Estevo, escutando similhantes interrogações, para elle desnecessarias e estupidas, entrou de novo a possuir-se de um enorme susto panico, entremettido de raiva e de furias, durante as quaes deixava de esganar o feiticeiro (parecia-lh'o naquelle instante), só porque acreditava bem na certeza do tratamento.

Houve uma pausa embaraçosa e embaraçadora nas pa-

lavras do velho: foi a um canto da casa, ao pé do girau em que dormia, puxou uma gamella, poz-se a lavar as mãos com uma orelha de timbury, e já voltava para o Zeca Estevo, num passo ondulado e molle, quando este quiz saber o nome da doença:

— Antão, meu patrão velho, o que é que eu tenho?

O Cabelludo olhou-o de frente, com os olhos parados e inexpressivos:

— O mal.

— O mal? Vancê 'tá caçoando!

— Caçoando 'tá você, menino! Pois antão você, quando veiu aqui, não sabia já que 'tava camunhengue? E olhe que é jarerê dos graudos, é dos brabos! Tome conta disso, antes que elle tome conta de você!

O Zeca Estevo tinha o genio desabrido: vieram-lhe repentes de sacar o punhal e sangrar no mesmo instante aquelle bruxo desgraçado. Mas conteve-se:

— E o que é que eu bebo p'ra sarar?

— Não beba remedio, que p'ra isso não tem remedio, não hai mezinha. Coma carne de capivara sem sal, por todo feitio, e a da onça, que 'tá são. Mas largue do sal, si quer mesmo ficar como dante'!

Anoitecêra de todo. Um phantasma apavorante caminhava entre as nuvens, serenamente, e no andar cadenciado e como que fraco imitava o do curandeiro, que, entretanto, mudo e sombrio, se agachára encostado ao fogão, onde re-

começava a tostar a cobra appetecida. O Zeca Estevo olhou-o, olhou depois aquillo que caminhava terrivel entre as nuvens : sentiu-se anniquilado, transido de verdadeiro medo, e ia gritar pelo camarada, quando as nuvens se abriram, enchendo o arruinado casebre de uma claridade azulega de lata nova, e reparou que aquelle phantasma era a lua cheia, com seu São Jorge muito enthusiasmado ao alto e algumas tenues fumaças brancas a enrolarem-na como numa tunica.

Desamarrou os saccos trazidos, pol-os á porta da tapera, e montou a cavallo :

— Temo' lua boa, seo Chico: de madrugada 'tamos em casa: bamos embora !

Houve um forte e rapido rumor na estrada ; si não fosse tão rapido e tão forte, poder-se-iam ouvir os gemidos do Zeca Estevo, homem que nunca tinha chorado na vida, de serra abaixo p'ra cá, tal qual se diz na moda velha.

Não era tão tarde assim, que o Zeca Estevo não tivesse lado de torcer um pouco da estrada e procurar o sitio dum conhecido antigo, um criador em cujo potreiro víra ao passar, com sol alto ainda, um poldro lazão de crina branca e palmatoria, bonito e manso como o do Candinho, e bem ao modo do que lhe fôra pedido pelo José, a menina de seus olhos, a quem não podia negar esta alegria tão facil. E foi preciso mandar campear o petiço, áquella

hora velha e pelo cultivado humido de orvalheira, porque o José lhe estava a apparecer deante, todo risonho e satisfeito, ao ver que a promessa fôra cumprida.

Depois, quando se fez novamente ao caminho, entre um e outro vôo de passaros nocturnos, que lhe causavam singulares vibrações de nervos, e ao pensar naquella criança pequenina e querida para quem levava o cavallinho adestro, uma ineffavel piedade de si mesmo quasi o fez soluçar e carpir-se: via-se repudiado de todos, porque o negro mal de Lazaro iria de mal a peior, não o duvidava, e o José lhe sería companheiro de sempre, apesar do immenso infortunio, porque tinha uma alma affectuosa e cheia de bondade. E a mulher, sa Januaria, que fôra o anjo da guarda de sua mocidade turbulenta e rixosa, ia-se-lhe apresentando á memoria vagamente, aureolada de uma luz admiravel, como as santas das oleographias.

A marcha troteada da mula soava pela estrada clara, num rhythmo accelerado e uniforme. E era tão sagaz, tão esperta, tão valente, que mal o sol apontava da multidão de montanhas distantes, quando o Zeca Estevo abriu a porteira do pateo, onde a criação renhia pelo milho atirado de pouco. Sa Januaria surgiu espantada da varanda, trouxe logo o café com rapadura, e não chegou a perguntar-lhe a razão da volta tão apressada e o que dissera o Cabelludo, porque logo o Zeca Estevo lhe foi contando:

— O home lá me disse que' tou soffrendo do mal.

Mas sa Januaria tambem não quiz acreditar :

— Não é capaz, isso é poaiage sua !

— Verdade, mulher : o diabo inté me receitou capivara e onça.

Sa Januaria duvidava sempre : olhou-o, remirou-o com todo o sossego, convencida de que tudo aquillo não passava de uma cuca que o Cabelludo lhe botára no marido, para ganhar molhadura melhor. E o Zeca Estevo, banzativo, escorára-se a um catre desmantelado, donde olhava para a mulher com ares muito alheios e remotos ; por fim, como já pelos vãos das telhas coasse no chão a claridade crua do sol, disse a modo de distraido, como quem não quer :

— Só si elle cuida que é por causa deste inchaço que eu tenho ha tantos dias nas orelhas.

Foi como si todo o mundo viesse abaixo ! Ella reparou-lhe então nas orelhas, que se haviam tornado intensamente escarlates, como queimadas de sol, empipocadas e grossas, pendentes para as faces num reviramento assustador dos bordos. Sa Januaria teve um arrepio de terror e um estremecimento fundo de compaixão : mas conteve-se logo, desviando a conversa com pedir ao Zeca Estevo a ajudasse em passar pelo pescoço de uns franguinhos pipuiruçús uma penna de gallinha, por livral-os da pigarra.

Vieram dahi por deante os dias negros da tristeza e da desconfiança. O Zeca mandava a logares longes, por mantas de capivara e carne fresca de pintada, tomava chá de raiz de inhame, todos os dias, fugia do sal, corria da chuva e do sereno, mas cada vez peiorava mais. Deram de retirar-se os vizinhos ; apenas algum mais corajudo ainda apparecia, de quando em quando, a bater ûa mão de truque ou pontear uns toques novos na viola paranista. E por mal de peccados chegára o tempo das aguas, com uma ventania nunca vista e um poder de tempestade todo santo dia.

Agora, com um bandão de desculpas augmentativamente apertadas, sa Januaria mudára de cama, dormindo com o José num quarto pegado ao do Zeca Estevo, donde, noites inteiras, o ouvia roncar e queixar-se de mil apoquentações e outras tantas dores. Fizera-se elle irritadiço e mau de genio, esbordoava os pévinhas á toa, botava chumbo nos leitõezinhos tatús mais estimados que se aventuravam até a varanda. Um dia que matára a um de brinco, e sa Januaria lh'o censurava entristecida, elle respondeu rindo num riso rasgado e amargo :

— Ora, eu tambem tenho brinco, e si eu morrer ninguem não sente !

Ao ver que todos, pouco a pouco, o iam abandonando ou, quando nada, deixando, tambem um poderoso desejo de absoluta solidão o tomava, mesclado de raiva dos homens e desamor aos seus. Chegou a dizer a sa Janua-

ria, quando ella lhe explicava, certo dia, por palavras travéssas, o motivo da separação :

— Eu aqui já não valo nada, todos me largam ao Deus-dará, como si eu fosse um trapo velho. Ha de chegar tempo de eu romper sem rumo por esse desespero de mundo! Você verá!

E voltava-lhe um calor da valentia da mocidade :

— Hei de sair, indas que seja pedindo esmola de casa em casa, p'r essas barrocas e serras. Quem não me der esmola eu quebro de manguara, porque ninguem não tem corage de me ponhar a mão, e o chumbo em mim já não pega. Cama, eu faço em qualquer fundo de mato, em qualquer beirada de corgo, indas que a força das inxorradas me carregue c'o escuro da noite !

A chuva estiára de todo, certa manhan de Dezembro. O Zeca Estevo mandou que o Candinho lhe ensilhasse a besta picaça quatrólha, ûa mula velhaca e arengueira, para dar uma volta pelos arredores. Disseram-lhe que, doente assim, não devia montar naquelle inferno de mula : foi tempo perdido, quiz porque quiz, e fez o que resolvêra. Antes, porêm, de montar a cavallo, chamou o José, com todo o carinho :

— Venha cá, meu filho, quero-lhe dizer uma coisa.

O José refugava-o desageitadamente, com os olhos baixos de respeito e de medo. Não se lhe chegou para ao pé.

— Pois antão inté você, meu filho, 'tá-me pondo de banda ?

O José custou a responder, mas por ultimo falou numa voz sumida e tremula :

— Diz que vancê 'tá macotena, nho pae.

— Era isso mesmo que eu esperava. Ai ! meu São Bom Jesus do Pirapora, já não tenho mais ninguem por mim neste mundo ! Fique p'ra lá p'r'o seu canto, José, que eu já não lhe digo mais nada, não tenha susto.

Montou a cavallo.

— Agora falta só as purungas e a baciinha, p' ra mim cumprir o meu fadario !

Sa Januaria chamava-o, chorando desesperada. E elle perguntou-lhe de repente :

— Eu volto, sim, eu volto: você quer que eu deite na sua cama ? Ah ! não quer, pois antão ? O mundo é mesmo ansim !

Recomeçára a chover miudamente, o sol passava frouxo e sem quentura pelas cordinhas d'agua, quando o Zeca Estevo bateu o tala nas ancas da mula e disse com voz em que havia uma tristeza infinita e um desespero inenarravel :

— Adeus, antão, meu povo dalgum tempo !

Voltou a ventania, primeiro quasi mansa, depois furiosa e uivante. E emquanto elle se sumia na reviravolta do caminho, a chuva engrossava, pouco a pouco, até se fazer outra vez um poder de tempestade.

— ... Ai ! meu São Bom Jesus do Pirapora !

SALVAÇÃO

Um gurundy pegára a chiar, muito afflicto, no meio do cambuhyzal: e perto delle, em gritaria alvoroçada, enrufando as pennas, iam pelo ar os bemtevis, as cabeçudas e as sapucaias. Chegou a apparecer no tumulto, curiosa e assustada, úa meia-pataca: mas, pousando em galho vizinho ao em que estava o gurundy, tomou-se logo de tamanho terror, que abriu o vôo, desmanchado e côr de havana, entre os ramos povoados de frutinhas vermelhas.

O reboliço, a quando e quando, serenava; mal se viam destacar de uma copa de arvore, em arrancada para o céu, pontas de asas tremulas, que logo sumiam no embastido das folhas: e dois carapinhés, que andavam a circular lá em cima, renteando o mysterio alvo das nuvens, não soffriam perseguições nem atenazamentos, e a sua voz estrugia victoriosa por sobre a terra abrasada de sol.

Mas com pouco voltava o barulho, para com pouco recrudescer. O que fez que o velho Albino puzesse o chapéu na cabeça, aconchegasse do alto do nariz, para a

esquerda, o tapa-olho de baeta azul, não se esquecesse da fulminante, e botasse o pé na capoeira:

— Quer ver só o desaforo? Pois ha de ser argúa cipó que 'tá aceirando o pobre do pass'o! Isto é que me engeriza!

Como o tempo-quente ainda era longe, puxou pelo saca-trapo, tirou a carga velha do cano, deu ao ouvido uma escorva fresca, apertou-a com o dedo grande, ao depois com o gatilho, bateu com a palma da mão junto aos fechos, tendo a espingarda erguida, e esfogueteou-a: brotou da bocca uma fumaceira suja, que foi embrandecendo e clareando, á maneira que subia, até se perder de todo, como um desejo — ou como uma saudade...

O Albino mal teve tempo de olhar para aquillo: fervia outra vez o guaiú no cambuhyzal. Carregou a espingarda, soccando forte a polvora e pondo, em cima da bucha de palha bem secca, um punhado de mostarda:

— Não hai nada que mais me doa no coiração do que ver o diabo duma cobra perseguindo a cantiga dos passarinhos! Inda si a coisa fosse c'as gimbúias ou c'as pererécas, vá: que bicho á tôa e rúim, ver o sapo, eu não conheço, a não ser a propria cobra: mas porêm c'um bicho bonitinho, que 'tá dobrando sentado na arve, sem não fazer damno de especíe argûa! Não tem geito, isso não tem altura!

O sol batia-lhe de chapa na testa, e o suor principiava a apontar:

— E despois as marvadas escolhem mesmo esta hora quente, que os coitados 'tão tudo c'o timbó do calor, e vão chamando os coitados p'r'o papo, sem cerimonia e quaji sem trabalho!

Sentia ao pé das orelhas, de tão proximo que estava, o rasgar de cada vôo dos amedrontados; e era tão angustiado o piar e o vai-vem que ouvia e via, enchendo a estancia de rumores tragicos, que o proprio coração começou a tremer-lhe e a palpitar. Viu então a femea de gurundy, côr de rapé, entre as ramas verdes, a agitar as asas, a empantufar as pennas do corpo, enrouquecida de todo, a descer e a subir, sempre descendo mais, pulando de uma forquilha a outra, atormentada.

Como atirava ás canhas, levou a espingarda ao hombro esquerdo e procurava o ponto: era difficil, porque só via de um lado, mas dava sempre certo. A cobra-cipó, dissimulada no tronco do cambuhy, tinha a cabeça a emergir de uma carreira de frutas, e olhava e esperava; mas o Albino, que já a trazia quasi encoberta pela mira, procurava com vagar o gatilho, que era doce, quando percebeu novo rumor para deante:

— C'os dianhos! Si eu bato chumbo naquella excommungada, e pego gente? A mo' que tem gente por ahi algure'!

Encantoou-se entre dois arbustos unidos, agachou-se, e observou: e só então poude ver, cuidadosamente escondidos

por uma laceira de cipó-suma, dois namorados que se beijavam :

— Ora pois ! Aquelles uns não se importam c'a sorte da gurundy que 'tá morre-não-morre ! P'ra elles, agora, tanto faz que a agua corra p'ra baixo como p'ra cima ! Tambem... tambem...

Ficou por um momento distraido, olhando para o céu, para as nuvens, para nada :

— Tambem aquillo é que é o verdadeiro ! Ter pena é só de quem a gente quer bem...

Mas a cobra-cipó fazia dansar a cabeça cubiçosa :

— Não deixo, isso eu não deixo ! Os outros dois inda 'tão na fror da edade, 'tão-se acocorando, de certo inda virão a ter seu canto e suas familias: mas a desinfeliz da gurundy é que já tem redada, que 'tá esperando por ella, e 'tá mesmo !

Mansamente, pé ante pé, acercou-se do cambuhy, enfiou a fulminante pela ramagem e cutucou a cipó, fazendo-a sumir de repente : o gurundy, cansado e entregue, ficou então estatelado entre dois galhos, ás vezes com arrepios pelo corpo, até nova coragem. A coragem custou a vir, mas veiu tão rija, que o gurundy tomou um vôo em linha recta, muito ligeiro, desapparecendo como por encanto.

O Albino voltou sossegadamente, sem fazer a minima bulha :

— 'tá bom ! A mardita viveu, mas comtanto que eu não

estrovei aquelles dois filhinhos de Deus! O que não havéra de ser de mim, que soffri tanto no mundo, si desde o principio da vida eu achasse que tudo não presta, que tudo tem amargo, que tudo tem veneno? E' perciso que 'o menos um tempinho a gente prove sem desgosto o açucre da vida!

Chegou a casa, e da porta investigou toda a capoeira. Havia agora completo silencio pelos arvoredos, e o sol fôra velado por instantes.

O Albino teve rebates de saudade, reparando na verdura immovel dos arvoredos, e disse como quem se desabafa, com os olhos commovidos:

— Eu tambem já tive o meu dia, e dia grande!

Atirou a espingarda para o girau, amassou o chapéu na cabeça, estalou papilotes com os dedos numa folha da janella:

— Um dia grande!

Mas os dois namorados não lhe saíam do sentido. Voltou-se para donde viera, e falou encantado e feliz, como si falasse de si mesmo:

— Foi lá bem no meio do cambuhyzal...

ULTIMA VEZ

A moça, afinal, não havia de ficar parada em casa; não tinha de aturar, a vida inteira, o peso de toda a viração do serviço, que nem uma negra mina: precisava de casar. E' verdade que o Pintasilvo a andava rodeando, historia velha e comprida, historia da carochinha! Mas o tempo vai correndo, fazendo estrago em tudo: quanto mais na gente! A moça precisava de casar, o Pintasilvo que désse o seu recado ou, então, que desoccupasse o beco.

Não era á tôa que uma tia já dissera, fazendo muchocho:

— Não ponham muita fé naquelle prosinha! Aquillo 'tá mas é tocando viola sem corda e piscando o nariz p'r'as familias dos outros, sem geito nem maneiras de fazer subír fumaça por sua conta!

A Joaquina Peneireira, que sempre pensou pela cabeça dos mais, ouvindo falar a irman, ficou logo contra o peão da Guariba, e disse poucas mas cabelludas palavras á filha:

— Inté agora, Vicença, eu não lhe disse esta bocca é minha a respeito dos seus arranjos. Agora chegou a 'casião: não quero mais saber de piscos nem de risadinhas c'o Pintasilvo. Elle, si tem peito p'ra dar um corte de vestido p'r'a mulher, que venha; si não, que vá campear namoro lá p'r a Guariba, e crie raiz por lá. Moça solteira, a bem dizer, é vidro que qualquer batido quebra.

A bocca da Vicença, que era proprio um juá dos miudos. de vermelha, embranqueceu e deu de tremer; os olhos, que pareciam duas piunas maduras, sumiram num rio de lagrimas: e toda ella se sentiu, naquelle instante, balancear affligida, tal qual um ramo novo de guapeva, quando sopra vento de chuva...

Não respondeu coisa com coisa: encafuou-se no quarto, contou suas miserias a Nossa Senhora das Dores, e chorou sózinha, desamparada, porque Nossa Senhora não lhe quiz fazer, de repente, o milagre de a levar deste mundo. Cerrou-se a tarde, caiu a noite, e o caboclinho peão foi sabedor do derradeiro decreto da Peneireira.

Saiu para o pateo, olhou o céu azul-claro, onde dansavam estrellas, e deixou-se estar encostado á caiçara, cheio de pensamentos e de desventura:

— Mas, Senhor Deus poderoso, porque é que essa gente não póde esperar que eu repasse os poldros, p'r'o anno que entra, e 'range meus trens com sossego? Uns par' de mezes mais!

As estrellas é que não podiam responder-lhe: continuaram dourando e encantando o velludo azul-claro do céu...

Si o Pintasilvo adivinhasse que a alma de tudo aquillo era a tal coróca da tia, sería capaz de mandar-lhe aprom-ptar uma gronga das tyrannas — e tudo, com certeza, não passaria d'ahi. Mas não adivinhou, por mais que pom-beasse os arredores da casa: e um bello dia teve noticia que um dono de carro e de oito juntas andava sendo chefe por lá.

O carreiro levava uma carregação de sal para o Tibagy; mas ficou tão enlevado na Vicença (agora, que ella era linda, isso era!), ficou tão enlevado, que por um triz não se lhe derreteu o sal com os aguaceiros de maio, caidos sem mais tirte, nem guarte, nem licença dos que andam apaixonados. Estava quasi aguando, o pobre! com sal e tudo, a boiada engordando na grama larga, e o tempo dando trinta dias por mez: até que emfim, ganhando cora-gem, pediu a moça, numa janta, em cima da ultima colher de cocada preta e antes da tigela de café.

Ajustado o casamento, assim a dois arrancos, a Joaquina Peneireira andou batendo caixa:

— Arre! Louvado Deus que 'tou mais descansada! Não, que isso da raça da gente ir parar nas mãos de um pamonha ou de um matinada, é triste! Louvado Deus, o

genro vai ser um homem de sangue, e tem um carro de truz e uma nação de boiada cuyabana, que dá na vista!

Não quiz Deus ser louvado assim: um cuyabano era varador, saiu para o mundo: e como, para sair, tivesse apartado os rachões de uma cerca, vararam tambem os outros, alongaram-se e hervaram: hervaram e morreram.

Quando chegou aos ouvidos do Pintasilvo o zum-zum do caso, era um dia a boiada. E elle riu, muito satisfeito, pois não havia de rir?:

— Que punhadão bonito! Dezeseis duma vezada! E tudo pegou herva?

Já estava no pateo e, como certa noite, olhou para o céu. Mas era dia, e o céu estava quasi branco, sem nuvens nem passarinhos: si um desgraçado precisa de piedade, elle parece que zomba do desgraçado; si alguem está alegre, e se volta para elle, com o rosto em festas, elle não mostra alegria nem tristeza, e fica mudo e frio.

Foi o que pensou o Pintasilvo: coisas que pensam os namorados, mas que nem sempre valem!

O Pintasilvo era cumpridor de juramento e promessa. Jurou que havia de conversar com a ingrata da Peneireira antes de voltar para a Guariba (pois que faria alli, casada a Vicença?), e rematára assim o juramento:

— Não quero chamar Francisco do Santo, si eu não ver aquella minha cadórna, uma ultima vez!

O carreiro vivia murcho, fazendo negocios de trama, sem rompante nem um: era um caicaco sossegado... Estava fóra, reparando nalgum baguá solto ou em qualquer soccado da era dos affonsinhos, no momento que o Pintasilvo appareceu, montado numa baia calçada das mãos, muito esquipadeira, e arreiada com um lombilho de não-me-toques.

Chegando á porta da casa, o Pintasilvo poz a mão no chapéu branco: (a mula fez um remanisco); de dentro não veiu ninguem, e elle salvou firme e forte, como si a sala estivesse cheia; (a mula buliu as orelhas): e só então, vergonhosa e apressadinha, a Vicença apontou na varanda (e a mula riscou o chão com a pata da mão direita).

— Devéra, seu Chiquinho, é vancê mesmo?

Elle ficou deslumbrado:

— Eu mesmo, fror!

Por então nada mais disse, nem lhe foi perguntado. Logo depois, entretanto, conversaram de Deus e de todo o mundo, porque a Peneireira estava na fonte e o homem do carro e das oito juntas por ahi alêm.

A mula era gorda, e o amor, que elles tinham, muito grande ainda: é facil combinar muita coisa, até um casamento no Ourinho, quando tudo o mais é facil...

Rompia, pela estrada, o rumor desabalado da ferragem da baia:

— Não foi á tôa que eu jurei, minha cadórna, que havéra de ir na sua casa p'r a ultima vez!

ANNA CABRIUVANA

Era dia de funcção em casa de sinh'Anna Cabriuvana. Dia e noite. Toda a rapaziada solteira de Santa Clara andava num tipity, para se apromptar: que era preciso uma arrumação em regra para festar com a ventena mais enthusiasmada do bairro e do municipio.

Desde pela madrugada começou a chover povo. Cada qual, assim que vizinhava com a porteira (um luxo! uma graça!), fazia o cavallo virar nos pés e encambitar. E sinh'Anna Cabriuvana vinha até a porta da sala, muito risonha, esperar aquelle convidado, perguntando-lhe si estava disposto ás devéras.

A' hora do almoço já não cabia ninguem lá dentro. Como havia um pau de gorucaia junto da porta, e um banco macota á sombra, os que chegavam por derradeiro não tinham remedio sinão campear espaço por alli mesmo, que na sala, na varanda e na cozinha não se via mais. A funcção promettia ser coisa mais que muito boa.

Mas que diabo era isso? Não apparecia casal nem um,

era só a moçada? Pois para um divertimento desta ordem não deviam guardar certas reservas! Não ha duvida que sinh'Anna Cabriuvana, pelo geito do seu proceder, andava bem arredada do caminho do céu: não ha duvida. Era tambem certo, porêm, que a Nicota, que ia casar aquelle dia, a pobre dúa moça tão séria, não tinha culpa dos peccados da mãe! O noivo, o Alfredo alli dos Pires, um rapaz considerado como quê, já era o sufficiente para animar as familias a virem ao casamento. Bem se notava, uma hora por outra, que a Nicota não ria a gosto, e sim constrangida. Constrangida e triste, que tinha razão de sobra; quem será capaz de adivinhar o que se passa no coração dúa moça de peso, vendo o refugo que as familias fazem della?

Caiu a noite, afinal, e o povaréu que havia, a bem dizer, não subia de gente miuda. A sinh'Anna afastou-se de todos e foi ficar só comsigo, uma temporada, no alpendre perto da cozinha, donde se via, até muito longe, a estrada larga e vermelha. Appareceu uma lua turva e fria, de pouca vontade, que mal esclarecia as encruzilhadas e a casaria das arranchações: e aquelle frio da lua (a sinh'Anna era capaz de jural-o) trespassava-lhe o coração pouco a pouco.

Quando o dono da casa não está de feição muito alegre, já a festa descai seu tanto ou quanto: isto é certo e recerto. A sinh'Anna fez por desamaguar-se, fingiu que não via nada que lhe doesse, apresentou-se entre os convidados, dizendo mais um isto, mais um aquillo, a uns e outros. E

assim que chegou a hora de trazer as candeias, porque o guayú das crianças já era damnado por via do escuro, veiu a duvida sobre qual havia de ser a dansa da sala maior: p'ra dansar baile (disse a noiva) a sala não tinha proporção, que o pessoal era muito; p'ra quebrar o fandango (foi o folgazão macoteiro que o affirmou) as taboas eram tenrinhas e, com uma companheirada sacudida como a do bairro, o assoalho corria risco; samba é dansa de pateo e de poeira (isto nem foi palavra, foi um ronco do Anastacio, tocador de caixa); e então?

Emquanto não se resolvia nada melhor, juntou-se a rapaziada e o mulherio numa roda de recortado. Chamou-se o noivo, mais que se pôde, e nada do noivo responder: dahi a instantes o Benedicto, um cabrochão que andava de ponta com elle, desde meses atrás, porque os dois queriam a mesma Nicota, e a Nicota tinha só um sim, veiu para a sala fazendo uma galhofa onça com dizer que o Alfredo quebrara a munheca em demasia, e estava curtindo seu somno pesado em cima duns pellegos, na varanda. A Nicota não acreditou, foi ver com seus proprios olhos: mas a sinh'Anna, que voltava da varanda naquella horinha, sentiu um tremido nos olhos e uma travação na lingua, e falou malcontente:

— Nho Benedicto, vancê não devia de fazer tamanho escarcéu c'uma coisa de tão pouco porte! O Alfredo não é home de virar, como vancê de certo cuida! E' por isso

mesmo que extranhou a queimada: não ha do que admirar.

O Benedicto, porêm, estava estomagado, e fez uma replica de quem nunca poz uma gravata no pescoço;

— Pois olhe, sinh'Anna: quem não póde c'o tempo não inventa moda!

Formou-se a roda. Como o povo era muito, entraram dois violeiros, e as donas ficaram entre os cavalheiros, intervezadas. O dono da primeira viola cantou o primeiro verso, fronteando com a primeira dona; a dona respondeu, em voz macia e terna, acabou de cantar, fez o trançado da dansa, passou para trás do tocador. O outro violeiro fez a mesma coisa, outra dona botou logo outro verso, trançou geitosa e remanisca, descansou do outro lado. E assim caminhavam os dansadores para uma banda só, depois de cada verso de encantar.

Houve um caipira do Tatuhy, sujeito barbudão e zangado, que teve este pedaço derretido, como si fosse um mocinho cheio de maçadas:

«Meu amor é pequenino,
do tamanho dum botão;
de noite eu trago nos braços,
de dia no coiração».

Uma paranista endiabrada, que não mandava dizer o que queria, e tinha carta branca nos divertimentos daquelles cafundós, pregou-lhe no mesmo repente:

«Recortado, recortado
como a folha da mamona;
verso que vancê cantou
eu carrego na patrona».

Foi uma risada geral. O tatuhyano embezerrou-se, mas não abriu a bocca. Um parceiro de cabellos compridos e lenço vermelho amarrado no pescoço, não teve mais sabedoria do que isto:

«Recortado, recortado,
que veiu de lá de Brota;
tomára que pegue fogo
no balão de Maricota!»

A china mais galante do Matão, que estava de sumbaré declarado com um domador das vizinhanças, cantou de voz correntia como o lagrimal duma biboca no lançante:

«Muita gente me arrepara
nesta minha fermosura;
é que nem arroz com couve
temperado sem gordura».

Chegou a vez do Benedicto. O Benedicto parece que andou dias e dias preparando versos doídos para as modas do catira, versos que só serviam para judiar da sinh'Anna e da filha, ûa maneira de amante tocado que toma desforra da peior especie. Saiu-se com um que fez muita gente reprehendel-o, passou. O violeiro não teve mão em si, ficou atrapalhado, disse que a viola destemperára, a mu-

lher que tinha de tornar outro verso não teve mente para toada nem para palavras, foi uma viração desesperada.

Houve então quem aconselhasse os versos do Vandilio, um formado que viera de Casa Branca, moço destorcido nos pagodes do sertão, que inventava de cabeça umas trovas muito doloridas. Principiaram a cantar os versos do tal moço, e foi o violeiro quem abriu o caminho:

«O nambú piou no mato,
a juruty respondeu;
não hai ninguem neste mundo
que seja triste como eu.

Uma descascadinha dos olhos grandes segundou o violeiro:

«A dona do meu amor
mora no rio p'ra lá:
tem a bocca mais vermelha
que o peito do suruquá».

O Geninho, que queria muito bem ao Vandilio e tinha um talento de peito como ninguem, foi o terceiro:

«Você já me olhou de banda,
não me negue, que eu bem vi:
de você me olhar de banda
meu corpo ficou giçuhy».

Uma dona já meio usada, muito alegre, falou que tambem queria cantar, ainda que um pouco fóra de tempo e do tom, um verso do homem da Casa Branca:

«A piuna é fruita bôa,
mas tem seu gostinho ité:
parece moça soberba,
que ri, mas que não dá fé».

O Benedicto não esperou a vez, soltou outra disparidade, dizendo, por fim, na trova, que o que é de raça caça. Não houve quem não reprovasse aquella tianha, aquella vontade louca de estrangular a festa e encher de fel o coração da sinh'Anna Cabriuvana e escurecer, talvez por toda a vida, a alma limpa da Nicota. A sinh'Anna, que não saíra da sala, poz ûa mão no peito, como quem sente uma dôr: e o Manoel Eugenio, seu tafulo antigo, que guardára sempre por ella uma ansia muito aguda, quebrou a tristeza do caso:

— Pois si é p'ra cantar agora só os versos do rapaz vindouro, que despotismo é este? Seo Benedicto a mó que pensa que 'tá numa sanzala, mas 'tá muito enganado! Aqui só se vê gente direita, que p'r'amor de uma taboa não arma barulho, nem merece mesmo taboa. Eu vou pegar outra vez nos versos do moço vindouro:

«Vivo longe dos meus pagos,
ando no mundo sózinho:
'tou que nem o guaturama
pinchado fóra do ninho».

Mas o Benedicto estava palpitoso de desfeita e de briga, botou outro verso malcriado, sem lhe chegar a vez do

canto. Falou, por outros dizeres, que a Nicota havia de levar o mesmo rumo da sinh'Anna. A sala toda ficou pasmada. A sinh'Anna poz a mão na cabeça, num desatino:

— Poderoso Deus, não haverá um christão que tire daqui este endemoniado? Não haverá uma alma piadosa que me livre deste roxo do inferno?

A sala toda estava pasmada. E a sinh'Anna voltou a queixar-se com a voz meio entalada na garganta:

— Não hai hoje nesta casa ninguem que tenha misecordia da pobre dûa mãe atribulada?

Foi o Manoel Eugenio o unico que lhe respondeu:

— Hai, sinh'Anna, e sou eu. Você quer que eu pise na alma deste mulatão pachóla?

A sinh'Anna ficou quieta. E o Manoel Eugenio fez-lhe então outras perguntas:

— Quer que eu tire daqui o home? Quer que elle sáia, sinh'Anna?

— Quero.

— Quer mesmo, de devéra?

— Quero mesmo. E' uma obra de caridade que você me faz.

— Lá vae sair.

E o tiro duma garruchinha mocha urrou na sala, já então quasi escura: o Benedicto abriu os braços e extendeu as mãos, como quem se ampara nalguma coisa, para

não caír, mas tombou crivado de chumbo, entre dois rugidos temerosos, sacudindo-se, estrebuchando. O Manoel Eugenio, que estava numa tiaporanga onça, espertou seu pouco, assustou-se, porêm teve ainda uma roncaria de avalentoado.

— Ué, seo prosa! Antão dez meões e dois paula sousas abastam p'ra acabar assim c'o gaz dum mestiço?

A escolta bateu na Santa Clara quando a barra do dia estava amarellando. Em casa da sinh'Anna havia muito povo ainda, e tinham posto o Benedicto num girau perto da cozinha, coberto com um lençol comprido, da cabeça aos pés. O Manoel Eugenio acordára na pinga, e não sabia dizer nada, azaranzado e confuso. Foi a sinh'Anna quem saiu á porta, para receber o official de justiça, que lhe intimou a prisão e ao Manoel Eugenio. Ella ficou bamba de medo, porêm falou ainda, em voz enfraquecida:

— Mas eu sou innocente, seo meirinho!

O official de justiça não queria saber de nada, cumpria as ordens do delegado, havia de levar presos aquelles dois. E seguiram presos os dois, realmente, dahi a pouco, porque o Manoel Eugenio dissera, com grande resolução, que um homem de bem não faz resistencia ás autoridades, e úa mulher de pensamento deve de proceder do mesmo geito.

Abriu-se inquerito, juraram nove testemunhas. Nem uma culpava a sinh'Anna e todas eram de vista; affirma-

vam que ella não mandára fazer o crime, sómente pedíra a tirada do Benedicto, e o Manoel Eugenio, bebido em demasia, entendêra que o Manoel Eugenio vivêra com a sinh'Anna uns annos, em tempos atrás: e que o matado quiz muito casar com a Nicota, foi repellido, e era sujeito amigo de rixas e brigador.

Foram os autos ao juiz de direito, o promotor deu uma denuncia tyranna contra os dois presos, onde sim reconhecia alguma explicação para o Manoel Eugenio, que commettêra o delicto embriagado a ponto de talvez não conhecer bem o acto que praticava: e fazendo carga louca á sinh'Anna, que não tinha justificação do que determinára em seu perfeito juizo.

Principiou o processo por esse mau principio. Voltaram as testemunhas, mas agora foi só o depoimento de sete, que repetiram o que já tinham contado no inquerito O juiz fazia algumas perguntas em bem da sinh'Anna e do outro, abandonados alli sem pratico ou advogado que lhes valesse naquelle aperto: e os que assistiram ao processo ficavam admirados de similhantes perguntas.

Acabaram de jurar as testemunhas, o juiz deu de interrogar os réus. Quando acabou o interrogatorio da sinh'Anna, ella quiz puxar por seus direitos, dizer como as coisas passaram, preparar a defesa, como lhe tinham dado de conselho. Mas o juiz cortou-lhe a fala:

— A senhora não pode dizer mais nada. Si quizer,

chame um advogado para fazer a sua defesa no summario, dentro de tres dias, que é o prazo da lei, como a senhora pediu. E' só o que o juiz lhe póde conceder.

A sinh'Anna bem quiz lembrar-se, mas não se lembrou de ter pedido nada. Sentiu-se entontecida, tomada de um terror que nem sabia donde vinha: pois um advogado então sería capaz de contar o caso como o caso aconteceu, quando não esteve na festa? Pois o triste dum preso ouve a denuncia do promotor, carregada a mais não poder, vê chegar uma por uma das testemunhas, jurar uma por uma, apenas pode fazer esta e aquella pergunta, e depois não tem licença de combinar o que as testemunhas disseram, explicando tudo? E' preciso escrever nos autos, chamar, por cima de tudo, um advogado ás carreiras, para fazer de certo um serviço ás carreiras tambem? Tremeu no banquinho em que estava, calou-se.

Quando chegou o dia do jurado, que não tardou muito, tratou de se vestir um pouco melhor, mandou comprar um chale vermelho-claro, penteou o cabello de bró, poz nas orelhas uns brincos de ouro velho, calçou sapatos de cordovão com meias côr de rosa. E o promotor, que falava fazendo visagens de todo tamanho, ainda achou que aquillo era muito ruim, que ré de tal categoria tinha obrigação de apparecer humilde e de cabeça baixa, e não enfeitada e com arrogancias. A sinh'Anna tremeu outra vez no banquinho, tremeu muito mais, e percebeu a quentura de duas lagri-

grimas que lhe rompiam dos olhos. A accusação não disse quasi nada contra o Manoel Eugenio, arrematou com palavras das Santas Escripturas, invocações de Deus, pedidos de justiça aos doze homens que estavam em roda da mesa grande, cansados e aborrecidos.

O doutor que a sinh'Anna justára para a defesa entrou contando as miudezas de dantes, a vontade que o Benedicto teve de casar com a Nicota; o que era dito malvado; como foi que se acceitou o Alfredo dos Pires, um rapaz trabucador da vida, e se rejeitou o tal valentão; a tristeza da sinh'Anna por não ver na festa familias de consideração, quando a filha era ûa moça muito boa; as palavras do Manoel Eugenio, que estava fora de seu juizo e não tinha consciencia do que fazia, as respostas da sinh'Anna, o pedido de bem que a sinh'Anna tinha feito, a que o Manoel Eugenio acudira, e outros termos mais. O doutor falou tambem (coisa que quasi ninguem entendeu) que alli não havia mandato para crime; que, assim, o unico responsavel seria o Manoel Eugenio, mas que esse tambem não podia soffrer pena, porque procedêra como um demente: e concluiu falando em Maria Magdalena, que lavára os pés de Nosso Senhor Jesus Christo com cheiros caros, e depois lhe passára pelos pés, como uma toalha, a rica trança de cabellos pretos.

Os doze homens da justiça foram-se embora para o quartinho da sentença. Assim que se levantaram, a si-

nh'Anna teve um batido de coração, um mau signal. Iam com modos de moidos, muito somnolentos e enfastiados, pouco se demoraram. O maioral dos doze leu o que tinham respondido aos quesitos do juiz; o juiz (todos repararam bem neste pedaço) ficou triste ás respostas, mas não disse nada, sentou-se, escreveu um eito pequeno, leu a condemnação da sinh'Anna em dezeseis annos e meio de prisão, e no mesmo seguimento a livração do Manoel Eugenio.

O juiz, o promotor, o escrivão e os doze homens da justiça retiraram-se logo. Os dois soldados que estavam na sala conduziram outra vez a sinh'Anna, o Manoel Eugenio desceu atrás della e dos soldados, até o xadrez. E só se ouvia o barulho dos passos pela escada abaixo. Nem uma voz.

A tarde estava nas ultimas. Do xadrez, recolhida em si mesma, com os olhos nadando em choro, a sinh'Anna olhava as nuvens côr de sangue da barra do céu, e não tinha peito para soltar o mais pequeno queixume. Voltou dahi a pouco o doutor da defesa, disse que ia appellar da sentença: ella ficou mais animada, agradeceu-lhe, assegurou que estava muito satisfeita do trabalho; que, si a livração não veiu, não foi por falta de diligencia nem destreza —, e despediu-se do doutor com um casamento de raposa, rindo e chorando.

O Manoel Eugenio permanecêra quieto, alli junto á grade do xadrez, atirando para uma banda a fumaceira do

pito. Assim que o advogado desappareceu, e elle viu que não havia em roda soldado nem um, falou baixo e triste, na mesma voz com que lhe falava outr'ora, quando mandava e desmandava nella como quem manda e desmanda num trapo:

— Pois então você não sabe, sinh'Anna, que ûa mulher da vida, como você, não tem direito p'ra nada neste mundo?

CONSTANCIA

O que não soffreu a Eulalia, quando esteve de sumbaré com aquelle ingrato do Raymundo! Era um pensar o dia inteiro nelle, que já não tinha mais fim nem acabamento; um procurar noticias, que dava pena: e todas as noites, de joelhos á beira da cama, um rezar com a tenção posta no namorado, que lhe levava horas e horas.

Ouvia, muitas vezes, más palavras, assim:

— Tire o sentido do Réimundo, Lainha, que aquillo não é p'r'os seus bicos!

— Sabe o que é que o marvado 'ta querendo? É fazer de você gato-sapato, judiar de você de tudo o geito ustentar amor frio e de passatempo, pandega pura!

— Já vi dizer que o Réimundo, nesta derradeira viage' que fez p'ra serra acima, ficou apalavrado c'uma viuva de cincoenta mil pés: será verdade?

Ai! si ella podia lá saber si era verdade ou não!

Sentia-se arrepiadinha de medo, com o coração em tremuras, mas não se queixava; porque o Raymundo lhe dissera, de pedra e cal, que haviam de ser um do outro a todo custo, e o dia desse acontecimento romperia por força, depois dos outros dias...

Só, sim, uma vez, teve animo de perguntar-lhe:

— Andam-me enchendo de prosa, Réimundo, e ponhando medo em mim. Todos elles tenham falado que você não honra a sua promessa e 'tá zombando comigo. E' certo?

Elle poz-se muito alto e soberbão:

— Mentira! Quem faz desses enredos, si é mulher, não tem seu em que cuidar, si é home' não é capaz de ter peito p'ra repetir o mexerico na minha frente!

São muito faceis de convencer as almas apaixonadas; a da Eulalia adormeceu, desde aquelle momento, e pegou a sonhar, como dantes, sonho e mais sonho côr de rosa.

Mas o Raymundo tinha um máu Espirito Santo de orelha. Era um parente afastado, que morava de favor nas terras da familia, leva-e-traz e intromettido. Achou-se na obrigação de dar conselhos:

— Pois devéra' você, que é um rapaz de conta e peso, ha de casar agora c'úa moça que não tem onde cair morta? Você antão é forte de dinheiro ansim, que não percisa de campear uma companheira que traga alguma coisa p'ra casa?

Elle resistiu á tentação:

— Primo Bento, eu p'ra mim jurgo muito rúim vigiar gente que tem mais isto e mais aquillo, e, a troco dos haver', botar o pescoço na canga. A resto, casar não é negocio, que se faz e desfaz quando muito bem se quer ; p'ra casar é melhor escuitar o que é que a voz de dentro fala, e não fazer muito finca-pé nas pósseas e nas riquezas !

O primo teimou : que era disparate sair um rapazinho novo, do chão da sua gente, p'ra se aventurar pelo mundo, feito um judeu-errante, que outra coisa não é um pobre quando casa com uma pobre ; que a Eulalia, afinal, era boa pessoa e ajuizada, mas, vendo que elle Raymundo fugia, com toda a pressa trataria de ferrar outro namoro, e havia de ter um marido como as demais ; que a fôrma do pé do Raymundo, com toda a franqueza, era aquella fazendeira do Vermelho, viuva fresca e sacudida. E rematou deste feitio a conversa :

— E sabe o que mais ? Não é por falar nos teres, que você não se importa mesmo co'isso, mas comtanto que ella é dona de uns quinhentos alqueires, uns cincoenta mil pés, umas trinta juntas de bois, uma carruage grande de rodas ferradas, tropa de lei p'r'a viração do café e da canna, e criação miuda com fartura.

De tarde, só, num canto do pasto, vendo a noite fechar-se e o recolher vagaroso do gado, o Raymundo pensava :

— Home', verdade, verdade : amor, eu tenho em de-

masia ! Mas, porém, é mesmo amor escoteiro ; eu sou tão pobrezinho, e a quadra anda tão feia...

Subiu a serra, casou com a viuva.

Passaram-se annos, e a Eulalia teve que acceitar o Vicente do Rancho, moço de boa mão e de boa cabeça, quando elle deu os ultimos repassos num piquira macaco do pae della e entrou a cercar-lhe a mãe de carinhos e de presentes. O acertador não enxergava terra alheia, quando olhava da janella para fóra, tinha suas pastagens e rocios, estava experimentando úa machina de limpar arroz, e até não faltavam boccas a dizer que tinha algum tantinho de cobre a juros.

Quando lhe deram licença de conversar com a pretendida, quiz saber logo si sim ou si não podia arranjar as miudezas :

— Vancê já sabe, nha Lainha, que eu 'tou na mente de lhe pedir ; alguem já lhe havéra de ter contado.

Ella avermelhou-se toda :

— É : eu sube mesmo.

— Agora vancê me diga, p'ro seu mesmo dizer, si daqui por deante eu fico no direito de falar p'r'o seu velho no negocio, e tambem si já não é tempo de ir comprando a roupinha, a louça, a trastaria dúa casa.

— Isso 'tá no seu querer.

— Mas vancê casa antão comigo de tuda a sua vontade, não tem nem um no pensamento ?

— Não tenho, nho Vicente. Eu não incubro a idéia de casar c'o Réimundo, e elle tambem queria casar comigo. Agora, dês que elle faltou c'a promessa, eu não tenho prisão por ninguem.

E um bello dia vestiu-se de branco, poz a grinalda de flores de laranjeira, saiu de casa com os convidados, entrou na egreja, voltou para a festa, e saiu depois para a casa do Vicente do Rancho..·

Não havia, por aquelle meio todo, quem não dissesse que o Raymundo vivia aborrecido:

— A tal viuva do Vermelho é ver a carne do apá!

— Diz que elle enjoou duma vez da mulher, e socou-lhe os péis.

— Intê já correu que elle abriu o chambre depois de lhe chegar a piuva no lombo.

— A razão que elle dá é que a dona era cabeçuda como quê, roncadeira de grandezas, e desaforada a ponto de lhe lançar na cara os haveres que tinha trazido do defunto.

Que a deixasse, lá por serra acima, não admirava: o mundo dá muitas voltas. Mas que viesse procurar a querencia antiga, tão fóra de tempo, é o que não tinha proposito. A Eulalia bem que soube das rondas que elle andava fazendo, dos olhos compridos que lhe punha para o lado de casa, das lamurias que dizia a uns e outros: e principiou a pensar, de si comsigo, que o Raymundo só a estava querendo agora, que não teria mais trabalho nem

um, agora que elle era um resto, agora que ella já não precisava de ninguem.

Topou com elle um dia, de repente, num caminho de extravio :

— Adeus, Lainha !

— Você como vae, seo Réimundo ?

— Mal duma vez, Lainha ; 'tou cumprindo o fado, 'tou no rúim. E por mal de meus peccados, cada vez lhe querendo mais ! Si você fôr a mesma de outra hora, eu sou seu e podemo' fazer vida ; animo eu tenho !

— Agora eu sou de outro.

— Mas é que eu nunca lhe esqueci, Lainha, vivo louco por você; sempre tive amor em você, e vim cair nos seus péis!

— Agora eu sou de outro.

— Tenha 'o menos piadade de mim, Lainha : não me trate de resto e me dê um pouco de esperança no mundo, que eu venho carregado de padecimento. Diga 'o menos úa palavra que não seje má !

— Agora eu sou de outro. Adeus, seo Réimundo.

Alongou-se ás carreiras, entrou em casa, fechou a porta. E então, atirando-se no catre, cheia de desespero e de saudade, apertou os dentes no travesseiro, encobriu os olhos na fronha, começou a tremer e a chorar, a soluçar e a gemer, com o mesmo desconsolo de quem se lembra dalguem, muito querido, que nunca mais voltará, porque morreu ...

AVINHA MÁ

Dês que o Mané Ramo adoeceu, ruim duma vez, a Jeronyma não teve mais sossego. Ella era os tombos da casa, já no tempo da saúde do marido; agora, que elle caiu com tamanho inchume e tanta ansia, e não podia trocar uma palha, tomou ella sobre si a tarefa mais penosa do sitio, lidando com os animaes, vigiando os camaradas, determinando o serviço a fazer — uma viração que não dava descanso.

A doença do Mané Ramo veiu feroz: chamado o curador mais mestre das vizínhanças, o Loredo, observou as feições do rapaz, reparou-lhe na inchação, e, saindo para um lado, falou á Jeronyma que tivesse paciencia, que se fosse consolando, pois aquillo não tinha volta, era molestia das que dão pancada de cego e matam de vereda; mas que ella se apegasse com Deus, porque nestes casos ás vezes do céu é que vem o remedio. E mandou dar ao doente

um chá de herva-doce fraco, a só por só, como para o aliviar, e nada mais.

A Jeronyma sentiu um baque dentro de si, e os olhos, na mesma occasião, quentes e meio vidrados: depois, como era a unica enfermeira que havia de fazer quarto, compoz o semblante, segurando-se, contendo-se, e não arredou pé de junto á cama, sinão para ir apromptar a beberagem ou buscar a manjuva — uns caldos, uma agua passada, uma coisa leviana.

Saiu bem certo o que o Loredo previra: ao cabo de uns poucos de días, não podendo mais de suffocado, o Mané Ramo pediu lhe abrissem a janella mais vizinha, que dava para o terreiro e era rodeada de unhas-de-gato, áquelle tempo cobertas de flores amarellas todas viradas para o chão. A Jeronyma empurrou as folhas da janella, chegou-se á beira do marido, e ahi ficou meio pasmada, banzá-banzando; de repente, como elle tivesse um estremeção muito forte, olhou-o, vendo que os olhos se lhe esbugalhavam de modo temeroso; arranjou-lhe os travesseiros, ao comprido das costas, mas o Mané Ramo, esticando-se todo, só achou tempo de lhe rogar que fizesse uma reza por elle, porque tinha batido a ultima hora. E morreu, mal comparando, que nem um carneiro, sem gritar, sem gemer.

Hora triste foi aquella! E as outras, emquanto a Jeronyma, extendida quasi sem accordo numa esteira da sala

pegada, ouvia o canto arrastado das mulheres que guardavam o corpo, no *Meus irmãos devotos* e noutras rezas assim.

Quando a gente, que ia conduzir a rede, se approximou do defunto e dava de agarrar no catiguá, por um triz que a Jeronyma não rolou tambem consumida, tamanha foi a dor e afflicção que lhe afogou os peitos. Mas o que Deus manda cumpre-se, e a gente amiga botou as pontas do catiguá nos hombros e levou o Mané Ramo para o cemiterio da villa.

A Jeronyma conservou-se de pé na porta, emquanto a comitiva ia subindo o morro que dobra para a capella do Lageado: e assim que nem um vulto se viu mais lá no assente do espigão — completamente claro, a troco do sol vivo do meio dia, — entrou para os pagos, atirou-se a um catre, e chorou tal qual uma louca.

Ora, isto acontece com todas as coitadas que perdem seus companheiros. O que não acontece a muitas é guardarem pelos finados a mesma firmeza que a Jeronyma conservava pelo Mané Ramo.

Dia veiu, dia foi, mês correu, mês novo chegou e sumiu, e nada de ella se esquecer do fallecido. Era sair para o terreiro, cuidando das gallinhas, e a vista logo se lhe pregava na unha-de-gato da janella, e pranteava em demasia, por se lembrar que fôra elle quem tivera a paciencia de trazer do mato o cipó com raiz e tudo, e plantal-o na-

quelle logarzinho. E ia vivendo assim uma vida de soffrimento.

Duns tempos para cá, toda tarde, nem bem vinha sentar-se a um banco, perto da porta que respondia para a estrada, um sem-fim, morador do rebentãozal da frente, principiava a piar que não tinha mais geito: aquelles dois pios, doloridos e repetidos uma porção de vezes, acabavam por deixar a Jeronyma tão desanimada e fóra de si, que não sentia romperem-lhe as lagrimas dos olhos; por derradeiro, quando já eram muitas e lhe amargavam na bocca, ahi, sim, levantava-se, encafuava-se na varanda, com a cabeça entre as mãos, e soluçava até mais não poder.

Entrava mês, saía mês, aquillo se repetia ao escurecer, sempre e sempre. Então certas vizinhas, que moravam a distancia de chamado, sabendo que a pobre se maguava assim, logo que o sol estava morre-não-morre, procuravam distrail-a, trazendo a criançada e cantando um diluvio de versos alegres pelos trilhos afóra. Topavam com a Jeronyma no dito banco, sózinha, pondo os olhos aguados na serraria batida dos ultimos raios do sol: e puxavam por ella, brincavam, faziam grandes rumores e estrepolia, sendo tudo em pura perda. A Jeronyma dizia:

— Deus te pague, Julia! Deus te faça feliz, Jinuaria! Muito obrigada, Chiquinha! Eu bem sei que vocês querem tirar o meu sentido da tristeza, mas é 'toa! Pois não 'tá alli aquelle marvado do sem-fim, que tanto me bole c'o

meu coiração, falando de similhante maneira? Aquelle sem-fim, ou sacy, nem sei bem como é que chama, é que não me deixa esquecer!

As outras ainda teimavam:

— Largue mão disso, Jeronyma! Quem foi, foi: 'tá no reino do céu desfruitando um viver mais melhor que este nosso, pedindo perdão p'r'os nossos peccados, de certo. O que adeanta, agora, você mortificar-se p'r' uma coisa que não tem mais remedio? Console, campeie outra systema de pensar, que essa não serve!

Tudo escusado: a Jeronyma era uma fortaleza na sua saudade pelo Mané Ramo.

Afinal, depois de padecimentos muito doídos, que não serenavam mais, que se exasperavam á hora da ruiva, aos pios da avezinha malfazeja, resolveu um dia acabar com aquillo. Um passaro mata-se, não foi para outro effeito que se inventou a polvora e o chumbo e as espingardas! Havia de botar fogo naquelle sem-fim: ao menos a saudade seria mais pequena, quando elle não andasse no rebentão-zal, piá-piando por essa fórma.

Chamou o tomador de conta do sitio, o Geraldo, caboclo já tordilho, que tambem ainda se queixava de a morte lhe haver roubado uma filha de quinze annos, tempos atrás, — e mandou-lhe que carregasse a troxada. O Geraldo, que foi na horinha sabedor do intento da patroa, limpou a troxada, assoprou pelos dois canos, desatravancou os ouvidos

da ferrugem, carregou-a com duas cargas de tres dedos, polvora tres efes e chumbo do meio ; poz-lhe escorvas raiadas nos ouvidos, puxou os gatilhos, viu que os gafanhotos regulavam direito e cada cão parava bem no descanso e no atirador, apertou as escorvas, entregou a espingarda.

A Jeronyma tinha a pontaria muito certeira. Em vida do Mané Ramo, caçava seguidinho com uma taquary que elle lhe dera de presente, á volta de uma viagem, e saía até, antes da comida, para apear muitas vezes uma pomba legitima da canelleira do quintal e apromptal-a ainda, ou para pegar mais depressa um frango.

Saiu no rumo da herva-de-lagarto, onde o sem-fim chorava toda a tarde, amoitou-se atrás de uma touceira de capim-fino, e esperou que o passaro soltasse a voz. Não tardou muito, e o sem-fim cantou, com um porte de pio comprido e angustiado, coisa que nem tinha proposito : a Jeronyma attentou bem nelle, depois ergueu a arma, apontou um tempão, fez fogo, e o passaro caiu num embromado, que nem uma trouxa.

— Agora (vinha ella dizendo), agora já posso ter um tiquinho de paz !

E como a lua principiasse a clarear, já no meio do céu, a Jeronyma, quem sabe si pela primeira vez depois que se enterrou o Mané Ramo, riu com certo gosto ; caminhou ligeiro para casa, entrou quasi alegre, e dormiu essa noite duma enfiada.

No outro dia, assim que o sol baixava, a Jeronyma foi tratar das gallinhas. Estava encostada á cerca do terreiro, olhando umas redadas de pintos novos, quando ouviu pios de sem-fim, a coisa mais desesperada deste mundo, na direcção de uma capoeira, para os fundos do quintal. Não poude ter mão em si: desatou a chorar perdidamente, com os peitos opprimidos e tomados.

E o Geraldo, que notára o momento em que ella reparou na fala do passaro, chegou-se-lhe para perto e disse com a voz meio sumida.

— Qual! nha Jeronyma! Aquella avinha é ver mesmo a sodade que a gente tem: a mo' que morre num logar p'ra resuscitar logo noutro. Sodade não se mata: ou ella morre por si, ou acaba um dia por matar a gente, devagar, devagarzinho!

NA CEVA

Lagoa de aguas paradas
é brinquedo de andorinha;
os teus pensamentos, moça,
meu coiração adivinha.

«Do Justino Baptista, encabeçando ûa moda.»

Era uma destorcida a Paulina, toda a gente o sabia: montava ahi num poldro bravo, sem medo e sem susto, que nem domador de officio, fazia o poldro pinotear e bufar no meio do potreiro, afincava-lhe as mutucas desde as taboas do pescoço até o boleado das ancas, e por derradeiro, quando elle estava bem quebrantado, bem entregue, pulava a Paulina do lombilho ao chão, duma vereda, segurando as cambas de sedenho na mão esquerda, e caía de pé que era uma boniteza. Qualquer mané-jacá não se atrevia a botar um animal no palanque, ensilhal-o e aguentar-lhe os corcovos perto della: porque si o tal não fazia a coisa bem feita, a Paulina tirava-lhe a prosa num baque, pintando a saracura no lombo do animal escarmentado.

E para lidar numa roça? Como a Paulina, truco-fecha, ninguem. Agarrava-se ao cabo duma enxada, assim que o sol rompia, e varava o dia inteiro na alimpação do cultivado, cantando modas, alegre de todo: e esses manguarões de trabalhadores por dia, que vivem roncando grandezas de serviço, não levantavam a voz perto della, porque logo chegavam á razão de que criatura para uma diligencia era aquella — e mais saberá Deus quem. O terreno por onde passava, carpindo, ia ficando areadinho; si estava fazendo planta, não perdia ûa mãozada!

Trabalhadeira e divertida: quando vinha domingo, muitas vezes, enramava com os irmãos, atrelava a cachorrada e ia desentocar as pacas aninhadas por esses altos de espigão. Como moravam perto do rio, quasi quasi á beirada das aguas, a estumação da Paulina, enthusiasmada e repetida, afundava pelas furnas e pelas covancas, alargando-se, estreitando-se, até morrer em vibração deliciosamente dolorida: e a cachorrada quarteava logo algum rasto, repicava, delirava e descia, na cóla da baia, soluçando a corrida pelo lançante dos carreiros.

Ultimamente fez uma ceva no topo do morro, junto á vertente da Agua das Pedras, onde as passagens das cotias se recruzavam de lado a lado, amassadas que davam gosto. Levou como companheiro o irmão mais moço, o Vicente, cortou a facão uma taquarama, apanhou uma cipoada, e teceu a choça dalli a dez braças, para a banda de cima,

rente com o tronco macoteiro de um saguaragy; depois que tudo se via bem tecido, quebrou uma galharada de folhas grandes, e foi tapando as paredes, para a frente, para riba, para os lados, só deixando a pequena fresta da pontaria, no rumo certeiro do monte de milho, e saída para os fundos, encoberta ainda por uma cabeça de palmito; aparou quatro forquilhas, apromptou um meio-estaleiro para assento. Quando voltou para casa, esse dia, o sol dava adeus ao mundo.

Com pouco a ceva pegou a ser frequentada. Eram cotias ás duzias, quatys em bando, macacos de cá e de lá, passarinhos em demasia: urús e jacús, vevúias e tovacas, nhambús e macucos, um desproposito! A Paulina entrou a madrugar, todos os dias, e lá se ficava fazendo fieira — até que horas! — entretida na caça e esquecida do mais.

Ora, uma vez, como caisse do cavallo de ir sózinha, cedo assim e por tamanhos ermos, topou com o seu namorado, o Chico Lucas, na divisa das terras delle e do pae della. Passava alli um corrego, coisa de nada, a bem dizer um chorinho d'agua, que não tinha som nem tom, lagrimal que só servia mesmo de separar duas propriedades.

A Paulina sempre foi muito dada e palaciana, mas ficou encaramujada com semelhante encontro. Si fosse numa reza, num ajutorio, numa funcção, era outro cantar: mas numa lonjura de capoeira, sem viv'alma em roda... E embatucou de verdade. Elle tambem não estava lá muito nos

seus eixos, é bem certo, mas desde que a primeira atrapalhação foi a della, sentiu-se animado: e como quem não pensa em nada, assim a geito de distraído, seguiu-a pelo carreadouro, falando falas macias e sem alta significação, contando novidades do sitio, dizendo os logares de mais passaros ou de mais bicho, uma coisa e outra.

Quando se foram achegando á picada da ceva, que tinha um disfarce grande, rodeio que levava longe, ella pediu-lhe, com boas palavras, que dalli para deante a deixasse, porque não era bonito andarem sózinhos por pontos tão afastados: e rematou gracejando que tambem não queria ensinar o caminho da ceva, pois o Chico Lucas seria capaz de roubar-lhe toda a caça, e podiam vir a brigar ao depois.

Conversas! Elle não só não concordou, como ficou ainda mais junto della, — e, tendo questionado e batido bocca muito tempo (uns dois minutos), entraram na picada. A araponga serradeira, que tinha sua arranchação por aquelles recantos, principiou a cantar espalhafatosamente no meio do silencio geral; outra lhe respondeu de longe: e começou a passarinhada toda a sair-se, a cantar, a gritar, a berrar, desde o lindo tangará de cabeça côr de sangue até o bruto pavão de peito côr de sangue.

Si elle estivesse para fóra da choça, espaventaria a caça: entrou na choça, depois da Paulina. Não querendo fazer algum rumor, sentou-se no estaleiro. E emquanto

ella encostava a troxada de aço á fresta da pontaria, elle, apaixonado, olhava-a. Com tão forte insistencia a olhava, que ella, por assim dizer aborrecida, se via tambem obrigada a olhal-o. Em seguida, pensando melhor, já ella abandonava aquelle meio aborrecimento, porque emfim não ha mal em a gente olhar e ser olhada. Mas nada de prosa ! — parecia ella dizer-lhe. E elle como que lhe repetia : nada de prosa !

Um barulho muito leve, muito distante, se fazia ouvir agora : barulho que agora vai engrossando, ganhando volume, encorpando-se, tornando-se quasi tumulto. Ella quer ver o que seja, elle quer ver o que seja : a fresta da pontaria é uma só : approximam-se, unem os rostos : os olhos, vizinhos como estão, querem barganhar lavaredas : tornam-se-lhes incendiados os rostos e os olhos.

O grande estrepito quem o levantava era uma vara de quatys, talvez uns trinta. Por que razão não lhes atira a Paulina ? Para onde elles estão dirige a vista, mas de certo não os vê, que elles, amontoados como se acham, não podem passar despercebidos. O Chico Lucas, a principio, quer tomar-lhe a espingarda. Mas toma-lh'a ? Qual nada ! tambem se esquece delles. E os quatys focinham-se, perseguem-se, querem lanhar-se, escarvam o chão com as fuças, erguem medonho motim : livres e desattentos ao perigo (perigo ?), quasi dão de dansar em pleno limpo, ao pé do monte de milho.

Agora, indagador e mexeriqueiro, approxima-se um da

choça, farejando-a, divertindo-se em gritos finos e curtos. Approxima-se mais, olha por baixo das folhas, ergue os olhos para calcular a altura da choça, que se lhe afigurava enorme: e vê as folhas do reparo por cima, por baixo e pelas bandas.

O Chico Lucas, porêm, trançou os braços na cintura da Paulina, que lhe acenou com um mais que pequeno signal de silencio e quietez: e como os olhos, á pobre, se lhe fizeram cada vez mais amorosos e morteiros, elle beijou-a de vagar, depois com ansia e agora com sofreguidão de sêde antiga, ao passo que a espingarda caía para um canto, largada á lei da sorte: e os quatys, amedrontados, desappareceram tumultuosamente pelos embromados de jaguarandy, crissiuma e guaimbê.

E a vara de quatys, então? Derreteu-se... porque a Paulina ha de ser sempre mais mestra de amansar os poldros chucros, no rincão desgrenhado dos potreiros, do que de tocaiar os bichos e os passarinhos, no silencio e no sossego de uma ceva!

PINHAN REFUGADA

A feira estava forte. Haviam apparecido uns boteiros da Côrte, gente de sola e vira para um negocio, e por toda a parte o que se ouvia dizer, a cada passo, era bem daquelles homens de gaz e de chêta:

— Tem um que bateu a vista em riba da mulada do Venancinho, mandou sair p'r'a frente uma parelha, e arrematou a tropa inteira por um despotismo de cobre!

— Hai no meio dos taes certo moço ruivico, de vidro nos olhos, que dá por qualquer baia redomona, sem um pisco, uma daquellas notas caolhas!

— E um sojeito das pestanas graúdas e de guarda-sol de seda branca? Esse um aparta aqui, e aparta alli, machos ruços dos mais morrudos, por mau lanço que elles tenham, e paga um dinheirão! Ainda por cima de tudo despeja vinho branco e cerveja mulatinha em quanto filho de Deus asséste ás compras!

Realmente, era de admirar. Naquella grande feira, que era tambem uma grande festa, o José Carióca, o moço dos

olhos ramudos, avultava como uma individualidade phantastica, um Mauá pelo dinheiro e um Santo Antonio pelo bom coração. O seu nome andava repetido na cidade, de alto a baixo, e os arrieiros faziam-lhe modas novas, nos catêrêtês de todas as noites. Formavam-se partidos:

— Eu acho muito mais bom o Antonio Lope, um bahiano desenvolvido, que não tropica na cumbersa e conta cada causo de deixar a gente pasma! E' um home viajado: até diz que já andou no Paraguaya e na terra dos gringos.

— Qual! p'ra mim o Zé Carioca 'ta sózinho: é um home bizarro, que não olha os outros por riba, tem um pé de prosa p'ra todos, o riso na fror da cara e as mãos abertas duma vez!

Não raro, armava-se um perequê por tão simples discussões. Tinha que surgir, de repente, o facão dos urbanos, ouvia-se o trilar dos apitos e a vozeria dos tropeiros assanhados. E só se conseguia asserenar o barulho, quando vinham os proprios viajantes, com toda a solicitude e muito amigos, explicar as coisas entre os briguentos, pedir-lhes que largassem mão daquillo, que tudo junto não valia a pena:

— Isto, afinal, é tempo que passa, e nós 'tamos parados: não serve p'ra nada ficar politico um c'o outro!

— Nem um de nós é mais pintado: todos temos a mesma valia: a bondade de vocês é que arvóra a gente

num ponto que a gente não merece! O melhor é não pensarem mais nestas questões!

As moças do fado andavam trançando de largo em largo, de rua em rua, de taberna em taberna. O acre cheiro da caninha vagueava casado ao perfume ardente da agua flórida, e nos rostos empoados das mulheres havia, quasi sempre, manchas violentas de carmim, quando não o afogueado de uma embriaguez ou a excitação de um caxambú sapateado de pouco. E as phrases, que se trocavam, quando ellas rompiam, eram caracteristicas:

— Olhe a piguanchinha queimada como 'tá nos trinta e seis!

— A alvaçã do Né Carneiro é puxa, de bonita.

— Venha p'r'aqui, sabina da malha miuda, que eu quero-te pagar um capilé com pinga do O'.

— E'ta baia de arromba! Você não quer ser meu cargueiro, neste catumby cansado que eu 'tou jogando? Agarre os milhos e bamos a ver o azar que corre!

— Chegue e assente, china verde de Sorocaba! Diz que você é nova em folha, eu gósto mesmo de mulinhas chucras!

A Jiquitaia era de fama. Do Rio Novo para cá, segundo a opinião geral, nunca houve mulher mais querida: montou na garupa dos fazendeiros mais ricos e dos mais importantes criadores, foi arroz-doce de quanto pagóde de truz se fez pelo sertão do Tietê, morou nas terras maio-

res: teve glorias de rainha. Mas o tempo foi caminhando: agora, em vez de irem buscal-a aos retiros mais afastados, onde a tinha, por força de cabedaes, qualquer gunga-muquixe de bom gosto, era ella quem procurava as festas e as funcções.

Tambem quizera estar na feira forte. Viu e reviu as negociadas e as tramas, não desejou ser de ninguem. Passava pelas multidões esquecida e sombria, não olhava a fito para pataqueiro nem um, ia só, mas sem pretender sair da sua soledade. Foi sua desventura conhecer o José Carióca, depois que o renome delle soava por todos os recantos da cidade, como um echo de victoria.

Espreitou-o de longe, a principio, foi-se approximando com os dias, pegou a renteal-o para ser tambem vista. Chegou a sonhar, noites áfias, com aquelle tostado, cujos olhos pareciam cobrir-se de fios de sêda escura. E custou tanto a encontral-o apartado dos mais (antes nunca o tivesse encontrado!), que, quando lhe perguntou qualquer ninharia, entre duas barracas de estrada-de-ferro, o coração parecia tremer-lhe, como nos tempos de outr'ora, de puro amor.

A manhan de domingo abrira muito alegre, vinha chegando a caipirada dos bairros, e uma ensurdecedora gritaria de maitacas descia do alto do céu. Foi no meio de todo esse rumor que elle a teve perto de si, ouvindo-lhe as poucas e gaguejadas palavras que ella conseguiu proferir.

Olhou-a um pouco de banda, com ar escarninho, e disse como numa resposta:

— Qual o que, sea morenona! pinhan das duzias! Moça velha não deita no meu ponche!

Ella sentiu um arrocho na garganta: nem que a estivessem estrangulando! Reteve os soluços que lhe corriam pela garganta, alongou-se para o fundo do largo, onde pouca gente havia, sentou-se a um pedaço de muro quebrado, todo verde e amarello e vermelho de caetaninhas em fructa, e poz-se a dizer muito de leve, no meio de muito choro, como se alguem a pudesse ouvir e consolar:

— Deus te perdôe, moço, Deus te perdôe!

HISTORIA ANTIGA

A Bertholina era café-com-leite, muito fina de cintura, tinha as mãos pequenas e os olhos grandes, andava de pressa e falava de vagar. Nos cabellos quasi corridos, que penteava de bró, trazia sempre um cravo, um bugarim, um ramo de mangericão que fosse. E os crioulos da fazenda, quando a viam passar pelo terreiro da tulha, ficavam alvoroçados e confundidos, cuidando bem que aquella mucama, só porque tinha genipapo nas cadeiras, mais havia de ser dos brancos que dos negros...

Nasceu numa senzala, um bello dia, duma retinta sem sal e sem gordura: e por mais que a escravaria bisbilhotasse, e por mais que a sinhá-velha sentisse duvidas e desconfianças, ninguem pôde affirmar que a mulatinha fosse captiva e filha do capitão Romualdo, capellista dos quatro costados, que rasgára sertão em ninhos de geada, para ser o tutú de vinte leguas em volta. Sómente, ás vezes, quando a Bertholina surgia ante qualquer rapaz da casa, e o capitão acertava tambem de se mostrar inesperada-

mente, desviavam-se della os olhares do rapaz, como por encanto e milagre.

A Januaria, que tinha de fazer, ao clarear, o café com rapadura para o povo, e depois o feijão com angú do almoço, e mais tarde a mesma coisa e o jabá da janta, não saía da senzala sem olhar um pouco pela filha e dizer-lhe palavras de conselho :

— Chegue bem p'r'a sombra dos brancos, Bertholina, que 'ocê inda póde ser gente neste mundo : os brancos querem bem 'ocê, quarquer hora 'ocê fica forra, e neste mundo quem tem o dia e a noite de seu já é rico a mais não poder.

A Bertholina escutava os conselhos da mãe, era muito chegadinha aos brancos, aprendêra a lida mais difficil da casa, costurava e fazia doces, torrava uma farinha a preceito, e até, nos ultimos tempos, começára a bordar um pouco.

Mas transtornaram-se os tempos. A geada grande, que apenas espontou um talhão de maragogipe do morro, coisa de dois mil pés, estendeu-se ao longo das lombadas e sofraldas, queimou até a raiz a força dos cafezaes do capitão Romualdo. A safra, que promettia mundos e fundos, foi miseria pura : e a tropa escolhida a ponta de dedo, que afundava chão uns dois ou tres meses, todos os annos, no caminho do arraial, fez tudo o que tinha de fazer em uma semana, e foi impontada na roça de milho, que estava urrando no sujo.

Aquelle tutú do sertão ficou apurado. Mandou chamar uns negreiros, mostrou-lhes a gente, a seus tempos, fez preço, entrou em negocio com uns e outros: apenas reservou umas trinta cabeças, tendo por certo que mais tarde completaria o numero de oitenta, que os cafezaes, replantados ou podados, pediriam logo.

Ora, a Januaria. ûa moura para o trabalho, como todos diziam, tinha ficado perrengue em razão de um rheumatismo nas juntas: agora, nas revoluções da lua, caía no girau com dores e febre, que aturava dois ou tres dias, e levantava-se afinal, muito acabada, sem coragem para tarefa que prestasse. Bem pesado tudo, o capitão Romualdo falou á sinhá-velha:

— No meio da gente sacudida eu empurro tambem aquelle canêlo, que é o que mais me serve. Numa quadra vêr esta, que inté o angú, tá fidalgo, p'r amór de a carés-tia do milho, uma bocca de menos é vantaja, não é?

Muito sensata, muito economica, nha Purificação concordou ao pé da letra:

— De certo! Inda si 'o menos ella fosse que nem a filha, que tem prestimo p'r' um isto e p'r' um aquillo, vá! Mas porêm é uma tigoéra cansadona, que não dá mesmo nada!

Estava descaroçando algodão, parou um instante:

— Mas como é, seo Romualdo? Você não se alembra que não póde passar p'ra deante o coirão sem a cria?

Foi agua na fervura. Elle poz-se a bater as mãos, muito pensativo e aborrecido :

— Ora, e esta ! Uma cousa que não ha gato nem cachorro que não saiba !

Chegou á janella, distraidamente, e foi distraidamente ainda que pegou a olhar a espinha verde-negra dos morros. Mas doeu-lhe nos olhos a seccura dos cafezaes, que erguiam para o céu varetas nuas .

— Agora, que eu 'tou num pedaço feio da minha vida, 'tou ! Ha de ser o que Deus Nosso Senhor quizer !

O capitão Romualdo era homem opinioso, de mandar cercar uma egreja a poder de capangada, para não chegarem os votantes contrarios ; de passar como um phantasma no meio de um fogo pulado, sem medo nem um ; de escorar uma tempestade no ermo, cortada de coriscos e uivante de trovoadas : e até de atravessar um caminho, sem batedeira de pacuéra, quando sabia que alguem o tocaiava para ûa malfeitoria. Quando balanceou os haveres, e viu que não tinha com que sustentar sinão trinta pessôas que lhe dessem renda, firmou-se em vender a Januaria : e quando viu que a Bertholina tambem teria que ir, franziu os olhos, sentiu um amargo na bocca, mas accordou no que lhe offereciam tambem por ella. E a escriptura foi lavrada.

O carro do comprador veiu, emfim, buscar as mulheres e as crianças. Um crioulinho, agarrado a um dos

fueiros, de que pendurára a carapuça de baeta vermelha, guaiava enormes gargalhadas e fazia gestos, repetindo esganiçadamente os nomes da boiada: Guaturama! Brinquinho! Namorado!

Uma negrinha espandongada, trazendo ao collo um embrulho de farrapos, que fazia de boneca, achou-se cansada de ser ama-secca e tomou-a em ambas as mãos, lançando-a meio acaso para o ar. A boneca gyrou um instante, prendeu-se num tamoeiro, e os dois bois de uma junta, de repente, arregalaram os olhos, baixando as cabeças, afastaram-se um tanto e mugiram surdamente, num medo afflicto.

O candieiro, por fim, ganhou a deanteira dos bois de guia, pegou na vara ferrada pelo cabo e pelo meio, ergueu-a, deixou-a um instante entre as juntas, a tremer sobre as cangas. Andou um pouco, ás arrecúas, chamando os bois pelos nomes, e as argolinhas das aspas tiniram de prompto. Um gemer abafado, que tanto poderia ser dos bois tangidos, como das negras do carro, morreu no vento: e o carro saiu.

Antes, porêm, de ir-se embora, a Januaria foi tomar a benção ao senhor-velho. O senhor-velho estava ao pé da eerca, sózinho, vendo-se para sempre desprovido daquella gente quebra, em que não havia um fujão, um capiango, um matador. Viu vir a Januaria, consentiu que viesse:

— Me perdôe argum damno que eu lhe tenha feito, sinhô.

Elle volveu os olhos para as hastes esbranquiçadas dos cafezaes :

— 'tá perdoada !

Julgou-se obrigado a ter pena della :

— Eu sempre te tratei com piadade, não tratei ?

A Januaria não poude conter-se, e disse-lhe baixo e triste :

— E' ! mas porêm naquelle tempo sinhô me queria bem ! Agora...

Approximava-se a Bertholina. E a Januaria concluiu, mais baixo ainda :

— Agora eu e a filha semo' um resto de captiveiro !

Quando, entretanto, a Bertholina lhe tomou louvado, elle teve uma tremura de palpebras e de labios. Reparou mais de espaço nos cafezaes torrados, deu á mucama chorosa uma nota côr de tijolo, de quinhentos reis, e disse-lhes de golpe :

Bom ! Acompanhem o senhor novo ! 'Ocês já tão demorando !

E o carro de bois ia rangendo fanhosamente pelo areião do caminho.

ESPERANDO

A Maruca trepou ao logar mais alto daquella pedra, e poz-se a olhar o rio. O rio estava repontado de uma vez, e corria quasi em silencio: tinham-se-lhe encoberto as rochas das corredeiras por sob as aguas da ultima chuvarada. Um martim-pescador, sentado no guatambú da ribanceira, olhava para o largo, tocaiando os peixes. E o vulto do martim-pescador, fazendo sombra no rio, depois da sombra da Maruca, tinha geito de lhe estar de pé na cabeça.

Padece, que soffre,
quem ama desencontrado,
é 'tca lidar...

A Maruca esperava uma canoa que havia de subir naquella horinha. Naquella horinha? Mas já fazia muitas horas que ella esperava. Paciencia della! Vontade de ver a canoa: desejo de ver quem vinha dentro da canoa: saudades do seu bem! Caía a tarde, num socego e numa paz de sitio largado. Quando, ao cabo dum dia quente e

cheio de rumores, como foi este, ha calma tão completa assim, logo se pensa que a morte anda rondando as vizinhanças... Morreu alguem, morreu alguma coisa por ahi fóra... Foi a esperança da Maruca...

Si não morreu ainda, está por um quasi. O Lico saiu desde cedo, passou por perto della, fez certos amuos de pouca conversa. Que poderia ser, Nossa Senhora dos Afflictos? Ella era tão do Lico, tão fiel, tão captiva, que teria então acontecido? O Lico, ao perpassar no porto, falou-lhe palavras que ella não entendeu direito. Ouviu direito só o final. O final era uma especie de adeus. Dizer adeus, para quê? Elle navegava sempre por essas estradas, ia e vinha, mas não dizia nunca adeus exquisito assim...

Caminho, que eu ando,
vira a cara p'r'uma banda,
p'ra não olhar...

O Lico, nem bem acabou de dar aquelle adeus, voltou-se para o outro lado e já não olhou para trás. Mas isso não era seu costume: quando saía, fosse por terra ou por agua, parava muitas vezes para olhal-a. Na estrada, fazia o animal virar nos pés: no rio, poitava a canoa um pouco. Agora, não fez nada disso: a canoa foi rodando com uma pressa de espantar. Era cada varejoada, que até o timbuy gemia, cortando pelos canaes.

Que historia então era essa? Pois o Lico então não vinha? E a noite caiu de repente. Que noite, Deus do céu! — tão escura e tão quieta! Ainda si a Maruca tivesse certeza de que elle vinha, não era nada! Mas quem foi que perdeu certeza, para a coitada achar? O rio principiava a marulhar macio, mas macio que nem velludo espremido. Uma estrellinha, muito pequenina, e que tinha geito de muito fria, rompeu na direcção do Pirajú. Tudo mais dava a impressão de não ter vida.

A Maruca, em voz abafada, cantava a moda do catira. Estava pensando, lá entre si, que lida á toa, á toa, quem ama desencontrado! Aquillo era um desencontro. Podia haver no mundo maior desencontro do que esse, de o Lico ter descido o rio sem explicar para onde ia e quando estaria de volta? E um que sabe que é tão querido, como elle sabia, não pecca maiormente, comettendo tão feia falta?

Borbulhou outra luz de estrella, no rumo do Lageado; surgiu outra sobre o rio; com pouco, uma porção dellas começou a brilhar. Já o céu ficou tambem mais claro. Uma coruja deu de piar junto á pedra onde a Maruca parava. Outra coruja respondeu alli de perto, e pegaram a brincar de modo tão extravagante, que cada pio que davam parecia uma gargalhada e cada gargalhada um gemido. Relaram afinal as tranças da Maruca: mas a Maruca não deu fé, porque estava olhando o reflexo dum candieiro que

se espichava na agua. O rio quasi chorava, porque ia baixando.

E nada do Lico voltar ! Ella sentiu um nó na garganta : a modo que o coração lhe adivinhava qualquer soffrimento muito doído. Um curimbatá plancheou rentinho com a raiz da pedra. Uma lontra pulou para o cerne que saía da margem, com o peixe nos dentes : e o corpo do curimbatá reboliçava, prateando o sombrio do bicho e do cerne. A Maruca não via coisa nem uma, sinão muito longe.

Via o que ? Via coisas que já tinham passado na lonjura do tempo, abraços e beijos, apertos de mão. Ouvia juramentos de amizade para toda a vida, trovas de amor, modinhas doloridas, tudo falado ou cantado por aquelle que desceu o rio. O rio agora soluçava, esfrangalhando-se nas corredeiras : vasára duma vez. A Maruca não teve outro remedio sinão soluçar tambem, muito mais angustiada que o rio — nem se fale ! — porque as dores que tinha eram dores do fundo do coração.

Foi nesse triste momento que nha Rosa appareceu á porta da cozinha e gritou á filha :

— O' Maruca ! Isto são horas de você 'tar banzando na veira d'agua ?

E quando a Maruca chegou á porta da cozinha, faloulhe nha Rosa com toda a amargura e toda a dureza da verdade :

— Parece que 'ocê 'tá esperando seo Lico ? É tempo

perdido ! Olhe que foi p'r' o Salto, do Salto vai p'r'a barra do Tubagy, da barra do Tubagy vai, de certo, p'r' o inferno ! Vai p'r' o inferno, não hai duvida, que aquelle desgraçado veiu de lá só p'ra tentar a minha filha !

Dahi, depois do que a mãe lhe contou, acabado entre prantos, a Maruca só escutava, no meio dos seus desatinos, o echo e o rumor que o costume de cantar a moda lhe fizera nos ouvidos :

Padece, que soffre,
quem ama desencontrado,
é 'toa lidar !

Caminho, que eu ando,
vira a cara p'r'uma banda,
p'ra não olhar...

SAUDADES DO NATAL

Já estava posta a mesa da merenda. Ia chegando a hora da missa do gallo; todos os filhos e filhas haviam chegado, menos a Doninha. E o velho não teve mão em si, que não dissesse:

— Tambem a gente nem pode contar direito com aquelles dois: a mo' que andam noivando a vida inteira; é um derretimento em demasiado que um tem p'r'o outro. A gente cuida que 'tão nalgum trabalho macota, nalguma jurema louca, vá ver: 'tão combersando bem socegado...

Tinha razão o velho: dês que a Doninha poz na cabeça doirada o véu de flores de laranjeira, quasi não botava o pé fóra de casa.

Alguns novidadeiros diziam que aquillo era feito do Valerio, que, por muito lhe querer, não a queria andeja nem muito vista: outros murmuravam que era tudo ciumagem louca da mocinha clara, que não tinha vontade de saber que o marido ficava só, naquelle mambembe soturno, onde havia umas roxas desencaminhadeiras dos homens casados.

Nem isto, nem aquillo. O Valerio e a Doninha não gostavam de separar-se, nem de estar constrangidos, entre extranhos. Bastava-lhes o tempo (e grande tempo) em que a sorte os apartou na vida, quando elles (Deus bem o sabe!) haviam nascido um para o outro, e de coração se amavam desde a edade mais tenra. Bem o podia contar, si falasse, aquelle jardim cheio de flores, na villa, que viu o primeiro beijo, tão ardente! — que o Valerio deu na face da sua querida, numa commoção viva e alegre, sendo ella quasi menina ainda. E a areia dos areiões, que ficava trançada dos dois nomes, ao abrir do dia e ao escurecer da tarde, porque elle, indo campear e voltando, não desejava outro descanso nem maior alegria que estar pensando nella. E as curruiras das capoeiras, que então voavam espaventadas, de moita a moita, ouvindo a forte voz que elle soltava ao cantar as modas de amor que lhe fazia.

Appareceram, afinal. E houve, junto á mesa, um enlevo:

— Não é que a minha filha 'tá cada vez mais sacudida?

— E mais corada!

— E mais bonita!

— E c'um rico vestido de xadrez desses finos!

Tudo era verdade: surgira a Doninha vestida de chita nova, quando as outras irmans estavam de riscado, muito risonha, muito fresca, muito feliz. O Valerio machucava

um parelho de brim de algodão trançado, tinha um lenço de ramos atado á camisa de morim e quebrára á testa, victoriosamente, um chapéu côr de leite com café. Tambem lhe pagaram algum dizimo :

— Muito vale quem póde ! E' usar camisa branca, e sua burjaca, e seu lenço cheio de historias, e seu brim das Minas ! Isso é que é um gosto !

Mas elle respondia sacudindo os hombros, atirando de si toda a vaidade, num largo meneio de modestia venturosa :

— Qual nada ! Petas da vida !

Assentaram-se todos. As pamonhas de queijo ainda lançavam fumos esbranquiçados, e ostentavam, a cada banda das travessas, a irregularidade e a exquisitice de seus laços verdes. As batatas cozidas, que iam passando para o prato de cada um, mostravam o coração roxo e quente, embora enxuto. Os pires de curau alinhavam-se em duas longas filas, polvilhados de canella moida, annunciando os nomes dos presentes. A cangica de amendoim e leite rescendia no mysterio das terrinas fechadas por então. O arroz-doce e o furrundum pareciam esconder-se entre os mais pratos, e as pobres das talhadas, que se viam entre folhagens de bananeira e de pitanga, sumiram como por encanto.

A velha contou que tinha alfanjado um vinho de laranja e um licor de baunilha, ás carreiras, mal e mal : e que a pinga de craguatá saira uma coisa por demais, de

boa. Para o vinho e o licor houve canecas de louça: mas a pinga, para ser bem aproveitada e saboreada, teve purunguinhas de cuietê. E foi preciso, depois, muito doce e café meio amargo por cima, sinão tudo aquillo brigava, sendo bebida cada qual mais trepadeira...

O Valerio, a par com a Doninha, recordava-lhe:

— ... A noite 'tava uma prata, de crara. Nós fumos juntos, c'a sua mãe, naquella egrejica do arraial, onde paravam umas freiras, entremos e ajoelhemos. Eu olhava p'r'o presepio e p'ra você, e — Deus que me perdoe! — não achava Nossa Senhora mais fermosa que você. Rezei, pois não rezei? — mas porêm foi só por nós dois e p'ra nós dois, que nunca não achei nada que mais valesse de que isso, numa egreja. Despois, levantemos e saímos, e inda cheguemos perto do presepio, d'adonde eu tirei um galho pequetito de cambará do vermelho. E a noite 'tava uma prata, de crara. Você não se alembra?

Ella bem que se lembrava! Foram-lhe passando deante dos olhos, como num bello sonho, as meninas de uma escola, todas de branco; o alampadario de prata, onde uma luz amarella e mortiça tremia e tremia; as tribunas e o pulpito, cobertos de pannos alvos, de que pendiam laçadas de fitas encarnadas e côr de rosa, e folhas de trapoeiraba com florzinhas muito azues, e cachos de parasitas de flor amarella, e frutas de pindahiba e galhos de pula-pula. Ouvia bem, cria estar ouvindo, agora, a voz leve e quasi sus-

surrada das freiras, que se não viam. Cuidava sentir nas faces, como naquelle Natal de outr'óra, o tocar de uma aza de andorinha, a que passou por ella, estonteada e medrosa, logo que cahira em joelhos e principiava a sua oração.

E o Valerio continuava:

— Despois nós fizemos um assustado na minha casa. A sala ficou tiba de povo. Moça, mal comparando, havia que nem formiga; e moço appareceu ver um bando de sabitús assim que acaba de chover. Você 'tava c'um vestido da côr de sua bocca, desse feitio côr de sangue, e engraçadinha feito a pomba vevúia, quando sái da mata-virge p'r'a estrada, e senta no chão e levanta a cabeça e amostra o peito quaji brasino. Eu dansei com você, mas porém uma coisa de nada, porque andava muito avexado e soronga das mãos, nas horas que pegava nas suas. Você não se alembra?

Ella bem que se lembrava! O baile era da ultima hora, a poder de sanfona. Só mais tarde, no amiudar dos gallos, é que uma serenata entrou na sala, pedindo natal, já pedindo anno-bom, e até pedindo reis, e levou, desse momento ao amanhecer, a tocar muitas musicas de dansa. Ainda agora lhe parecia escutar uma toada longinqua, longinqua e enternecida, de certa quadrilha que o correr dos annos não pudera tirar-lhe da memoria e dos ouvidos. E o seu vestido era da côr do pavão do mato.

E o Valerio falava ainda:

— Prove agora deste sosséga. Você não comeu nem um sonho. Depois, no clarear, você foi p'r'a sua casa, e eu ainda fui junto, muito tempo, c'os olhos, só de guayaes. P'ra mim, aquillo era uma tyrannia, eu ter que ficar alli, sem a sua companhia, sem allivio e, a bem dizer, sem consolo. Inda vi bater a porteira que fechava o caminho p'r'a sua casa, e o meu coiração tambem bateu muito rijo: a porteira abriu e o meu coiração ficou fechado. Você foi subindo o morro; inda vi o seu bulto no meio da poeira, lá em riba; a derradeira luz da lua e a primeira luz do sol é que fizeram você desapparecer naquella contra-vertente. Você não se alembra?

Ella bem que se lembrava! De instante a instante, ao subir daquelle morro, voltava-se, e, de cada vez que se voltava, lá o adivinhava encostado á porta, esquecido de tudo, olhando, ao menos, o rumo por onde ella ia. Teve tamanho nó na garganta, ao virar do espigão, deixando para trás a villa, que por um és-não-és não se pôz a soluçar. As codornas piaram tristemente no campo molhado; e deante della, como tristes por egual, as canoinhas voaram com todo o vagar, de azas tremulas e cauda recurvada para as costas.

Na mesa, entretanto, fazia-se alto rumor. E as palavras encontravam-se no ar, sem resposta:

— Não gosta de bolo de arroz, antão? Pois olhe que nossa tia nunca deixou de fazer elle nos pagodes que dava. E nossa tia era carioca da gemma!

— Diz que o milho dá pinga tambem especial: será verdade?

— O Andronico 'rranjou hoje uma estucia lá na morada delle, e todos 'tão contando que a coisa não ficou das peiores. Inté tem um machinismo que fala como gente!

— Tome outra golada da bonilha, que é licor da velharia e dá sustancia de devéra!

A criançada reunira-se no quintal, armára uma grande roda, e andava aos gyros compassados, cantando:

Surupango da vingança,
Toda a gente passarão...

As vozes pareciam alongar-se, por fracas na continuação do brinquedo, mas alteavam-se outra vez, quando o estribilho tornava:

Surupango da vingança,
Toda a gente passarão...

O Valerio curvára-se para a Doninha, falava-lhe quasi ao ouvido, que nem um namorado á namorada:

— Como eu lhe queria bem, Doninha! E, ansim mesmo, apesar que eu era tão seu e você tão minha, andemos cada qual p'ro seu lado, tanto tempo! E eu tive tanta sodade! tal e qual 'tou tendo, agora, daquella noite de natal abençoada...

Ergueu-se, porêm, saiu á porta. Como sahisse, outros

se levantaram de prompto. Com pouco, no terreiro, formou-se uma grazinada, uma gritaria, um rir de todo o geito. A Doninha acercou-se do Valerio, amorosa e commovida. Houve curiosidade e perguntas, sobre o que era, sobre o que não era : e houve logo respostas :

— E' o Valerio ! E' o Valerio !

— Mas o que é que aconteceu ?

Risos abafados, segredar confuso e rapido.

— Mas o que é que aconteceu ?

— 'tá chorando...

OS CURIANGOS

(Historia toda contada por um Luiz Panga, que aprendeu certas palavras difficeis na escola do Jerominho).

Afinal, o Pedro Mariano sempre fôra um espeloteado, diziam todos. Desde catatau, pequerruchinho ainda, já se enfezava por qualquer dá - cá - aquella - palha, e ninguem podia atural-o: ficava endemoninhado, Deus nos perdoe! — e falava cada palavrão, cada xingamento que até doia nos ouvidos de quem o escutava. Então, p'ra mandar um parceiro a partes ruins, como elle, nunca se viu em tão pequena edade.

Cresceu, foi crescendo; quando 'garrou os doze annos, o genio deu de abrandar, serenou um tiquinho; depois, assim que os primeiros fios do buço lhe apontaram, principiou a ser macambuzio, andava mexe-mexendo sózinho pelos logares mais longes e soturnos, pela Estiva, pelo Jardim, pelo Tambahú, que nem alma penada.

Muito moço e muita moça tinham dó do pobre, tão

bonito e sacudido, que por fim pegou a amarellar e pender p'r'a frente, arcando o pescoço, afundando o peito, sumindo pouco a pouco. Houve um tal João Cacheado, cabroche pernostico e contador de historias antigas, que chegou a dizer, uma vez que proseavam naquella vendinha de p'ra lá dos Lazaros, ao ir elle passando:

— Olhem vocês o que é um pae não ter juizo! Si não fosse o Mariano alli dos Papagaios andar toda a vida de cascos virados, bebido feito uma cabra, havía de ensinar o filho na lei do trabalho e da corage, e o Pedro não teria esse geito sorumbatico e saberia agarrar-se ao rabo do guatambú.

Mas dentro, na cozinha da casa, estava de passeio um bando de moças, porque era o dia da festa de Nossa Senhora das Dores: e uma china chibante, ouvindo a prosa da venda, ficou de calundú, na mesma hora, pois não gostou que botassem a tyranna no outro, um rapaz que arrastava a sua vida p'r esses matos fóra, sem estrovar nem apoquentar ninguem. As outras, cochichando e rindo numa toada, piscavam-lhe os olhos meio de banda: já era muito sabido, nesta cidade inteira e até nos bairros, que a unica pessoa no mundo a quem o Pedro Mariano queria bem, era aquella mesma china, por nome Valencia.

O Pedro granou, fez-se gente e, quando todos pensavam que elle um bello dia pitasse macaia, de amarellão ou de hectica, justou-se como zelador do cemiterio, onde pas-

sava de sol a sol no meio das catatumbas, assobiando que não tinha parada, descendo os defuntos p'r' o fundo dos sete palmos de terra, e cuidando, com toda a paciencia, dos suspiros e das perpetuas plantadas em roda das sepulturas. E podia ser verdade ou mentira, mas o povo falava á bocca cheia que, dês que elle se empregou naquelle serviço, a gente que morria era de mais — uma rasoura.

A primeira vez que lhe acharam uma aduela de menos, foi quando tratavam de enterrar uma criança, certo dia, p'r as onze da manhan, na conjuncção da nova: encontraram-no a um canto da capella, reparando na cruz mais alta de todas, falando comsigo mesmo e fazendo cada gesto de tristeza, que dava pena.

Quem fôra campeal-o recuou pé ante pé, até o portão, e de lá gritou umas par de vezes, bem forte: elle voltou-se p'r' a banda do portão, fez c'a mão aberta e virada p'r' o céu signal que esperassem, resmungou mais um eito, e depois é que foi enterrar a criança. Estava c'os olhos encovados de tudo e c'umas olheiras escuras em desmasia: coisa mesmo de assustar!

Apaixonou-se pela Valencia, não era segredo p'ra ninguem. Mas quando ella soube, por noticia, da lavoura que elle levava, quando o viu catuzado daquelle feitio, antes do tempo, deixou-o de cabo a rasto, não quiz mais saber de

candongas nem de leréias. E chegou a sonhar, uma triste noite, que elle a puzera á força num caixão azul, pregára-lhe as dobras do vestido branco, a tachas amarellas, no fundo do caixão, enterrára-lhe a grinalda de noiva na cabeça, a poder de alfinetes, e por ultimo a pinchára a uma cova muito fria.

Dahi por deante, então, foi que a Valencia ficou intojada e com medo do Pedro: ora pudesse-se lá c'um home que tinha por obrigação e meio de vida os mortos!

Era tão banzativo o rapaz, que ninguem poude saber si a nova do abandono da china o poz mais amaguado ou não. Só, sim, o que todos souberam foi isto: quando, mais tarde, dahi a uns meses, a Valencia fugiu c'um cometa p'ra Goyaz, e o Pedro teve conhecimento do causo, lá mesmo no cemiterio, fez como aquelle que não se importa de nada; porêm logo que sumiu, por detrás das arves do cerrado, o vulto do levador da nova, o Pedro atirou-se p'ra cima de uma catatumba mais baixa e sem grades, e pranteou e saluçou como si lhe tivesse morrido alguem. O fiscal, que chegava, olhou aquillo, benzeu-se, foi-se embora — e ninguem mais não appareceu por alli, esse dia.

Foi então que rebentaram as primeiras febres. O povo que já andava mesmo aprevenido, era só dizer que quem tinha culpa da mortandade não passava do Pedro Mariano.

Pois si nem bem elle entrou p'r' aquelle serviço excommungado, nunca mais parou de morrer gente! Onde é que já se viu agora similhante coisa? Logar sadio, como este, não se sabe que houvesse outro!

A Joanna Curta, aquella que morava alli a parzinho c'a gente de seo João Carro, na rua das Flores, chegou a dizer que a epidemia era praga rogada por aquelle garrote magro. A Joanna Curta não tinha na bocca mais dentes que uma gallinha; por isso remexia os beiços, que nem dois pedaços de borracha velha, e esconjurava:

— Mas Deus 'tá no céu, que olha por todos nós, e ha de fazer que metade da praga caia no rogador, como é de lei e justiça!

Morria povo, mal comparando, tal e qual formiga. Não acabava o sino de bater por um defunto, de vagar, de vagarzinho, já pegava a bater por outro mais de pressa, mais de pressa, até que o toque dos mortos já parecia repique de festa, credo em cruz! Os que tinham alguma coisa de seu, lá iam meio arranjados p'r' o carro preto, depois de um terno de homes de fóra esborrifal-o de quanta agua exquisita ha; os outros, que morriam p'r o hospital ou p'r' esses ermos, a carrocinha de pão vinha buscal-os, e, depois que os taes homes os deixavam molhados duma vez, là iam p'r' o alto da estação, toca-que-toca, soffrendo a birra dos cocheiros e o trote duro dos cavallos arrebentados. Tempo triste foi aquelle!

O Pedro Mariano não dizia esta bocca é minha: enterrava um e outro c'a mesma cara sem côr do mundo, os mesmos olhos bambos de peixe morto, o meneio do corpo sempre demorado e cansado. E os poucos filhos de Deus que se mostravam no cemiterio, reparando no coitado do rapaz, pensavam lá comsigo que aquelle desinfeliz estava morre-não-morre, só de tudo, e não havia de ter, na ultima hora, nem um pedaço de taquara acceso na mão, quanto mais uma vela! — nem escuitaria um padre-nosso por sua tenção.

Ora, esses pensamentos sumiam logo: assim que as taes saíam dalli e principiavam a conversar, caíam em dizer que era o Pedro quem chamava os defuntos, abrindo covas antes de tempo, antes de não ter ninguem morto, e por isso era até bom que désse a lonca sem tardar. Historias! mauezas de cafumangos que não têm preceito e falam dos dentes p'ra fóra.

Entre as pessoas que estiveram por uma dependura, contou-se a nha Marcella, viuva do Neco alli do Bico do Pato, a qual nos derradeiros annos era moça dum carreiro da outra banda, um que passeava de vara ferrada p'r' a cidade a fóra, apesar que bem vestido e até pelintre. Nha Marcella, assim que se viu nas toeiras, expectorando preto (como falavam) e sem vontade de comer uma asa de pin-

to, que fosse, lembrou-se da filha, a Valencia, que a esse tempo andava por Uberaba, segundo era voz corrente, largada pela cometa ao Deus dará. E mandou bater-lhe um telegramma, chamando-a ás vinte, mas porêm recommendando-lhe que viesse com bastante alcanfôr e esses outros remedios catingudos que estavam muito em voga.

A Valencia abriu-se, logo que recebeu o telegramma. Vinha dizendo p'r' o caminho, a um moço de cabello louro que viajava no mesmo trem-de-ferro, que não trazia medo de qualidade alguma, porque, p'ra levar a vida que Nosso Senhor lhe dera, os ultimos meses, era melhor até uns quatorze palmos p'r' o centro da terra, quanto mais sete! E nem bem o trem apitou, chegando á estação, ella saltou p'ra fóra e olhou p'r a rua que vai até o espraiado, um estremecimento lhe passou pelo coração, porque não tinha visto, em quadra nem uma da vida, a Casa Branca tapera assim. E' a viração do mundo: o que honte era doce devéra, amarga hoje; o que fôra bom, fica ruim: e tudo volta ao que já foi... ás vezes...

Ora um dia, estava o Pedro Mariano sentado em riba duma pedra, rente mesmo co' a capella, por volta das quatro da tarde, e escuitou que ia indo p'r' o cemiterio aquella carrocinha preta que levava os pobres. Tinha já promptas umas par de covas, e levantou-se p'r' ajudar a carregar o

corpo novo, porque afinal o acompanhamento dos defuntos, por então, era' os poucos passarinhos que vivem no cerrado, como a cadorna e o sacy. Quem foi agora na boléia já não era pessoa conhecida, que sîm um vindouro da Mocóca, por nome Antonio Cabeça.

O Antonio Cabeça era um tonto, a bem dizer, porque não se importava de nada nesta vida. Tinha um olho de menos, o direito, e um dedo de mais na mão esquerda. Falavam (maledicencia do pouco povo que ainda restava aqui), falavam que aquelle dedo servia p'r' auxiliar os outros cinco nos mutirões de passar o gadanho no que é do proximo. Só pissuia de seu, alêm da roupa velha e remendada, um cabo-de-relho de guampa, que trazia encostado sempre, por sestro, quando conversava com alguem, na pestana do olho vasado. Entrou, viu o Pedro, e gritou-lhe :

— O' seo coveiro, venha-me dar um reforço, que esta biraia tem muito peccado, pesa que é um Deus-nos-acuda !

O Pedro adeantou-se, c' um passo mesûrado, segurou a moça p'r os braços, emquanto o Cabeça a conduzia p'r as pernas, e foram-na deitar sobre o monte de terra fresca, 'o pé da ultima cova aberta. E como o Cabeça estava meio toucado, poz a ponta do cabo-de-relho na pestana, e pegou a cantar um verso lacaio ; depois botou os joelhos na beirada da cova, e disse :

— Seo coveiro, de certo nós não podemos encommen-

dar esta mundana! Pois então que vá p'r' o chão, que diabo! Si eu inzono muito aqui, já os defuntos lá da cidade 'garram a chorar de saudades de mim. Bamo' decidir co' isto!

O Pedro ergueu a ponta do lançol que encobria o rosto da moça, e deixou-o cair p'r' uma banda, tanto as mãos lhe tremeram. Ficou tempo esquecido olhando aquellas feições de mulher-da-rua, que estavam agora amarellas e como que entumecidas, onde os olhos meio abertos pareciam de boneca das que falam. Sentiu vergarem-lhe os joelhos, e ia rolar p'r' a cova, quando o Cabeça o amparou, gosmando estas palavras com ar até de riso.

— Olhe que quem vai é ella, não é vancê, seo coveiro! Lá na cidade 'vi dizer que se chamava... como? Valencia. Na certeza vancê conheceu essa dona, por isso ficou penalizado, não é? Bamo' pinchar logo c'o corpo p'r'a cama, que a outra tem somno.

Mas o Pedro virou p'r'um lado, remaniscando: e dahi deu de estudar mais uma vez a physionomia da Valencia, abaixando e levantando a cabeça, chegando-lhe as mãos á trança e retirando-as no sofragante. O da carrocinha é que não quiz mais retarde: empurrou a moça p'r'a cova, jogou-lhe umas tres enxadadas de terra fofa, e saiu resmungando. O sino do Rosario, na cidade, gemia-que-gemia, annunciando mais um christão que passou, mais outro, logo depois outro ainda...

O Pedro sentiu que lhe doíam de mais as fontes, de repente: e deitou-se junto da cova. Vinha-lhe, porêm, aos ouvidos um barulho insupportavel de rodas, uma batedeira aos dentes, um arrepio por todos os cabellos do corpo, um frio de intanguir a cacunda. Poz-se de pé novamente, olhou de fóra a fóra o cemiterio, que a luz do sol amarellava, e sentiu uma bruta vontade de fugir, de correr, de sumir-se nalguma grota, nalgum vallo, nalgum fundo de bossoróca. E deu accôrdo de si, na verdade, quando fronteava a caixa d'agua, p'ra riba da estação.

Foi descendo p'r'o campo, cortando no rumo da chacra do Leriano, sem reparar mais em nada. Agora, a dor das fontes era uma queimação que se extendia até á coroa da cabeça e ao cangote, fazendo-lhe de fogo as orelhas e os olhos. Quando chegou ao esbarrondadeiro, no caminho da chacra, parou um pouco. Uma arage caíra do morro, vagarenta e quaji fria: a cabeça foi-lhe tambem sussegando, refrescando, sussegando. Ouviu bater cinco horas no sino da cadeia: e, como si estivesse perdendo tempo, deitou a correr outra vez p'r a estrada, cambeteando nos caminhos-fundos, pulando as regueiras mais fortes, retardando mais longe o passo, mas não parando mais.

Viu na descida, perto dum olho d'agua a par co'a cerca da chacra do Chico Manoel, um mundão de içás e bitús que fervilhava, estes voando, aquelles alastrando-se pr'o chão, como uma rede escura e desinquieta: e na mesma

hora sentiu nas fontes uma comichão persistente, mofina, como si um formigueiro de içás e bitús se estivesse formando lá dentro, a perseguil-o com o andar fino e penetrante dos seus milhares de pés.

Subia agora a lombada do morro, na chacra de seo Moysés, e outro formigueiro buliçoso lhe deu na vista, em baixo de um irapuá, naquella arve de quina que tem no meio da estrada: este já não tinha bichos grandes, era um ninho de bitús do tamanho da pulga, mas com asas, e bem se percebia que era um formigueiro pelo doido perpassar de uns e de outros, pois logo os denunciavam as asas, de brancas.

Sem mais quê nem p'ra quê, no entretanto, um casal de curiangos dos miudos passou relando os hombros do Pedro, que elle bem os sentiu. E o Pedro foi subindo. Mas dahi a nada voltaram os dois curiangos, desses que têm o porte e o symptoma da andorinha, e relaram novamente os hombros do Pedro. Suverteram-se. E agora já não tardaram nem um minuto, vieram muito esquipados, muito violentos, e passaram-lhe p'r a cabeça, onde os cabellos se puzeram todos de pé, no mesmo artigo.

O Pedro já alcançava a linha daquella cerca de arame que vai dar na grota do Chico Manoel. Entre-parou. Viu então que grande multidão dos ditos curiangos fazia uma synagoga damnada nos ares, lá p'r'os lados do Olegario, virando e revirando, em percura, de certo, de mantimento.

Aquelle desproposito de passaros já esteve, num baque, pertico delle, percebeu o formigueiro de içás que elle bem adivinhava na propria cabeça, e ficou alvoriçado: era um que lhe tocava a testa e se abaixava, outro que recambiava p'r' os altos, depois de lhe tirar uma campina na torre das gadelhas, outro que estremecia as asas, estremecia, e alli ficava uma temporada louca, apoquentando-o.

O Pedro saltou p'r' um recanto da estrada, onde tem ûa moita de paus, junto mesmo do areião, puxou p'r a faca, e desmunhecou uma perovinha que estava c'as raizes meio arreganhadas p'ra fóra da terra: apparelhou um porrete ás carreiras, e recostou-se a um andaguaçú macota, vendo si aquella trapeira acabava. Mal, porêm, ergueu os olhos, e olhou em redor, viu que o bando de curiangos se augmentára de mais umas dezenas: e varavam a capoeira, c'uma furia de fome desesperada, perseguindo-o, catando no espaço livre das folhas os bitús que caíam na tolice de voar.

Deu uma avançada p'r'o largo, já meio demente, c'a testa suando gelo, e principiou a trançar o porrete, p'r' aqui, p'r' alli, p'ra baixo, p'ra riba: e emquanto a manguara subia, a curiangada rompia por baixo, fomenta a mais não poder: quando o braço ia p'r' uma banda, a curiangada enramava da outra, rasgando chita c'as asas espalmadas, batendo o bico, e escancarando cada goela que era um percipicio.

Occasionado em demasia, conseguiu ainda correr até mais longe. Ergueu os olhos, olhou em roda, e viu que vinham vindo agora, do rumo do Desterro, uns par de curiangos dos graudos, desses chamados purrutuns, levantando e descendo as asas branquicentas, de dois palmos, mais ou menos: e reparou que já de longe elles tinham assumptado a montoeira de içás e abriam, um por um, o bicão desapoderado, c'uma gula de bicho que tambem jejúa. Na mesma hora as pernas lhe ficaram giçuhys e deloridas, como quando o joçá da canna entra nas carnes. E o suor de gelo tomou-lhe o corpo todo.

Sacou outra vez a faca, fez que cortava e recortava no meio daquelles demonios de asas, mas foi tudo o mesmo que nada: os purrutuns e os curiangos não desacorçoavam, cada vez se enthusiasmavam mais, chegando a metter-lhe o bico pela gadelha fóra. Sacudia a faca na mão esquerda, o cacete na direita, e o bando parecia engrossar sempre, quasi tapando-lhe a vista em certos momentos, enchendo-lhe os ouvidos de um rumor de corredeira escumante.

Chegou á porteira que dá p'r'a chacra do João Julio, dobrou ás canhas, atromentado, sem tino e sem tento,e foi beirando os trilhos. Agora, a barulhada não era só dos curiangos, em roda: lá dentro da cabeça tambem a bicharia amotinada lhe fazia um guaiú de ensurdecer, como si tivesse ansia de voar, no mesmo auto, p'r' aquelle milheiro

de gargantas despregadas. E sentiu recrescer a loucura dos curiangos, e a raiva, emquanto os bitús e içás estalavam de leve as asas tremidas, e as escumanas se lhe encaminhavam p'r' o meio dos miolos, campeando saida a toda a pressa.

Avizinhou-se da grota secca, logo a umas vinte braças da porteira, e quiz descansar, escangalhado, sem forças já p'ra dar um passo adeante : e sentou-se devéra', deitou-se quaji, atirando a vista turva p'r' as arves e p'r' as taquaras, que um pequeno vento balanceava com vagareza e cuidado.

No meio dos curiangos, agora, avultava um, de olhos maiores e asas mais pesadas : approximou-se, foi-se approximando, e o Pedro reconheceu uma Valencia de pennas, que o olhava muito espantada, mas que tambem tirava seu eito na caça, cravando-lhe o bico, mais fundo, no cucuruto da cabeça, onde mais fervia o formigueiro.

Fôra ficando lusque-fusque, já não se lia uma carta. A damnação dos curiangos augmentava, no centro delles já tinha uns que falavam rouco e feio, outros que lhe arranhavam e queriam estraçalhar-lhe, c'as unhas, o osso do cangote.

E o Pedro já não teve mão em si : jogou-se p'r' a grota abaixo, numa afflicção e num desespero sem termos. O pescoço enterrou-se-lhe p'r o corpo a dentro, o corpo ficou de costas ; quando abriu ainda os olhos, no aperto da ul-

tima hora, viu que lhe pendia sobre a testa um purrutum raivento, quaji preto, que era a mesma Valencia, bambeando as asas, c'os pés encompridados, e que foi sendo côr de laranja, côr de enxofre, vermelho-escura, até se derreter...

DESESPERO DE AMOR

Ás duas braças do sol, naquella manhã fria e secca de junho, já o Chico Só estava no piquete em lida com o macho esquentadão de Guarapuava: chamára dois companheiros, laçára-o como quem laça uma rez catuzada para o corte, e agora, torcendo-lhe uma das orelhas, chegára-o devagar ao palanque. O macho fungava e arregalava os olhos, tremia de furia, mas não se arredava mais do logar: tinha no beiço de baixo um arrocho de couro de anta, e o Chico Só poz-lhe um forro de sacco velho no fio do lombo, assentou-lhe por cima o sirigote, apertou rijamente a barrigueira, pegou a olhal-o:

— Como é isso, ruão de fogo? P'ra que tamanhos bufos e uma cara tão feia, ansim com dia craro, si a sua sina é aguentar barbicacho e freio, sirigóte e selim? Bamo' fazer as paz': é melhor...

Mas um dos campeiros quiz pôr-lhe medo:

— Seo Chico, o burro é anhanga p'r' uma pulação! Veja bem como elle é escanelado e peitudo! Repare na-

quelle signal encostado c'o casco da mão esquerda : é traiçoeiro na certa !

O Chico Só fez chalaça daquellas observações :

— Ahi, domador e tanto ! Quando você vai quebrantar um chucro, antão apalpa as qualidades do limal, premeiro ? Si o limal é bem assignalado, você cai-lhe em riba, e si é picaço ou é quatrólho, você fóge delle ? Antão só se amansa o que não é brabo ? Ora, acóche a orelha do bicho, que o resto é commigo !

O outro campeiro falou mais compassado :

— Não é por desfazer na sua destreza, seo Chico, mas comtanto que este burro paranista vai dar trabalho. Antes é melhor que a gente quebre o macho, vancê despois repassa, ou nem isso : vancê por fim dá os galopes. O ruão é descangicado, seo Chico : veja só o brasume que 'tá nos olhos delle !

Foi tudo tempo perdido. O Chico Só pegou num cabo de relho, amarrou na cabeça um lenção de ramagens, de um pulo atirou-se aos arreios e mandou que soltassem o animal do palanque :

— Bamo' ver de que porte é o pulo deste macho !

E o macho saiu encapotado, roncando, de lombo teso e cóla encolhida, batendo as mãos na grama rala e no pedregulho do piquete, fazendo o rumor descompassado de uma matraca sem governo. Saltou, a mãos juntas, para uma banda e para outra, abaixou o lombo e ergueu a cóla,

rompeu á disparada para a frente, avizinhou-se do palanque, relou-o para descarregar o cavalleiro, torceu á direita, e de repente estacou. Tinha o pello todo arrepiado e os olhos escandescidos numa grande raiva. Mordia a tira de sola crua que sentia entre os dentes. Trocava as orelhas. Ia atirar-se para a lisura de uma restinga de pedra.

Mas o Chico Só deu-lhe um galeio violento ao barbicacho e uma pancada de cabo de relho no alto da cabeça. O ruão tonteou, bambeava as curvas e ia afocinhar entre as hervas, quando um soccão das guias do barbicacho o reteve e o desviou para o lado. O peão gritou aos campeiros, quando elle fitou de novo as orelhas:

— Agora vai a ferrage': vejam que musga tão boa!

E riscou-lhe, da cara ás ancas, o corpo todo a chilenas. O macho urrou desabaladamente, apavorando o silencio apalermado das coisas: depois, velhaqueou de roda e batendo as orelhas, arremettia para cima, para o ar, esperando que o cavalleiro se lhe despregasse do lombo: e o cavalleiro picava-o, ainda e sempre, com os estrellões das esporas, tirando-lhe já sangue do pescoço, do vasio e dos quadrís...

Houve instante, afinal, em que o burro chucro extendeu mãos e pernas, gungunando como um negro mina, suando agua e sangue, no geito de quem se escóra para não ir nem para deante nem para trás: e o Chico Só remaniscou da sella para o chão, tendo na mão esquerda as ti-

ras do barbicacho, emquanto os campeiros se acercavam, para o desarreio e o descanço do ruão quebrantado e entregue.

A estrada, fóra do piquete, enchera-se de gente extranha. Como em todos os tempos, a gente extranha queria approximar-se do vencedor, no momento em que elle acabava de vencer. Ia um vozear desordenado entre os observadores, gritos de admiração, e quasi de susto ainda, erguiam-se para o socego do cercado, e certa mulher disse á nh'Anna do Lopes, que fitava os olhos escancarados no vulto do Chico Só:

— Aquelle um, minha camarada, é secco na passóca! É um home' de sola e vira! Faz o que quer de si e dos mais: a mó que recebeu toda a benção de Deus!

Foi por via daquella domação de um burro de flor que a nh'Anna, filha mais velha do Candinho Lopes, se enthusiasmou pelo Francisco das Neves, tão destro e vivo rapaz que desde muito cedo lhe puzeram o appellido de Chico Só. Caía-lhe bem o appellido: era um moço que não engeitava trabalho algum, gostava de se divertir nos ajutorios e nas funcções da vizinhança e, sem roncaria nem farofas, botava o peito a qualquer homem, por mais sacudido que fosse. Não tinha comparação com os outros, porque era o melhor de todos: por isso andava apartado...

Ella, a nh'Anna, desde menina fôra o vidro do pae:

não havia vestido bonito que o Candinho lhe negasse, nem sapato de luxo que não lhe viesse parar aos pés. Mostrou, certa vez, vontade de ter um pente de ouro para o cóque do cabello: e o Candinho mandou-lhe vir, não só aquelle pente, como um punhado de outras joias — brincos, pulseiras e ganchos, coisa que até ninguem achou direito.

Porque o Candinho, a falar a verdade, não era homem de muitas posses: tinha alguns selamins de terra bem aproveitadas, herança já de pae e de avô, mas, tirante aquella terra e bemfeitorias, e o sumo que ellas davam, só lhe restava o dia e a noite. Entretanto, si lhe notavam de desatinados similhantes exageros por ûa moça que, no fim de contas, ia ser tão pobre como as outras, elle respondia com todo o gaz:

— Home', eu não tenho mesmo quaji nada. Mas porêm pissuo este meu sanguinho, a nh'Anna, que é a minha riqueza no mundo: já vê que hei de tratar com todo o carinho a riqueza unica que eu tenho, pois não é?

Fosse como fosse, a nh'Anna cresceu á vontade: nunca sentiu falta de nada, nunca houve quem lhe saisse contra. Agora, apaixonando-se pelo Chico Só e sabendo que elle era um rapaz opinioso, que não se deixava levar por teimas ou por mandos, mudou de geito na vida. Quando o encontrava, nalguma resa em casa dos arredores ou nalguma dansa de baile, não levantava o olhar com soberbia, nem falava alto e forte: conversava uma conversa mode-

rada, virava-se para elle com modos de respeito, e chegou uma vez ao ponto de não querer dansar com um moço bem apessoado e bonito, porque o Chico Só tinha olhado para o tal moço com maneiras de quem o aborrecia.

A paixão lavrou depressa: não podia passar muitas horas longe delle, esperava-o á porta com flores no cabello, no peito ou na cintura; e ficava a acompanhal-o com os olhos, tempo esquecido, até que o vulto desapparecesse no caminho e sobre o caminho caisse toda a poeira que aquelle vulto erguêra na passagem. Quantas vezes o sol a cobrira de ouro, vendo ella o Chico Só a sumir na lonjura de um morro, e a lua viera cobril-a de prata, sem que ella se afastasse ainda da porta, enamorada e sonhadora!

E o Chico Só ficou perdido de amores por ella. Fez-se folgazão de viola, para poder inventar-lhe versos cheios de ardor e de esperança, no momento de encabeçar as modas de catira ou de cantar um samba novo. Deu em não perder a missa dos domingos, porque ella aos domingos ia sempre á missa. Mandou preparar uns arreios de prata para a sua montaria, porque tinha de passar e queria passar perto della todo santo dia, duas e tres vezes. Até pegou a usar gravata sobre a gola das camisas de bolso, um laço de borboleta, como a nh'Anna gostava. Perdeu o somno varias noites, pensando nella, e foi ver, varias vezes, o romper do dia e a moça, em frente á casa della, que nem um pobre vagabundo das estradas...

Quando viu que já não aguentava mais aquella vida e estava em termos de perder o juizo, resolveu casar quanto antes. O Nico, seu companheiro de criação, intentou afastal-o:

— Chico, a moça não lhe serve: é moça de muito mimo, cheia de vontades, gastadeira e amiga de luxar. Não lhe serve. Despois usa flor na cintura, de vez em quando, e você bem sabe que mulher que bota flor na cintura não presta.

Como o Chico Só levantasse uma hombreira, o Nico insistiu com toda a força:

— Quer saber o que mais? Alembre-se do que dizia o Firmino Gordo: mula estrella e mulher faceira, o diabo queira!

O Chico Só era um rapaz opinioso: quiz casar e casou. Não tinha que dar satisfacções a ninguem. Cada qual sabe de si, e Deus de todos: elle é que havia de escolher o que lhe convinha, não os outros. A sorte é uma coisa baça, que ninguem sabe o que vai ser mais tarde — si muita claridade, si muita escuridão...

Fez-se-lhe a vida um céu aberto! Durante mezes e durante annos, correu-lhe tudo em mar de rosas: a nh'Anna, despachada e alegre, vivia pela casa cantando, e, com toda a sua graça e toda a sua belleza, parecia uma figura encantadora de livro de historias. O Chico Só gastava horas e horas a contemplal-a, com ares de eterna maravi-

lha no fundo dos olhos e uma ternura constante no fundo do coração.

Foi assim que um dia, mal que o sol apontára e a casa não tinha ainda percebido o arraiar da manhã, elle se achou a miral-a demoradamente, como nos primeiros dias de casado, emquanto a nh'Anna dormia a somno solto sobre o travesseiro alto, vestido de fronha branca: as tranças castanhas de nh'Anna haviam fechado um ninho, dentro do qual uma das mãos parava meio cerrada. E o Chico Só pensou tanta coisa, tanta coisa, que uma lagrima e logo depois outra, e muitas mais, logo depois, começaram a descer-lhe pelo rosto:

— O que é isso, o que não é, seo Chico (falou-lhe a nh'Anna, acordando): você chorou neste sofragante? Si chorou, porque chorou? Alguma dor anda escondida no seu coiração?

Elle abraçou-a como quem sai dum pesadelo:

— Nada, nada, nada: eu 'tava tão feliz, olhando o seu somno quieto, e pensando com tamanho amor em você, que num supetão fiquei desesperado, cuidando que um dia posso perder toda esta minha felicidade que é você mesma...

A nh'Anna viu-se rindo-se. Viu que lhe tremia nos olhos uma lagrima; admirou-se; ficou um instante pensativa: e ia procurar a lembrança dalgum sonho derradeiro, quando a lagrima emprestada, que era do Chico Só, lhe desceu de vereda pelas faces, até a bocca:

— Uiai, que choro amargo, Senhor Deus de Misericordia!

Levantou-se, abriu a janella do quarto. O Chíco Só olhou para a estrada, e uma sombra escura lhe passou por todo o rosto, no mesmo instante:

— A Balancia por estes mambembes! Que malvadeza estará fazendo similhante creatura? Uma leva-e-traz, ver a Balancia, não é por boa coisa que passeia no bairro! Ai! onze-letras do inferno, si alguem te pilha no olho duma enxada!

A sombra escura sumiu, quando a Balancia se derreteu atraz da contra-vertente. E o Chico Só suspirou desafogado. Encilhou o ruço cardão, disse até logo á nh'Anna, tomou o rumo da invernada. Ia sózinho e alheiado, e topou, na dobrada do espigão, com o Nico tambem sózinho e a cavallo, que parecia esperal-o:

— Ora viva, que ninguem agora cansa os olhos em lhe ver! O que foi que aconteceu? Você não dá copia do seu semblante? E' reiva? E' queixa? E' briga?

O Nico foi-lhe caminhando bem a par da montaria, com a testa franzida e muita amargura na bocca triste:

— Tenho fugido, Chico, tenho fugido: eu nunca não quiz que fosse eu o primeiro a dar-lhe uma noticia rúim. Esperei que você mesmo adivinhasse as coisas e fizesse o ensino perciso. Mas porêm você não percebeu nada, e o arraial anda-se rindo por sua conta.

— Por minha conta ?

— Sim, por sua conta : o Berto remexe por estes ermos, quando você 'tá longe, porta na sua casa, entra na sua casa e fica na sua casa feito dono, emquanto você 'tá p'r' o campo ou na invernada, innocente de tudo.

— Misericordia de meu Deus ! Você imagina, só p'r'amór de ser meu malungo, que póde levantar um falso na nh'Anna, sem mais nem menos, e que o marido da nh'Anna escuita o falso e não faz nada ? Você não conhece mais o seu irmão de cria ? Pois antão ha de conhecer o marido da nh'Anna !

Estavam á beira de uma barroca, longe da estrada real e já nas cercanias da invernada. Em baixo, quasi tão azul como a tabatinga da barra, brilhava ao sol a agua pequenina e sossegada de um ribeirão. O Nico attentou por momentos na serenidadə da agua escassa :

— Não fique çolerado, Chico ! Eu sou do seu coração e você é do meu : não fique brabo ! Eu só posso querer o seu bem, não quero o seu mal. Dês que a Balancia 'garrou a ser onze do Berto, a nh'Anna perdeu o sossego, todo o mundo sabe, e despois perdeu tambem a vergonha. Você me perdoe, Chico, mas eu lhe falo é p'r' a limpeza da sua cara !

Então, como um demente, o Chico Só despenhou-o pela barroca, rugindo e com os dentes a retremer entre os labios convulsos :

— E' deste feitio, seo desgraçado, que eu prego uma lição em quem tem a corage' de pôr uma nodea na honra da nh'Anna !

Os animaes ficaram soltos ao pé da barroca deserta. O Chico Só não se lembrou de que talvez estivesse a correr perigo de vida quem por elle, mundo afóra, mais de uma vez expuzera a sua. Veiu desandando a estrada a pé, com o cabo de relho na mão direita e o chapéu desabado na testa, distraído e afastado de si mesmo, na agonia da furia e na ansia do espanto.

Chegou ao terreiro da casa por um caminho de extravio, entrou no mangueiro pé ante pé, como quem não era esperado e vai fazer uma surpresa de muita satisfação. Só voltaria pelo fechar da tarde, e voltava antes do meio-dia, que nem um criminoso, que nem um namorado. Fez rumo para o quarto dos arreios, acocorou-se atraz da caixa do milho, e poz-se a banzar, a banzar...

Aquillo tudo era inveja: a nh'Anna, geitosa e bem falante, dava sota e basto ás mais bonitas do arraial. Vestia com gosto, calçava bem, e não trazia a cabellada secca e sem cheiro como as outras. Era desempennada, tanto dansava um baile como um fandango, puxava o terço com a voz mais macia de todo aquelle pedaço de mundo. Inveja tudo!

Como acordára antes do tempo e antes do tempo se levantára, vinha-lhe agora uma bambeza de corpo, um calor de aconchego brando, uma preguiça leve e suave. Ia

recostar a cabeça a um monte de espigas, e já descêra para a nuca o chapéo de campeio, quando ouviu rumor de passos na estrada, junto á cerca, no mangueiro, perto da casa. Fitou o ouvido, ageitando-se melhor entre o milho, como quem receiava ser descoberto mais depressa que o necessario. Só podia ser a nh'Anna, com aquelle vestido branco de pingos côr de rosa, alguma flor ainda fresca no cabello e um bando de palavras boas na bocca apaixonada...

Mas o rumor de passos parou ao pé da porta. E a voz da Balancia falou cautelosamente para a sala de jantar, como uma voz que sabe bem a viagem que tem de fazer:

— Nh'Anna, você não quer que leve hoje argum recado p'r' o Berto?

VOCABULARIO

A

ABALOZO, A — que abala muito, pesado, desagradavel (diz-se do andar dos animaes).

ABOBRINHA — aboborazinha.

ABRIR-SE — ir embora, sair, viajar.

ACEIRAR, v. tr. — rodear alguem, ou alguma coisa, olhar com cubiça.

ACERTADOR — o que adestra os animaes no freio.

ACOCHAR — apertar.

ACOCORAR, v. tr. — proteger alguem, num dado momento; amimar, agradar, acariciar.

AÇOITEIRA — o latego, a corda ou o couro dos chicotes.

A' CONTA INTEIRA — completamente, de todo em todo.

ACORDAR DA PINGA — volver em si, sarar da embriaguez.

AÇUCRE — Açucar.

ADÉSTRO, A — em duplicata, animal que se leva de refresco, em viagem.

ADOMADOR — domador.

AFFONSINHOS (Da era dos—, Do tempo dos) — do tempo antigo, desusado.

ÁFIO, ÁFIA — a fio (já se encontra em Camillo).

AGÔA — 3.a pessoa do pres. do indicativo do verbo *aguar*.

AGORA — em verdade; entretanto.

AGUAR, v. intr. — apanhar a peste de aguamento; *aguar por*, ter intenso desejo de alguma coisa.

AGUENTAR O REPUXO — supportar qualquer difficuldade.

AHI — nesse momento; então.

ALGURE, ARGURE — algures, em algum logar.

ALHEIRO — pau d'alho, arvore da mata virgem.

ALONGADO, A — animal domestico que vai para as matas e não volta.

ALTURA (Não ter) — ser despropositado, não ter geito.

AMARILHO, A — baio encerado, côr de cavallares.

A MODO QUE — parece que.

AMOITAR, v. intr. — entrar na moita, sumir. Usa-se na fórma transitiva, com a significação de abafar, esconder, surripiar.

A MO' QUE — a modo que, parece que.

ANDAGUAÇÚ — arvore dos cerrados, muito conhecida.

ANGOLINHA — gallinha da Angola.

ANGÚ — farinha cozida, em ponto resistente; *angú de caroço,* coisa embrulhada; briga.

ANHÂNGA — diabo, demonio.

ANSIM — assim (fórma tambem usada).

ANTÃO — então; usam-se tambem as fórmas *intão, entonce* e *então-se.*

AO DEPOIS — depois; é frequente a elisão do *a,* dizendo-se *'o depois.*

AO FAZER DE — á disposição de, sob as ordens ou determinação de alguem.

APÁ, s. m. — a pá das rezes e, por extensão, de qualquer outro animal e até do homem; a parte mais cheia da perna.

APINCHAR, v. tr. — atirar, lançar com arremesso alguma coisa.

APINCHAR-SE — atirar-se, lançar-se.

APÔS DE — atrás de, á busca de, no rasto de.

APRECEIA — gosta: é a 3.a pessoa do pres. do indicativo do verbo *apreciar,* tr.

A PRECEITO — muito bem, perfeitamente.

APROJECTAR, v. intr. — projectar, preparar.

ARAPONGA SERRADEIRA — ave de mata virgem, assim chamada em razão do canto escandido.

AREAR — carpir cuidadosamente a herva ou capim dalgum terreno.

AREIÃO — areial.

AREJAMENTO — peste dos muares e cavallares.

AREJAR, v. intr. — apanhar a peste de arejamento.

AREJO — o mesmo que *arejamento*.

ARENGADA — allegação extensa, cantiga ou conversa comprida.

ARENGUEIRO, A — difficil de pegar, velhaco (diz-se dos animaes de montaria); teimoso, discutidor.

ARENOSA, adj. — diz-se da mulher, no periodo catamenial.

A RESTO — emfim, a cabo de contas.

ARGENCIA — agencia, diligencia, trabalho.

ARGURE — outra fórma de *algure*.

ARISCAR — espantar, assustar. E' usado como tr. e como intr.

AROEIRA — arvore conhecida, de cerrado.

ARRAIAL — povoação.

ARRANCHAÇÃO — morada, estabelecimento de residencia.

ARRANCHAR-SE — fazer morada em algum logar; hospedar-se em casa de alguem. Tambem usado, e mais frequentemente, na fórma intr.

ARREBITADO, A — muito saído, muito experto, muito pernostico.

ARRENEGAR DE — não gostar de.

ARROZ-DOCE, adj. — côr de gado vaccum. Como substantivo: ser *arroz-doce* de pagode — não faltar aos divertimentos ou festas.

ARTINHA — o compendio para estudo rudimentar: de grammatica, de musica, etc.

ARVE — Arvore.

ARVORIÇADO, A — alvoroçado. Tambem se diz *alvoriçado* e *esvoriçado*.

ASCANÇAR — alcançar.

A'S CANHAS — com o braço esquerdo, do lado esquerdo.

A'S DEVÉRAS — devéras.

A SÓ POR SÓ — sem mais nada, sem mistura.

ASSA-PEIXE — arbusto de campo e capoeira.

ASSENTE — o logar mais alto e plano do monte; chapada.

ASSÉSTE — assiste, reside.

ASSOALHO — soalho, sólho.

ASSUMPTAR — observar, verificar, indagar.

ASSUSTADO — baile improvisado.

ÁTIMO (Num) — num instante, de pressa.

ATORAR, v. intr. — ir-se embora, partir em certo rumo.

A TROCO DE — por via de, em razão de.

ATURAR, v. tr. e intr. — supportar; durar. E' classico.

AUTO (No—, Naquelle) — no acto, no momento, naquelle instante.

AZARANZADO — perturbado, desorientado.

AZULEGO, A — azulado, tirante a azul.

B

BACIINHA — baciazinha; usam-n'a os morpheticos para recolher as esmolas.

BAGE — vagem.

BAGUÁ — cavallo que se tornou selvagem.

BAIA — morena.

BALANCIA — melancia.

BAMBEZA — o estado de bambo; molleza, frouxidão.

BANZÁ-BANZANDO — fórma frequentativa do gerundio do verbo *banzar*.

BANZAR, v. intr. — raciocinar ; ficar pensativa e alheiado.

BANZATIVO, A — pensativo ; distraído.

BARBA-DE-BODE — especie de capim nativo.

BARBA-DE-VELHO — certa vegetação filamentosa, que pende das arvores.

BARRÉLA — lixivia. Dar em agua de *barréla* — ficar em nada, sem resultado, sem consequencia.

BATALHA — arvore grande, muito conhecida.

BATE-BATE — o movimento constante de dois objectos que se encontram, produzindo rumor.

BATEDEIRA — tremura ; febre intermittente com calefrios.

BATE-BOCCA — discussão.

BATER BOCCA — discutir.

BATER CAIXA — contar novidades ; assoalhar um facto.

BATER CHUMBO EM — atirar a.

BATER EM — chegar a.

BATER TROPA — fazel-a trafegar até certo ponto.

BATER UM TELEGRAMMA — transmittil-o, mandal-o passar.

BEM DIZER (A) — por assim dizer.

BEMTEVI — passaro muito conhecido.

BIBÓCA — trecho afastado das habitações, ordinariamente na mata-virgem, de difficil accesso.

BIRA, s. m. — o buraco feito no chão pelos meninos, para o jogo dos pinhões.

BIRAIA — prostituta.

BITÚ — o mesmo que sabitú: é o macho da formiga chamada vulgarmente saúva, emquanto ainda tem asas.

BOCCUDA — espingarda de grande calibre.

BONILHA — baunilha.

BOSSORÓCA — excavação profunda e continuada, nos terrenos arenosos.

BOTAR A TESOURA EM — falar mal de alguem.

Botar a tyranna em — falar mal de alguem.

Botar verso — dizer um verso (ordinariamente, quadra de septisyllabos) em qualquer festa, ou dança.

Boteiro — o que anda de botas de montar. Só se usa com referencia a ricaços.

Brasino, a — côr de brasa, no gado vaccum: é o que tem o pello inteiramente vermelho com longes pretos ao fio do lombo.

Brasume — a côr muito viva da brasa; brilho similhante a tal côr.

Breganha — barganha.

Brevidade — especie de bolo.

Bró (Pentear o cabello de) — arrumando-o para o alto da cabeça.

Bromado, a — basto, fechado, cheio de espinheiros e cipós (diz-se de mato ou capoeira).

Bruto, a — muito grande, muito forte ou intensa, desconforme. Usado pelos classicos.

Bulir as orelhas — agital-as, sacudil-as (diz-se do animal que se assusta ou está reparando em alguma coisa).

Buliu — variedade do jogo dos pinhões, em que um delles não póde tocar no outro.

Bulto — vulto.

Buquinha — beijo.

Burjaca — casaco antigo, muito largo.

Butucum — sacco pequeno, mala diminuta que se carrega a tiracolo, nas viagens ou caçadas.

Buzinar, v. intr. — ficar zangado; falar enfurecido.

C

Cabeça (Inventar de) — fazer de improviso.

Cabeçuda — passaro commum.

Cabôco, a — o mesmo que *caboclo,* mais conforme com a origem: homem ou mulher da roça, do mato, do sertão, que tem a côr morena carregada, similhante á dos bugres.

Cabra, s. m. — mulato. *Cabra secco,* mulato decidido, experto, valente.

Cabrochão — mulato de grande estatura.

Cabrócha — mulher mulata ou amulatada.

Cabróche — homem mulato ou amulatado.

Caça-fecho — vagabundo.

Cacunda, s. m. — costas, dorso.

Cacuruto — cocuruto, alto da cabeça, ponto mais elevado de um morro.

Cadorna — codorna; codorniz brasileira, maior que a européa.

Caetaninha — melão de S. Caetano, especie de trepadeira silvestre.

Café-com-leite, adj. — moreno claro.

Cafumango — vagabundo.

Cafundó — logar ermo, longinquo, aonde se vai com difficuldade.

Caicaco — o individuo que decaiu de sua posição social ou que empobreceu.

Caiçára, s. m. — individuo de baixa qualidade. No litoral, o praiano, o que nasce á beira-mar. Como s. f. — cerca de pau a pique, em roda da habitação.

Caiçarada — Agglomeração de gente baixa.

Câimbas do freio — as tiras de couro lateraes, as redeas.

Caipira — o homem ou mulher que não mora na povoação; que não tem instrucção ou trato social; que não sabe vestir-se ou apresentar-se em publico.

Caipirada — grande quantidade de caipiras; acção de caipira.

CAIR DO CAVALLO DE — commetter um erro, uma tolice.

CAIÚIA — pequena arvore de capoeira.

CALÇA-FOICE — vagabundo.

CALUNDÚ — zanga, raiva, mau humor.

CAMBARÁ — arbusto, de que ha varias especies.

CAMBUATÁ — arvore de mata virgem, cuja madeira é muito usada nas cercas, em rachões, e para outros misteres.

CAMBUHY, s. m. — arvore fructifera muito conhecida.

CAMBUHYZAL — grande extensão coberta de cambuhys, mata de cambuhys.

CAMINHO-FUNDO — o grande sulco deixado nas estradas pelas rodas dos carros.

CAMPEAR — buscar o gado de qualquer especie no campo. Procurar alguem ou alguma coisa.

CAMPINA (Tirar uma) — fazer sua parte nalgum serviço, tirar o seu eito.

CAMUNHENGUE — morphetico.

CANDIEIRO — aquelle que, com vara ferrada, vai adeante do carro, guiando os bois.

CANELLA-DE-CUTIA — relho cujo cabo é feito de mão ou pé de cutia.

CANELLA-DE-VEADO — relho cujo cabo é feito de mão ou pé de veado.

CANELLUDO, A — ciumento.

CANÊLO — ferradura estragada, já fóra de uso. Figuradamente se diz da mulher velha e feia.

CANGICA, s. m. — milho cozido. Como adj., trotão, falando-se de animaes de montaria.

CANHAS — Vide *A's canhas.*

CANOINHA — pequeno passaro dos campos banhados.

CAPANGA, s. f. — bolsa, embornal ou sacco de viagem, que se traz a tiracolo. Como s. m., é o individuo pago para servir de guarda-costas.

CAPANGADA — grande reunião de capangas.

CAPIANGO — ladrão, gatuno.

CAPIVARA, s. f. — animal que anda em bandos, o maior roedor do Brasil.

CAPOEIRA, s. f. — mato ralo que sobrevem á mata virgem derrubada.

CAPOEIRÃO, s. m. — a capoeira annosa, cujo arvoredo cresceu e tomou corpo.

CARAPINHÉ, s. m. — especie de gavião, tambem chamado *caracará* e *carancho*.

CARATINGA — trepadeira conhecida, cará silvestre.

CARGUEIRO, s. m. — jacá proprio para conduzir cargas.

CARÓBA, s. f. — arvore conhecida, cuja madeira serve para tamancos, gamelas e outros misteres.

CAROÇAMA — grande quantidade de caroços e, por extensão, de tumores.

CARRAPICHO — planta conhecida, de que ha varias especies.

CARREADOURO — pequeno trilho no mato. A pronuncia mais vulgar dá *carreador*.

CAPELLA — a povoação.

CAPELLISTA — habitante da povoação.

CARREGAÇÃO (Noticia de) — boato. Saber *de carregação*, por ouvir dizer.

CARREIRO, s. m. — Além das demais accepções conhecidas no portuguêS, é o caminho habitual da caça.

CARRUAGE, s. f. — grande quantidade de carros.

CARUMBÉ, s. m. — gamella de pau que, nas minas de ouro ou de diamante, servia para lavar os metaes. *Fariscador de carumbé* se chamava o individuo que batia ou lavava de novo os metaes abandonados e, por extensão, o aventureiro.

CASAMENTO DE RAPOSA — chuva e sol.

CASCAVEL — vide *Pomba cascavel*.

CASIÃO — occasião.

CASQUEIRO — a parte superior da terra. *Casqueiro grudento*, lama indicatriz de que a terra é de boa qualidade.

CATATAU — menino; individuo de estatura muito baixa.

CATATUMBA — sepultura.

CATÊRÊTÊ, s. m. — dança acompanhada de canto, sapateada e palmeada ao som da viola.

CATINGUDO, A — que tem muita catinga, muito mau cheiro.

CATINGUEIRO-ROXO — especie de capim muito estimado como forragem, tambem chamado *gordura*.

CATIRA, s. m. — o mesmo que *catereté*.

CATUMBY, s. m. — especie de dança.

CATUZADO, A — estragado, inutilizado, sem serventia (diz-se dos animaes, principalmente do gado vaccum).

CAUSO — caso.

CAXAMBÚ, s. m. — especie de dança.

CEBOLEIRO — arvore dos logares descortinados.

CERNE — a parte da madeira que, na queimada, ficou intacta, e se chama tambem *coivára*. De um tronco submergido na agua, a parte que apparece á flor d'agua.

CERRADO — mata de arvores baixas, em geral tortas e deseguaes, crescida em terreno secco.

CEVA, s. f. — logar a que acode a caça, attraída por alimento deixado durante dias.

CHABÓ, s. m. — andorinha grande.

CHACOALHAR (a pronuncia commum é *chacoaiá*) — chocalhar, fazer barulho metalico; fazer qualquer barulho continuado, batendo ou remexendo objectos.

CHAMAR, v. tr. — comer. Como intr., chamar-se, ter nome de.

CHAMBRE (Abrir o) — ir embora, fugir.

Chascão — empuxão.

Chegar as esporas a — ferral-as no animal.

Cheguemo, cheguemos — chegamos, da pessoa plural do perf. do indic.

Cheio de historias — vaidoso, pretencioso; muito enfeitado (com relação a roupas, objectos de uso, etc.); de muita graça (fala-se do andar dos animaes).

Chêta, s. f. — dinheiro.

Chibante — bem vestido; gracioso; elegante.

Chimbéva, adj. — que tem o nariz chato.

China, s. f. — mulher morena.

Chucro, a — animal ainda não amansado.

Chumbungo, a — variedade de gallinha.

Cipó, s. m. — nome que se dá indistinctamente a uma grande variedade de plantas trepadeiras: *cipó-caboclo, cipó-suma, cipó-cambira, cipó-corrêa, cipó-cruz* (tambem chamado *cipó-cravo*). Especie de cobra.

Cipoada — grande quantidade de cipós.

Ciscado — o signal que deixam no chão as aves, quando o arranham com as unhas á cata de vermes.

Ciscar — remexer o chão com as unhas.

Ciumagem (na pronuncia vulgar cai o *m*) — grande ciume; acção proveniente do ciume.

Cobre — dinheiro.

Coiração — coração.

Coirava — arvore de mata-virgem, cujas flores alvas são muito cheirosas.

Coirão, s. m. — o mesmo que *canêlo*, na linguagem figurada: mulher velha e feia.

Çolerado, a — corruptela de *accelerado*, com significação diversa: transtornado, enfurecido, fóra de si.

Com effeito! — locução interjectiva que demonstra admiração ou pasmo.

COMETA, s. m. — caixeiro viajante.

COMTANTO QUE — — na certeza de que, o certo é que.

CONSOANTE — egual ; de accordo com.

CONSOLAR, v. intr. — consolar-se.

CÓQUE — fórma de penteado que consiste em enrolar os cabellos na nuca, biróte.

CORAJUDO, A — corajoso.

CORENTA, adj. — quarenta. Como subst. era a antiga moeda de cobre de quarenta réis.

COROCA — mulher muito velha e doente.

CORÊ-CORÊ, adj. — loquaz, palrador.

CORRÊ-CORRENDO — fórma frequentativa do verbo *correr*, no participio. De modo egual se fazem os frequentativos dos outros verbos : *falá-falando, banzá-banzando,* etc.

CORREDEIRA — declive forte no leito do rio, em razão do qual a agua corre mais apressada, impedindo ou difficultando a passagem das canoas.

CORTAR NO RUMO DE — dirigir-se para, fazer atalho em certa direcção.

COSTELLA — esposa.

CRAGUATÁ, s. m. — planta bromeliacea que cresce em moitas e serve de sebe, tambem chamada *gravatá* e registada nos diccionarios como *caraguatá*.

CRIA (Irmão de) — irmão de criação, collaço, malungo.

CRILA, e tambem CLIRA — menino, desde que anda até os doze annos, mais ou menos.

CRISSIUMA, s. f. — especie de taquara silvestre, fina e flexivel.

CUCA, s. f. — usado nas expressões *fazer ou pôr cuca* : pôr medo em alguem.

CUÉRA, adj. — decidido, forte, valente, destro.

CUIDADEIRA, adj. — a mulher que cuida de alguma coisa. Tambem usado como subst.

Cuiêtê, s. m. — planta vulgar, de cujo fructo se fazem vasilhas de vario prestimo. Registado nos diccionarios como *cuité*.

Cumbersa e tambem combersa — conversa, prosa.

Curador — curandeiro.

Curáu — doce feito de milho ralado.

Curiangada — bando de curiangos.

Curiango — ave nocturna de que ha varias especies; apparece ao escurecer ou á noite e é conhecida tambem pelo nome onomatopaico de *curiangú*.

Curimbatá — nome vulgar do peixe que, nos diccionarios, anda registado como *curimatá*.

Çurjão — corruptela de cirurgião: curandeiro, curador, expriente.

Curruíra, s. m. — a carriça brasileira, tambem chamada *cambachirra* e *garricha*.

Cutucar, v. tr. — tocar alguem ou alguma coisa ao de leve, com objecto afiado ou pontudo; espertar a attenção de alguem.

Cuvitinga, s. f. — pequena arvore das capoeiras.

D

Damnado, a — disposto, forte, apto para.

Dançar baile — divertir-se em danças de sala, em contraposição ás de terreiro, como batuque, samba, recortado, etc.

Dar adeus — dizer adeus.

Dar a lonca — morrer. *Lonca* vem a ser o couro do animal já pellado.

Dar de — agarrar em, começar a.

Dar sorte — causar admiração, ter bom exito.

De cabo a rasto — largado, abandonado (fala-se do animal de montaria; por extensão, do ou da amante que se deixou).

De cascos virados — bebedo.

De certeza — com certeza, pela certa.

De devéra — de véras (em fórma encarecida).

De flor ou de fror — excellente, de qualidade rara.

De guayaes — de mentira.

Delorido, a — dolorido.

Deluvio — corruptela de *diluvio,* com a significação de grande quantidade, multidão.

Dependura (Estar por uma) — para cair, para morrer, para acabar.

Derreter e derreter-se — desapparecer; ir embora; apagar-se aos poucos.

Desabotinado, a — desenvolvido; disposto; resolvido a tudo.

Desacorçoar — descorçoar.

Desamaguar-se — livrar-se da magua, consolar-se.

Descangicar, v. tr. — bater com violencia em alguma coisa, espatifal-a ou partil-a.

Descanhotar-se — andar ligeira e desembaraçadamente.

Descascadinha — mulher clara.

Desencoivarar — limpar o terreno, em que se derrubaram e queimaram arvores, das coivaras restantes, ou sejam paus que não chegaram a completa carbonização.

Desmasia — demasia.

Desmerecido, a — emmagrecido, enfraquecido.

Desmunhecar, v. tr. — arrancar a parte de um todo, como: a munheca, do braço; o galho, da arvore; o cano, da espingarda.

De sola e vira — muito bom, excellente; apto e destro.

Despennar — depennar; tirar as folhas ou raizes de um vegetal.

Despois — depois.

DESPOTISMO — grande quantidade, chusma, agglomeração de coisas ou individuos.

DESPROPOSITO — o mesmo que *despotismo* e *deluvio*.

DESTORCIDO e tambem DESTROCIDO — agil, destro, experto.

DE VEREDA — no mesmo instante, de repente.

DISCUTIÇÃO — discussão.

DISPARIDADE — desproposito ; coisa desageitada ; palavra ou phrase insensata.

DISTRANQUE, s. m. — briga ; duvida ; barulho ; conflicto.

DIZ-QUE, s. m. — boato, atoada, mexerico.

DOBRADA — o logar em que, do alto do morro, monte ou espigão, se começa a descer.

DOBRAR, v. tr. — virar, passar para o outro lado. Como intr., tem a significação de cantar, gorgear (diz-se dos passaros).

DOURADO, s. m. — uma variedade do urutú, vibora conhecida.

DUMA VEZ — de vez, completamente, inteiramente.

E

Ê ! — interj. de admiração.

É BAIXO ! — locução interjectiva : indica duvida, pouco caso e, tambem, a affirmativa de que um facto annunciado, ou uma ameaça feita, não se realizará.

EGREJICA — egreja pequena.

EIA (com accento fechado no *e)* — desinencia da 3.ª pessoa dos verbos terminados em *iar,* no pres. do indic. : injurêia, commercêia, etc.

EI'VEM — eis vem, ahi vem.

EIXOS (Estar nos) — achar-se alguem curado de alguma doença, reposto de algum susto ou tornado a seus commodos.

EM — a. E' usada esta preposição, correntemente, desse modo : cheguei *em* São Paulo, fui *na* Apparecida.

EMBATUCAR, v. intr. — ficar envergonhado, vexado, atrapalhado ; calar-se.

EMBASTIDO, A — embastecido, espesso. Muito usado como subst.

EMBEZERRAR, v. intr., tambem usado como refl. — aborrecer-se, zangar, calar de raiva.

EMBIROCAR, v. intr. — lançar o pinhão ao bira, encovando-o.

EMBROMADO, A — embastecido, espesso de folhas, ramos, raizes, etc.

EMPANTUFAR AS PENNAS — arrepial-as (diz-se da ave assustada ou enraivecida).

EMPIPOCADO, A — enternecido, inchado á similhança da pipóca.

EMPREITO — acto de empreitar uma obra ; a propria obra empreitada.

EM SER — em bruto, sem bemfeitoria, inculto.

ENCABEÇAR A MODA — cantar um verso (é como chamam á quadra inteira) extranho á moda do catêrêtê, para em seguida cantar a moda.

ENCALISTRAR, v. tr, — envergonhar, vexar. Tambem usado na fórma intr.

ENCAMBITAR, v. intr. — virar sobre os cambitos, isto é, sobre os pés.

ENCAMBULHAR — reunir em cambulhada.

ENCAPOTADO, A — diz-se do animal de montaria, quando volta o focinho para o peito, encurvando o pescoço.

ENCARAMUJADO, A — encolhido como o caramujo, tristonho.

ENFEZAR-SE — ficar zangado.

ENGIRIZAR — aborrecer, causar giriza (ogeriza).

ENJOAR DE — ficar farto ou cansado de alguem ou de alguma coisa.

ENRAMAR COM — unir-se a, formar um grupo com.

ENRUFAR AS PENNAS — encrespal-as.

ENTOJADO, A — enojado, enjoado.

ENTONCE, e tambem ENTONCES e ENTÃO-SE — então.

ENTREMO' — entrêmos.

ERA UM DIA a boiada — acabou-se, morreu toda.

ESBARRAR O CAVALLO — fazel-o parar instantaneamente, de um andar apressado.

ESBARRONDADEIRO — o mesmo que *bossoróca*.

ESCANELLADO, A — de canellas finas.

ESCARCÉU (Fazer) — fazer barulho.

ESCORAR — fazer frente a alguem, supportar-lhe o ataque; supportar um vendaval, uma tempestade, etc., ao ar livre.

ESCUMANA, s. f. — o mesmo que *bitú* e *sabitú*.

ESFOGUETEAR A ESPINGARDA — dar com ella uma salva, afim de seccar a humidade ou experimentar os ouvidos da mesma espingarda.

ESGANAÇÃO — appetite desordenado.

ESPANDONGADO, A — estragado, em estilhas, em farrapos.

ESPAROLADO, A — muito loquaz e, ao mesmo tempo, mentiroso ou gabóla.

ESPÉCIA — corruptela de especie, mas tem a significação de extranheza, admiração, pasmo.

ESPELOTEADO, A — tonto, desequilibrado de espirito.

ESPIGÃO-MESTRE — o maior dos que formam uma serra ou cordilheira.

ESPONTAR, v. tr. — queimar a geada apenas a copa ou a extremidade dos vegetaes, ou uma parte de certa região.

ESQUIPADOR, DEIRA — rapido, ligeiro (diz-se do animal).

ESTALEIRO — armação de paus sobre forquilhas, que serve para cama, para deposito de comestiveis, etc.

Estourar, v. tr. — matar alguem a tiro de arma de fogo.

Estrada-mestra — a principal de uma região.

Estrêllo, a — diz-se do animal que tem na testa um signal em fórma de estrella.

Estrovar — estorvar.

Estrôvo — estorvo.

Estucia — corruptela de *astucia,* mas significa armadilha, artefacto, machina, coisa extranhavel.

Estudado, a — que estudou bastante.

Estumação — animação, excitação, açulamento que se faz ao cão para perseguir a caça.

Expriente — experiente, pratico de medicina, curandeiro.

Extravio (Caminho de) — pouco frequentado ou abandonado, fóra do trilhado.

F

Fado (Mulher do—, Moça do) — rameira.

Falsear das munhecas — diz-se do animal que levemente está mancando.

Falso, s. m. — falsidade, aleivosia : levantar um falso armar um falso.

Familia, s. f. — filho.

Farófa, s. f. — gabolice, roncaria, impostura.

Fazer o chão para — preparal-o para plantação.

Fazer chão — ir embora ; fugir.

Feito, adv. — como, tal qual, similhante ou egual a.

Feitorar, v. tr. — dirigir, administrar ou fiscalizar como feitor.

Fermoso — formoso.

Fernesim — phrenesi ; agitação nervosa.

FERRAMENTA — as esporas.

FERRAR NAMORO COM — namorar alguem.

FESTAR, v. intr. — divertir-se alguem na festa.

FILHO — parte do *juquiá*, armadilha para peixes, de que tambem ha uma adaptação para caçar passaros.

FOGO-APAGOU, s. m. — especie de pomba, tambem conhecida por *pomba-cascavel*.

FOLGAZÃO DE VIOLA — o que, nos fandangos ou catêrêtês, toca a viola para a dança.

FONTE (Estar na) — estar lavando roupa.

FORMADO (Um) — diplomado por escola superior.

FORMAR, v. intr. — chegar a completo desenvolvimento.

FRIGIR, v. intr. — estar com raiva.

FRIINHO — friozinho.

FROR — flor.

FRUITA — fructa; simplesmente acompanhado do artigo, indica sempre a jaboticaba.

FRUITEIRA — fructeira, e principalmente a jaboticabeira.

FUGIÇÃO — fuga, fugida.

FULMINANTE, adj. — diz-se da escorva lisa, de arma de fogo.

FUMAÇA (Fazer subir) — ter casa propria, ser chefe de familia.

FUNDOS — cafundós, logar afastado.

FUMEGADO (Cigarro) — que começou a arder só de uma banda.

FURRUNDUM — doce de cidra ralada, feito com rapadura ou assucar mascavo.

G

GABIRÓVA — arbusto e arvore conhecidos, a que tambem se dão os nomes de *gabiróba* e *guabiróba*. Como adj. — zangado, enraivecido.

GADANHO (Passar o) em — furtar.

GAFANHOTO — a mola que faz subir ou descer o cão, nas armas de fogo.

GALEIO — movimento rapido do corpo, para um lado ou para trás.

GALLICO (Mal de) — syphilis.

GANHAR O GEITO DO CHÃO — ir embora, fugir.

GARÔA, adj. — decidido, forte, valente ; enfurecido.

GARRAR, v. tr. — alcançar ; chegar a.

GARRÓTE — bezerro até os quatro annos de edade.

GAZ — enthusiasmo ; basofia ; impostura ; presumpção.

GENIPAPO NAS CADEIRAS (Ter) — ser mulato.

GENIO — indole irascivel (quando não está acompanhado de adj.).

GIÇUHY, adj. — arripiado (diz-se da epiderme, quando a penetrou algum espinho fino ou outro corpo extranho similhante).

GIMBÚIA, s. f. — especie de sapo grande.

GIRAU — armação de varas sobre estacas ou forquilhas, que serve para leito e para deposito de mantimentos.

GOLADA — gole.

GORUCAIA, s. f. — arvore de mata-virgem, tambem chamada *guarucaia*.

GRANAR, v. intr. — chegar a planta ao ponto de dar grão ou semente. Diz-se tambem do homem ou mulher quando chega á adolescencia.

GRAVATA (Não pôr) no pescoço — não ter educação.

GRONGA, s. f. — feitiçaria por meio de beberagem.

GUAIAR UMA GARGALHADA — dal-a extensa ou entrecortada. Tambem usado na fórma intr.

GUAIMBÊ — especie de cipó.

GUAINXUMA, s. f. — planta vulgar dos logares descobertos, chamada tambem *guaxima*.

GUAIUVIRA — arvore da mata-virgem. *Rasgar a guaiuvira:* explicar-se; fazer um pedido; fazer declaração de amor.

GUAMIRIM, s. m. — arvore de mata-virgem.

GUAMPA, s. f. — chifre do bovino; vasilha, busina feita do mesmo.

GUAPÉ — planta aquatica, conhecida por *aguapé.*

GUAPÉCA, s. m. — cão sem raça.

GUAPÉVA, s. f. — arvore de mata-virgem. Cão baixo, de patas grossas: nesta accepção, é masc.

GUAIÚ — barulho, rumor.

GUARIRÓVA, s. f. — palmeira conhecida, de palmito amargoso.

GUARITÁ — arvore colossal, de tronco liso.

GUARUCAIA — veja *Gorucaia.*

GUASCA, s. f. — relho feito de corda ou de couro. Como adj., significa o natural do Rio Grande do Sul.

GUATAMBÚ, s. m. — arvore conhecida, de cuja madeira se fazem cercas em rachões, cabos de enxada, etc. Pegar no rabo do guatambú: trabalhar de enxada.

GUATURAMA, s. f. — o gaturamo, passaro de lindo canto.

GUNGA-MUQUIXE — maioral, chefe, magnata.

GUNGUNAR, v. intr. — resmungar.

GURUNDY — passaro dos cultivados.

H

HAI — ha (3.ª pess. do pres. do indic. do verbo haver).

HAVÉRA — houvera, haveria.

HERVA-DE-LARGATO — arbusto dos logares abertos, a que chamam tambem *arve-de-largato.*

HERVAR, v. intr. — apanhar herva, comer a herva-de-rato, que é venenosa (diz-se do gado vaccum).

Historiada — coisa complicada ou embrulhada ; historia muito comprida.

Homrreira — manifestação de desdem ou pouco caso, que consiste em fazer um leve movimento dos hombros.

Hóminho — homemzinho.

I

Içá, s. m. — formiga saúva, depois que perdeu as asas.

Imbuava, adj. — emboaba, português ou descendente de português.

Impontar — dirigir, levar para ponto determinado : impontar a tropa na povoação, etc.

Inchume — inchação.

Indas-que — ainda que.

Infallencia — estrago ; atrapalhação, perturbação.

Intanguir — entanguecer, tolher de frio.

Inté — até.

Intrenca, s. f. — cerca de varas postas ao comprido.

Intreverado, a — entremeiado, misturado.

Invernada — pasto de larga extensão, para descanso e engorda dos animaes.

Inzonar, v. intr. — demorar, tardar. Usado raramente na fórma trans.

Irapuá, s. m. — abelha vulgar, que dá o mel conhecido por mel-de-cachorro. O cortiço da mesma, que tem a fórma oblonga.

Isqueiro — vasilha portatil, em que se guarda a isca de fazer fogo.

Ité, adj. — adstringente (diz-se das fructas).

J

JABÁ, s. m. — carne secca.

JACÁ, s. m. — cesto grande feito de taquara.

JACÚ — ave silvestre.

JAGUARANDY, s. m. — o mesmo que *jaborandy*, planta medicinal.

JANTA — jantar.

JAPECANGA, s. f. — cipó espinhoso, medicinal.

JARERÊ, s. m. — molestia da pelle, que a deixa encaroçada e vermelha.

JARURÚ, adj. — o mesmo que *jururú*.

JERÓMINHO, s. m. pr. — Jeronymozinho (tem accento agudo tambem no *i*).

JIQUITÁIA, s. f. — pimenta esmoida e reduzida a pó.

JOÇÁ, s. m. — a lanugem da canna e de outras gramineas, muito incommoda á epiderme.

JOGAR-SE — atirar-se, arremessar-se.

JUÁ, s. m. — nome com que se conhecem varias plantas fructiferas.

JUDIAR — maltratar (vem sempre acompanhado da preposição *de* ou *com*).

JUGAR — jogar, atirar.

JUQUIÁ, s. m. — cesta feita de taquara ou de cipó, que serve para caça ou pesca.

JURADO, s. m. — jury.

JUREMA, s. f. — trabalho difficil, tarefa penosa.

JURUBEBA, s. f. — planta medicinal.

JURURÚ, adj. — tristonho, melancolico, macambusio.

JURUTY, s. f. — pomba silvestre ; a do peito branco tem este nome, e a do peito amarellado chama-se *vevúia*.

JUSTAR, v. tr. — ajustar, assoldadar, contractar.

L

Lacaio, a, adj. — licencioso, indecente.

Laceira, s. f. — festão de trepadeira; rama de cipós entrelaçados.

Lacrecanha, s. f. — mulher velha e desdentada.

Lado — geito, momento, occasião.

Lagrimal — olho d'agua.

Lanceta. s. m. — especie de capim.

Lanço — posição, postura; geito natural dos animaes.

Lançol — lençol.

Lazão, an — côr de cavallo.

Lavar a mão em — bater em; dar pancada.

Lavoura — trabalho habitual, profissão.

Leriano — Aureliano.

Leva-e-traz — intrigante, mexeriqueiro.

Lhe — o, a.

Libuno, a — lobuno, côr de cavallo.

Libuzia, s. f. — calundú, raiva, zanga.

Limal — animal.

Livração — absolvição; defesa.

Lombilho — especie de sella simples.

Lombilho abastado — o que tem a cabeça pequena e e baixa, como o *basto*.

Lonca (Dar a) — morrer.

Louvado (Tomar) — pedir a bençam.

Lusque-fusque — lusco-fusco.

Luxar, v. intr. — vestir-se com grandeza; negar, recusar por affectação ou fingimento.

Luxo — negação, recusa fingida.

M

MACACO, A, adj. — côr escura de cavallo.

MACAIA — fumo de má qualidade. Pitar macaia: morrer.

MACOTA, adj. — grande.

MACOTENA, adj. — morphetico.

MACOTEIRO, A — grande, desenvolvido, o maior de todos.

MACUCAR, v. intr. — enraivecer-se.

MACUCO — ave silvestre.

MAITACA, s. f. — especie de papagaio, a que tambem chamam *baitaca*.

MAL (O) — morphéa.

MALA (Trazer na) — expressão desdenhosa: quer dizer que o interlocutor não disse coisa util ou interessante.

MALACARA, adj. — diz-se do animal que tem a cara assignalada de listras brancas.

MAL APENAS — apenas (o *s* final não soa).

MAL E MAL — pouco mais ou menos, soffrivelmente.

MALHÃO (pron. *maião*) — especie de jogo de pinhões.

MALINCONIA — melancolia.

MALUNGO — irmão de criação.

MAMBEMBE, s. m. — logar afastado e soturno.

MAMONINHO-DE-CARNEIRO — estramonio, planta vulgar.

MANCEBO, s. f. — pedaço de pau, donde se penduram as candeias.

MANDACARÚ, s. f. — especie de cacto.

MANEIRO, A — leve, que se carrega facilmente. De trato *maneiro*: de bom trato, affavel, delicado.

MANÉ-JACÁ — tonto, sandeu, idiota.

MANGABEIRA — arvore fructifera dos cerrados.

MANGUÁRA, s. f. — cacete, vara grande, bengalão.

MANGUARÃO — homem magro e de elevada estatura.

MANGUEIRO, s. m. — curral pequeno. Como adj., significa lento, vagaroso, tardio.

MANJUVA, s. f. — comida. Especie de peixe pequenissimo do mar. Numa e noutra accepção, tambem se diz *manjuba*.

MANQUETEAR, v. intr. — andar mancando.

MÃOZADA — a quantidade de coisas que cabe numa das mãos.

MARACUJÁ — trepadeira fructifera muito conhecida.

MARACUJÁZEIRO — a planta que dá os maracujás.

MARAGOGIPE — variedade de café.

MARDIÇOADO, A — amaldiçoado.

MARDITO, A — maldito.

MARIANEIRA — planta vulgar, que produz uma fructinha comestivel, apreciada de certos peixes.

MARICÁ — arbusto espinhoso.

MARIQUINHA — mentira ; basofia.

MARTELLO — a quantidade de aguardente que cabe num pequeno copo.

MARTIM-PESCADOR — ave aquatica, de que ha mais de uma especie.

MAS PORÊM — mas.

MASSAMBARÁ, s. f. — especie de capim.

MATINADOR, adj. — loquaz, palrador, barulhento ; mentiroso.

MATUNGO — cavallo sem raça.

MEÃO (Chumbo) — o que está entre o grosso e o fino.

MEIA-PATACA — ave silvestre, chamada tambem *alma-de-gato*.

MEIO, A — Só usado, á moda antiga, como adj. e não como adv.

MEIO (Chumbo do) — o mesmo *meão*.

MELLADO — especie de capim.

MENTE (Na) — na idéa, na resolução de. Ter mente para ter idéa de, ter coragem para.

MESTRE, A, adj. — principal: estrada mestra, espigão mestre.

MIM, é usado frequentemente em logar de eu: p'ra *mim* ir, p'ra *mim* dizer.

MINGUTA, adj. — pequeno, mirrado.

MINHAN — manhan.

MIRIM, s. m. — especie de abelha.

MIRONGA, s. f. — duvida, briga.

MIUDINHO — Dansa antiga, de sala.

MOÇA (Ser) de — amante.

MOCHO, A — diz-se da arma de fogo sem gatilhos.

MOIRÃO, ONA — augm. de *moîro*, côr de animal: é o preto salpicado de branco. Como subs. quer dizer o poste da porteiro ou da cerca.

MOLHADURA — gratificação, gorgeta,

MONTOEIRA — grande quantidade.

MORENA — especie de dança, acompanhada de canto com uma só toada.

MOSTARDA, s. m. — chumbo muito fino.

MOURISCO (Gato) — especie de gato silvestre.

MUCAMA — criada do interior da casa.

MUCHÔCHO — estalo com os labios, para significar pouco caso ou desdem.

MUNDÃO — grande quantidade de coisas; grande extensão de terras.

MUNHÉCA (Quebrar a) — embriagar-se. *Munhéca de cutía* — chicote ou relho que tem como cabo o pé ou mão de cutia.

MURUNDUM — corpo extranho e volumoso, posto em qualquer coisa ou pessoa; embrulho ou atilho grosso.

MUSGA — musica.

MUTIRÃO — agrupamento, reunião de pessoas para prestar auxilio em qualquer serviço de fazenda, como derrubada, roçada, plantação ou colheita.

MUTUCA — especie de mosca silvestre, de ferrão agudo. Espora.

N

NAÇÃO — qualidade, raça.

NA CERTEZA — decerto, com certeza.

NA HORINHA, NAQUELLA HORINHA — no instante, naquelle instante.

NAMBÚ — ave silvestre, de que ha varias especies, tambem conhecida por *înhambú* e *nhambú*.

NANICO, A — anão; de pequena estatura.

NÃO TER SOM NEM TOM — ser despropositado.

NA TIAPORANGA (Estar) — Achar-se embriagado.

NAVEGAR, v. intr. — trafegar; andar; percorrer uma zona.

NA VIOLA — á viola.

NEGATIVAS, são frequentemente duplicadas: *nunca não, ninguem não,* etc.

NEGREIRO — o que negociava em escravos, comprando-os e vendendo-os.

NEM TIQUE NEM TAQUE — nada.

NHANSANAN — ave das lagoas e banhados, conhecida no norte por *jaçanan*.

NINHO DE GEADA — o logar em que ella cai todos os annos fortemente.

NUMA TOADA — continuamente, seguidamente.

NUM SOPETÃO — num baque, de impeto, de repente.

O

O, A, substitue o possessivo: *o* pae, *a* mãe, por *meu* pae, *minha* mãe.

OCCASIONADO, A — atrapalhado, enfurecido, desarvorado.

OCÊ — você.

OLHAR P'R'A LUA — ficar reduzido á miseria.

OSÇA, adj. — muito forte, disposto, decidido.

ONZE, subst. — alcoviteiro.

ONZE LETRAS, subs. — o mesmo que *onze*.

O QUE? — a fórma interrogativa *que?* é sempre acompanhada do art.

ORELHA-DE-PAU — cogumelo.

ORNAR, v. intr. — ir bem a alguem, assentar.

ORVALHEIRA — grande quantidade de orvalho.

OSSÊGO — sossego.

ÔTA! — interj. admirativa.

OTUSO, A — atrapalhado, perturbado, hesitante.

P

PACHÓLA, adj. — enthusiasmado, presumido, gabarola.

PACUÉRA, s. f. — fressura; especialmente, o coração.

PAGODEAR, v. intr. — andar por bailes e outros divertimentos ou pagodes.

PAGOS, s. m. pl. — o lar, a casa de morada.

PALACIANO, A (o *l* não soa) — muito bem educado, muito delicado.

PALANQUE, s. m. — moirão a que se amarra o animal bravio, para o ensilhar.

PALMATORIA, adj. — animal que tem uma grande listra na testa, de alto a baixo.

PAMONHA, s. f. — bolo de milho ralado. Como adj., significa lerdo, sem prestimo.

PAPILÓTE, s. m. — pancada com os dedos, um a um.

PAR (Uns—, Umas) de — alguns, algumas.

PARANAN — Paraná.

PARANISTA, adj. — o natural do Estado de Paraná.

PARARACA, subst. — logar, nos rios, em que a agua passa rapida sobre pedregulhos, removendo-os e batendo uns nos outros. Como adj., significa loquaz, tagarela, mentiroso.

PARELHO, s. m. — andaina de roupa, composta de calça e casaco.

PARIRÚ, s. f. — especie de pomba azul.

PASMO, A — pasmado, admirado.

PASSARINHÃO — acto de se espantar de alguma coisa o animal, quando montado.

PASSAR NO MILHO — no milharal, entre os pés de milho.

PASSAR O COURO EM — bater, dar pancada.

PASSÓCA, s. f. — carne temperada, misturada com farinha, e depois socada. Secco na passóca — decidido, disposto, robusto.

PATAQUEIRO — individuo de cabedaes. Especialmente se dizia do que andava pelas feiras fazendo compras.

PATIFE, adj. — fraco, desanimado.

PAULA-SOUSA, s. m. — chumbo maior que o meão, assim chamado do nome de um grande caçador paulista.

PAVÃO DO MATO — ave dos sertões, preta e de peito vermelho.

PAVÔ — o mesmo qne *pavão do mato,* mas é o verdadeiro nome da ave.

PÉ DE PROSA — boccado de conversa, geito de encaminhar qualquer assumpto.

PEDIR A MOÇA — pedil-a em casamento.

PEGAR HERVA — comer herva-de-rato, envenenar-se com ella (diz-se do gado vaccum).

PELLÊGO, s. m. — pelle de carneiro, que se usa sobre os arreios, para os tornar menos duros.

PERCISAR — precisar.

PERCURA — procura.

PERCURAR — procurar

PEREQUÊ — discussão, barulho, briga.

PERERÉCA, adj. — inquieto, buliçoso, que não tem parada.

PERÓBA, s. m. — arvore de que ha varias especies; tambem se diz *peróva*.

PERÓBINHA, PERÓVINHA — peróba de pouco vulto, que dá nos cerrados.

PERRENGUE, adj. — frouxo, molle, desalentado.

PÊRSEGO — pêssego.

PESSOAL, s. m. — uma reunião de pessoas: familia, associação, etc.

PETIÇO, A — baixo, de pequena estatura (diz-se dos animaes de montaria).

PÉVINHA, s. m. — cachorro pequeno, dos pés chatos.

PIADADE — piedade.

PICAÇO, A — animal de montaria, que tem o corpo preto, as mãos e pés brancos, ou só a testa branca.

PICADA, s. f. — caminho estreito aberto pelo meio do mato.

PIGARRA, s. f. — o gôgo, doença das gallinhas.

PIGUANCHA, s. f. — egua.

PIJUCA, s. f. — especie de cogumelo, que á noite brilha como fogo azul.

PINDAHYBA, s. f. — arvore dos logares humidos. Falta absoluta de dinheiro.

PINGO, s. m. — matungo, cavallo.

PINHÃO, PINHAN, adj. — côr de cavallo ou burro.

PINHO, s. m. — a viola.

PINICAR NA SOMBRA — estar zangado.

PINTADA, s. f. — especie de onça.

PINTASILVO — pintasilgo.

PIPÓCA, s. f. — milho arrebentado ao fogo, na gordura.

PIPUIRA — certa raça de gallinhas.

PIPUIRUÇÚ — outra raça de gallinhas.

PIQUETE — pequeno campo fechado onde se têm á mão os animaes que vão servir.

PIQUIRA, adj. — o mesmo que *petiço*.

PIRICICA, adj. — sirigaita, sem modos, pereréca.

PISAR NA ALMA DE — matar. Maltratar moralmente.

PISAR NO RABO DO CACHORRO DE ALGUEM — provocar esse alguem, fazer-lhe algum insulto.

PISSUIR — adquirir, comprar, obter por negocio. Possuir.

PITANGA — fructa da pitangueira, arvore da mata.

PITAR — fumar.

PIÚVA — arvore de mata e cerrado, do qual se fazem bengalas.

PIXAIM, adj. — encaracolado, excessivamente crespo (diz-se do cabello de negro ou mulato).

PLANCHEAR, v. intr. — cair de lado.

PLANTA (Fazer) — plantar.

POAIA, adj. — antipathico, desengraçado.

POIAGE, s. f. — coisa sem graça, palavra ou phrase desenxabida. Mentira.

POITAR, v. tr. — fazer parar a canoa no meio do rio.

POLISTA, adj. — paulista, natural do Estado de S. Paulo.

POLITICO, A — desconfiado com alguem; de amizade esfriada; inimizado.

POMBA-CASCAVEL — o mesmo que *fogo-apagou*.

POMBA-LEGITIMA — especie de pomba selvagem, tambem conhecida por *verdadeira* e *do ar*.

POMBEAR, v. tr. — espreitar: procurar ver ou descobrir alguem ou alguma coisa.

PONHAR — pôr.

PONTA (Andar de) com alguem — estar de prevenção ou de birra.

PONTEAR, v. tr. — tanger a viola na parte cantante.

PORÇÃO, s. f. — grande quantidade (como no hespanhol).

PORTAR EM — parar.

PÓRTE, s. m. — tamanho. Vulto.

POR UM ÉS NÃO ÉS — por um triz, por um boccadinho.

PÓRVA — polvora.

POR VIAS TRAVÉSSAS — indirectamente.

PÓSSEA — posse.

POTREIRO — piquete. Campo pequeno e fechado, perto da casa de morada, onde se têm guardados os animaes que vão servir logo.

POVO (acompanhado de possessivo: o meu, o seu) — familia.

PRAGUEJAR, v. intr. — encher-se o terreno de *praga*, isto é, de vegetação damninha ou nociva.

P'R' AMÓR DE — em razão de, por motivo de, por causa de.

PRANTARIA — grande pranto, choro prolongado.

PRATICO — experiente, curandeiro.

PRECEITO — ensino, educação, bons modos. Ter preceito, no animal de montaria, é estar bem certo e obediente ao freio.

PRESSAMA — inflammação e grossura da pelle.

PRISÃO (Ter) por — ter compromisso de amor com alguem.

PROPRIO, s. m. — mensageiro, recadeiro. Como adv., significa: propriamente e, ás vezes, tal qual, similhante.

PROSA, adj. — conversador, loquaz; mais frequentemente usado em accepção peiorativa.

PUBA, s. f. — casquilhice, faceirice no trajar.

PULAÇÃO — o acto de dar pulos.

PULADO (Fogo) — é o que, nas queimadas, salta de um ponto a outro distante, levado pelo vento.

PULA-PULA — arbusto cuja semente é muito redonda e leve.

PURRUTUM — curiango de grande vulto, ave nocturna.

PURUNGA, s. f. — vasilha feita da casca de algumas plantas cucurbitaceas.

Q

QUAJI — quasi.

QUARTA-FEIRA — tonto, atoleimado, sandeu.

QUARTEAR O RASTO — gritar o cachorro, compassadamente, no rasto da caça, indicando que ainda não está proxima.

QUATRÓLHO, A — que tem as sobrancelhas brancas.

QUATRO-PAUS — o zápete (*zape,* na linguagem regional), carta maior do jogo de truque. Como adj., quer dizer: decidido, valente, disposto.

QUATY, s. m. — animal silvestre, que anda em bandos.

QUE, expletiva: bem *que* sabia, bem *que* conhece.

QUEBRA, adj. — sacudido, corajoso, valente.

QUEBRAR O ANIMAL — montal-o pela primeira vez, dar-lhe os primeiros repassos, fazer o trabalho inicial de o amansar.

QUEBRANTAR, v. tr. — quebrar, na mesma accepção que o anterior.

QUEIMADA, s. f. — cachaça fervida com açucar e gengibre.

QUENTE, adj. — um tanto embriagado. Andar um logar quente de — estar cheio de certo boato.

QUE PAU É ESTE? — brinquedo de crianças.

QUERENCIA — logar onde o animal tem costume de viver.

QUERER BEM, é usado como tr. simples, sem o caso obliquo do pronome ou a preposição.

Quitanda — qualquer especie de biscouto, bolo ou doce caseiro exposto á venda.

R

Rabicho — paixão carnal.

Rabo de tatú — relho de corda ou couro trançado.

Rachão — acha de madeira.

Ranjar — arranjar, obter.

Rapadura — massa de açucar não refinado, posta em fôrma quadrada. Entregar a rapadura: desistir de alguma empreza ou plano.

Rasgar o pinho — tocar viola. Explicar-se com alguem. Fazer uma declaração de amor.

Rasgar sertão — desbraval-o, fabricar fazenda.

Rasoura (Fazer uma) — matar grande quantidade de animaes, plantas, etc.

Rasto (De cabo a) — abandonado, largado, desprezado.

Rebentãozal — grande extensão coberta de rebentão, arbusto dos logares descultivados.

Reboliçar, v. intr. — mexer-se, agitar-se.

Recambiar, v. intr. — dar uma volta inteira com o corpo.

Recortado, s. m. — dança da roça, acompanhada de musica propria.

Redada — toda a ninhada de qualquer ave, a reunião de todos os filhotes nascidos de uma vez.

Redomão, redomona, adj. — animal que ainda não está completamente amansado, tendo tido apenas alguns repassos ou galopes.

Refugo (Fazer de) — desprezar, abandonar.

Réiva — raiva.

Relar, v. tr. — tocar ao de leve em alguma coisa, passar-lhe encostado.

REMANISCAR, v. intr. — fazer movimento rapido e inesperado.

REMANISCO, s. m. — o movimento rapido e inesperado. Como adj., applica-se a quem habitualmente faz desses movimentos.

REMEXER POR — andar vagando, passar frequentemente por certo logar.

RENDOSO, A — que rende muito, que leva longe (diz-se do andar do animal).

REPASSAR ANIMAL — ensilhal-o e montal-o ás primeiras vezes, para o domar ou amansar.

REPASSO — o acto de montar o animal ás primeiras vezes, domando-o. Tambem se diz *repasse*.

REPONTAR, v. tr. — trazer tropa ou manada para certo ponto.

RETARDE, s. m. — retardamento, atraso.

RETINTO, A — o individuo de côr escura muito carregada.

RISCAR CHÃO, — ir embora, viajar. Fugir.

ROCÍO — roça antiga, aproveitada para capinzal.

RODONA — roda grande.

ROMPER, v. intr. — sair, dar a primeira avançada.

ROUPIQUINHA — roupa modesta.

RÔXA — mulher morena.

RUA (Moça, mulher da) — prostituta.

RUÃO, RUANA — diz-se do muar cuja côr é um pouco mais clara, e que no cavallar se chama *lazão* ou *alazão*.

RÚIM (Estar no) — de má sorte, passando mau boccado.

RÚIVA — o arrebol da manhan ; o fechar da tarde.

S

SABER (Não querer) de — não admittir, repellir.

SABERETA, adj. — presumido; jactancioso de saber.

SABITÚ, s. m. — o içá macho, formiga saúva. Tambem se diz *bitú*.

SABOROSA, s. f. — especie de cacto; fructa do mesmo.

SACUDIDO, A — forte, robusto, valente.

SACY — ave das capoeiras e descampados, tambem conhecido por *peixe-frito*. Nome de um ente phantastico.

SAGAZ — que anda desembaraçadamente, esperto, veloz (diz-se do animal de montaria).

SAGUARAGY — arvore de mata-virgem. que dá boa madeira, tambem chamada *subragy*.

SAHIVÁ, s. m. — vassoural; capoeirinha rala.

SAINO, A — côr de animal.

SAMAMBAIA, s. f. — planta conhecida, que infesta os logares de terra inferior.

SAMBA, s. f. — dansa dos negros; tambem na fórma masculina.

SAMBURÁ, s. m. — cestinho feito de taquara ou de cipó, que serve para usos variados.

SANGRADOR, s. m. — o sangradouro (como esta se dizem todas as desinencias portuguezas em *ouro*: carreador, vivedor, etc.).

SANZALA, s. f. — senzala, choupana dos escravos.

SAPUCAIA — arvore da mata-virgem, que dá uma castanha comestivel. Ave frugivora, amarella e de peito preto.

SAPÚVA — arvore copada.

SAPUVUÇÚ — arvore parecida á precedente, e que é padrão de terra boa de cultura.

SARACURA — (Pintar a) — divertir-se muito; desmandar-se; exceder-se em alguma coisa.

SEA — vulgar abreviação de senhora.

SEDENHO — o pello do animal beneficiado e manufacturado, como nas cordas, redeas, etc.: redea de sedenho de cabrito, por ex.

SEGUIDINHO, adv. — muito frequentemente.

SEGUNDAR, v. tr. — repetir, fazer uma coisa duas vezes: segundar o tiro, segundar o pito ou reprehensão.

SEM-FIM, s. m. — o mesmo que *sacy* e *peixe-frito*.

SEM MAIS QUÊ NEM P'RA QUÊ — sem tirte nem guarte; sem razão alguma; inesperadamente.

SEM NÃO — fórma de exclusão, em que o *não* entra apenas como expletiva.

SENHOR-VELHO — o antigo dono do escravo.

SENTAR, v. intr. — assentar-se; pousar.

SENTIDO, A — enfraquecido pelo cansaço (diz-se do animal).

SENZALA — V. *Sanzala*.

SEO — abreviação vulgar de senhor.

SERAPILHEIRA — (pron. *serapieira*) — a vegetação rala e rasteira da mata-virgem; as pequenas raizes das arvores, que surgem á flor do chão.

SERELÉPE, s. m. — o caxinguelê, especie de esquilo, roedor silvestre.

SERRARIA — grande quantidade de serras em continuação.

SETE-CASACAS, s. f. — arvore da mata-virgem.

SIRIGÓTE — especie de lombilho, sella simples.

SIRIRICA, adj. — o mesmo que *piricica*; sem juizo, doidivanas.

SIRRE — se ri.

SOCCADO, s. m. — lombilho de couro crú, de cabeça alta, usado principalmente pelos domadores.

SOCCAR OS PÉS EM — abandonar; desprezar.

SODADE — saudade.

SOFRAGANTE (no) — no flagrante ; de repente.

SOFRALDA — aba de monte ou serra.

SOJEITO — sujeito.

SOLA (De) e vira — de virar e romper (diz-se duma pessoa bem preparada para alguma coisa).

SOLAES, s. m. — a parte da pedra ou rocha que, no alto do morro ou serra, começa a encurvar-se para o declive.

SOLAMA, s. f. — grande claridade, grande calor de sol.

SOLETRAR, v. tr. — dizer, expôr, narrar.

SONEGAR, v. tr. — negar ; retirar alguma coisa da vista ou do alcance de alguem.

SONHOS — biscouto de farinha e ovos, frito em gordura.

SORONGA, adj. — atoleimado, tonto ; molle, desgovernado.

SORTE (Dar) — ter bom exito, alcançar successo ou applausos.

SOSSÉGA, s. m. — biscouto de farinha de trigo e ovos, especie de *sonhos*.

SOVADO, A — cansado, fatigado.

SUMO DA CANNA — cachaça.

SUPETÃO (Num) — de repente, de arranco, de golpe.

SURRÃO (Arrastar) — fazer bazofias, roncar valentia, ameaçar.

SURUPANGO — divertimento das crianças, em roda e com canto.

SURUQUÁ, s. m. — linda ave silvestre, de que ha mais de uma especie.

SURY, adj. — suro, rabi, rabicó ; sem cauda ; sem mangas (falando-se das camisas).

SUSPENDER, v. intr. — ir o canto a uma oitava acima, ou mudar de toada em repetição da dos versos iniciaes, na moda do fandango ou catêrêtê.

SUSTANCIA — força, robustez, coragem.

SYMPTOMA — apparencia, parecença, similhança.

SYNAGOGA (Fazer) — reunirem-se varios individuos em grupo desordenado e barulhento.

SYSTEMA — usado como fem.

T

TABATINGA, s. f. — barro azul e mais consistente, que se encontra nas bossorócas e solapas.

TABÔA, s. f. — especie de planta aquatica.

TAÇUÍRA, s. f. — especie de formiga pequena.

TAFULO — namorado, amante.

TALA, s. m. — relho grosso, feito de uma tira apenas de couro ou terminado por ella.

TALENTO — força, robustez, vigor.

TALHADA — rapadura feita com farinha de mandioca.

TANTAN, adj. — desequilibrado, tonto, maluco, aluado.

TÁ e TÃO — está, estão.

TAPADA (Cumbersa) — conversa muito seguida e sem interrupções.

TAPENA, s. f. — ave do sertão.

TAPÉRA, s. f. — fazenda, casa, sitio, logar abandonado, onde o mato cresceu livremente. Como adj. dos 2 gen., significa: desarvorado, fóra de si, atoleimado, tonto.

TAQUÁRA, s. f. — graminea alta, de que ha varias especies: a *póca* ou branca é uma dellas.

TAQUARY, s. m. — especie de taquara, fina e flexivel.

TARUMAN, s. m. — arvore de mata-virgem.

TATÚ, adj. — variedade de porco domestico.

TATURANA, s. f. — insecto mole, que mora nas arvores.

'TEJA, 'TEJE — esteja.

TEMPÃO — grande duração de tempo,

TEMPO-QUENTE — barulho, discussão, briga; movimento desusado.

Tenência, s. f. — geito, costume, habito (em bom sentido).

Tenham — têm (3.ª pess. do sing. do pres. do indicat.).

Ter, v. intr. — haver.

Ter com quê — ser abastado, ter meios fartos de subsistencia.

Terno, s. m. — grupo.

Tianha, s. f. — teimosia, birra; mau costume.

Tiaporanga, s. f. — embriaguez.

Tiba, adj. — cheio, atestado, acugulado.

Tico-tico — passarinho dos cultivados.

Tigoéra, s. f. — o cannavial, arrozal, milhal ou planta de producção periodica, depois do corte ou colheita.

Timbó, s. m. — especie de cipó venenoso. Molleza, entorpecimento de membros.

Timbury, s. m. — arvore conhecida; do tronco se fazem canoas, gamellas, etc.; o fructo, ou orelha, é utilizado como sabão, sem preparo algum.

Tipity, s. m. — cesto movel, feito de taquara ou rama de palmeira, que serve para espremer a mandioca, no preparo da farinha. Atrapalhação, aperto, apuro.

Tique (Nem) nem taque — nada.

Tiquinho — boccadinho, pouquinho.

Tocado, a — levemente embriagado.

Tocaiar, v. tr. — fazer tocaia ou espera traiçoeira, aggredir alguem.

Toca-que-toca — fórma intensiva do verbo tocar, significando pressa ou atropello.

Tocar viola sem corda — dizer coisas despropositadas, falar aereamente.

Tócos (Bater os) — ir embora, viajar para algum logar.

Toeiras (Estar nas) — muito apertado; atrapalhado ou confundido.

TOMAR CONTA DE — dirigir alguem ou alguma coisa; criar, educar.

TOMBOS (Ser os) — trabalhar com dedicação; ser pessoa indispensavel numa casa.

TORDILHO, A — côr de animal de montaria, o mesmo que *ruço, a.*

TOSTADO, A — moreno. Em relação ao cavallo, diz-se lazão tostado o que é de côr mais escura.

TOVACA, s. f. — ave de mata virgem. Tambem se diz *tubaca.*

TRABUCADOR, TRABUCADEIRA DA VIDA — trabalhador, trabalhadeira.

TRABUCAR A VIDA — trabalhar.

TRAMA, s. f. — negocio que assenta em permuta ou barganha.

TRANÇAR, v. intr. — cruzarem-se os dansadores, em certa parte do fandango.

TRAPEIRA, s. f. — atrapalhação; estorvo.

TRAPOEIRABA, s. f. — capim vulgar e rasteiro.

TRAPUCAIA, s. f. rebento da aboboreira, que se come cozido. No sul chama-se mais vulgarmente *cambuquira.*

TRASTARÍA, s. f. — grande quantidade ou accumulo de trastes, moveis e demais utensilios caseiros.

TRASTE, s. m. — além da accepção portuguêsa, significa valdevinos, individuo de más qualidades.

TREM, s. m. — traste, objecto de uso domestico.

TRES ÉFES, s. f. — marca vulgar de polvora.

TROPICAR NA CUMBERSA ou CONVERSA — hesitar, vacillar, calar-se de repente.

TRUCO-FECHA — decidido, disposto, valente. A ultima palavra sobre alguma coisa.

TUBIANO, A — pampa, côr de cavallar.

TUDO, A — todo.

Tulha, s. f. — a eira ou terreno, geralmente cercado, em que se põem os fructos colhidos a seccar.

Tundá, s. m. — calombo, excrescencia, tumor, inchação nas costas. Anquinhas.

Tutú (Ser o) — o chefe, o maioral, o manda-chuva; pessoa que, por seus actos, inspira geral terror.

Tyranna (Botar a) em — falar mal de alguem.

U

Uai! — interj. que se usa no fim da phrase, ou destacadamente.

Ué! — interj. admirativa.

Uiai! — interj. de espanto.

Unha-de-gato — especie de cipó, que dá flores côr de enxofre em cachos.

Uns par, umas par de — alguns, algumas.

Urbano, s. m. — soldado de policia.

Urucurana, s. f. — arvore de mata-virgem.

Ussêgo e ossêgo — sossêgo.

Ustentar — sustentar.

V

Vacê — você, porém mais respeitoso.

Vagarento, a — vagaroso.

Vancê — você, tratamento de mais respeito.

Varar, v. tr. — atravessar tempo ou logar. Varar por — passar por.

Varejoada — pancada, impulso dado com o varejão.

Veira — beira.

Veirar — abeirar.

Velhaco, a — animal que tem manha occulta.

Velhaquear, v. intr. — dar o animal saltos ou corcovos.

VELHO, A (acompanhado de *o, a* ou de *meu, minha*) — o pae, a mãe.

VENHAM — vêm (3.ª pessoa do pres. do indic. do verbo *vir*, no sing.).

VENTENA — mulher perdida.

VER — usado frequentemente em logar de *ouvir*. Como, tal qual.

VEREDA (De) — de repente, em acto continuo.

VERSO — a quadra inteira, que se recita, ou se diz solta, ou se canta antes da moda de fandango.

VÉSPRINHA — vespera muito proximo ao dia.

VESTIDO DE ANJO — embriagado.

VÉVE — vive.

VEVÚIA — juruty do mato virgem. V. *Juruty*.

VIDA (Mulher, moça da) — fadista, prostituta.

VIDA (Fazer) com — juntar-se, fazer vida commum.

VIDRO (Ser o) de — muito querido, muito amado, muito zelado.

VIGIAR, v. tr. — campear, buscar, procurar.

VINDOURO, A — o que veiu de outra localidade; o que não é natural da povoação e nella se acha de novo.

VINGAÇÃO — vingança.

VINTE (Ás) — de repente, ás carreiras, muito á pressa.

VIOLENTO, A — apressado, rapido, veloz.

VIRAÇÃO — movimento, ida e vinda, alternativa.

VIRAR (Homem de) — que costuma embriagar-se.

VOGAR, v. intr. — estar na moda. Influir.

VOLTA — remedio; emenda.

X

XAVY, adj. — envergonhado, vexado.

XINTAN — nambú das capoeiras e dos campos. E' a especie menor. V. *Nambú*.

Z

Zunideira — som agudo e prolongado ; a impressão que tal som deixa nos ouvidos.

INDICE

Carta de Agenor Silveira V

Scena de amor 1
Por mexericos 7
Hora quieta 13
Na tapera de nho Tido 19
Pijuca 29
Valentia 35
Mamãe 41
As fruitas 47
Velha dor 53
Missa da Paschoa 59
Faiscador de carumbé 65
Camunhengue 73
Salvação 85
Ultima vez 91
Anna Cabriuvana 97
Constancia 111
Avinha má 117

Na ceva 125
Pinhan refugada 131
Historia antiga 137
Esperando 143
Saudades do Natal 149
Os curiangos 157
Desespero de amor 173

Vocabulario 185

Q
2
/42

17836

